

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE E OS DESAFIOS FRENTE À CARREIRA E À
SEPARAÇÃO DO BEBÊ**

Greyce Rocha Beltrame

Mestranda

Prof^a. Dr^a. Tagma Marina Schneider Donelli

Orientadora

São Leopoldo, Setembro de 2012

UNIVERSIDADE DO VALE DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE E OS DESAFIOS FRENTE À CARREIRA E À
SEPARAÇÃO DO BEBÊ**

Greyce Rocha Beltrame

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tagma Marina Schneider Donelli

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS, para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia Clínica.

São Leopoldo, Setembro de 2012

Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS
Programa de Pós Graduação em Psicologia

**A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE E OS DESAFIOS FRENTE À CARREIRA E À
SEPARAÇÃO DO BEBÊ**

Elaborada por
Greyce Rocha Beltrame

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS, para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Tagma Marina Shneider Donelli
(Orientadora)

Prof^ª Dr^ª Tania Mara Marques Granato (PUC Campinas)
(Membro)

Prof^ª Dr^ª Giana Frizzo (UFGRS)
(Membro)

Prof^ª Dr^ª Silvia Pereira da Cruz Benetti
(Membro)

São Leopoldo, Setembro de 2012.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai Renero,
a minha mãe Jaqueline, à minha irmã Giulia
e ao meu esposo, Radamés pelo suporte e amor
dispensados ao longo de minha vida,
especialmente nesta minha experiência no mestrado.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	10
Sessão I- MATERNIDADE E A CARREIRA: NOVOS DIRECIONAMENTOS FRENTE À CONCILIAÇÃO DE PAPEIS.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 História e Psicanálise: A Valorização da Maternidade.....	14
1.2 Maternidade nos Dias de Hoje.....	19
1.3 Maternidade e Carreira.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
Sessão II - A MÃE E O RETORNO AO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE FRENTE À SEPARAÇÃO DO BEBÊ.....	40
1 INTRODUÇÃO.....	41
1.1 Construindo a Experiência de Ser Mãe.....	42
1.2 A Alternância Presença-Ausência: Sentimentos diante da separação e da ida do bebê à Escola de Educação Infantil.....	46
2. MÉTODO.....	50
2.1 Delineamento.....	50
2.2 Participantes.....	50
2.3 Procedimentos e Instrumentos.....	51
2.3.1 Entrevista de Dados Demográficos da Mãe.....	52
2.3.2 Entrevista Adaptada sobre a Experiência da Maternidade e Desenvolvimento do Bebê no Terceiro Mês do Bebê.....	52
2.3.3 Entrevista Semi-Estruturada sobre os Sentimentos diante da Separação Mãe e Bebê e o Retorno ao Trabalho.....	52
2.3.4 Genograma Familiar do Casal Adaptado à Mãe.....	53
3 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	53

3.1 Caso 1.....	54
3.2 Caso 2.....	63
3.3 Caso 3.....	72
3.4 Caso 4.....	82
3.5 Síntese dos Casos Cruzados.....	91
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS- Experiência do Mestrado.....	116
REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO.....	118
ANEXOS	
Anexo A.....	120
Anexo B.....	121
Anexo C.....	122
Anexo D.....	124
Anexo E.....	125

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 Participantes.....	51
Quadro 2. Síntese das convergências do eixo construção da carreira.....	92
Quadro 3. Síntese das convergências do eixo a experiência de ser mãe.....	97
Quadro 4. Síntese das convergências do eixo primeiras separações.....	102
Quadro 5. Síntese das convergências do eixo retorno ao trabalho.....	103

A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE E OS DESAFIOS FRENTE À CARREIRA E À SEPARAÇÃO DO BEBÊ

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado buscou compreender a experiência da maternidade em relação à separação do primeiro filho, no período de adaptação do bebê na escola de educação infantil, devido ao fim do período de licença-maternidade e o retorno ao trabalho. Estudou-se sobre o valor materno atribuído à mulher ao longo de três séculos, compreendendo as transformações nesses papéis a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho e aprofundando a revisão entorno das pesquisas que se propõem articular os dois temas, maternidade e carreira. Com base nestas referências e no entendimento que a psicanálise dá as transformações psíquicas necessárias para a mãe voltar-se nos momentos iniciais da vida do bebê à relação mãe-bebê foi realizado um estudo qualitativo com delineamento de Estudo de Casos Múltiplos. Participaram desta pesquisa 4 mães primíparas que encontram-se no período de adaptação do bebê à Escola de Educação Infantil devido ao seu retorno ao trabalho pelo fim da licença-maternidade. Através de quatro entrevistas foram investigados: o perfil das mães, a experiência da maternidade e seus sentimentos, o trajeto da carreira, bem como as expectativas e dificuldades quanto ao retorno e o genograma da família. A pesquisa mostrou o valor que as participantes atribuem ao trabalho, o conflito das mães que sabem das suas funções com os bebês, mas sentem-se mais adaptadas no ambiente profissional, a visão da escola como um ambiente que possibilita a socialização do bebê e as estratégias para conciliar os papéis de mãe e profissional. Considera-se que esta dissertação pode contribuir para a ampliação de reflexões acerca da mulher e de sua função como mãe na sociedade atual, abrindo espaços de aprimoramento e discussão com as pessoas responsáveis pelos cuidados nos bebês na primeira infância, no sentido de prevenção e intervenção nos novos locais de subjetivação.

Palavras-chave: maternidade; trabalho; escola de educação infantil; bebê.

ABSTRACT

This Master's thesis pursues to deepen the experience of being a mother today, meeting the demands required for women both in public and the importance of their presence in baby's life. Thus, this work provides thoughts about women who reconcile motherhood and work, focusing on mothers who are experiencing the moment of separation from their babies for the option to reinvest in career after the end of maternity leave period. For this, it was presented a theoretical paper that talks about the value assigned to motherhood over three centuries, including changes in the mother's role from the women's entry into labor market and articulating the issues motherhood and career. Based on the understanding that psychoanalysis gives necessary psychic transformations for mother to turn to mother-infant relationship, in the initial moments of baby's life, the second study is presented. It is an empirical paper that aims to understand the experience of motherhood related to separation from first-born child in baby's adjustment period at school of early childhood education, owing to the end of maternity leave period and the return to work. It was realized a qualitative research using Multiple Case Study approach. The participants of this study were four first-time mothers who were passing through baby's adjustment period at Early Childhood Education School because of their return to work by the end of maternity leave. Through interviews and genogram of the family, results show the value that participants attribute to their work, as well

as the conflict of mothers who know their duties with babies, but they feel most appropriate at workplace. It is also explored mother's view about school as an environment that enables baby's socialization, and strategies to balance mother and career roles. It is considered that the present thesis can contribute to a broadening on reflections about woman's role as a mother in contemporary society, paving the way for improvement and discussion with people who are responsible for baby's care in early childhood, toward to prevention and intervention at early childhood education school, which it is understood as a new place of subjectivity.

Key-words: Motherhood; Work; Early Childhood Education School; Baby

1 APRESENTAÇÃO

A maternidade e a carreira são temas amplamente debatidos no senso comum, especialmente o desafio da mulher atual em conciliar o papel de ser mãe e trabalhar. Evidencia-se tal interesse em revistas de gestantes, programas de televisão, blogs e diversos meios de comunicação onde as mulheres dividem suas experiências e angustias diante de duas tarefas que exigem delas extrema dedicação (Jerusalinsky, 2009). A inquietação pelo tema, foi observado pela própria pesquisadora nos diversos meios em que as mulheres comparecem, seja no ambiente profissional ou mesmo acadêmico. Diante disso, questionou-se o que a comunidade científica traz de contribuição a respeito da relação mãe-bebê à mulher atual?. Tal questão é o norte desta dissertação, que optou por escutar as mulheres- mães que estão retornando ao trabalho, buscando articular sua história com a teoria.

A maternidade e as funções maternas fundamentais para a constituição do indivíduo são tomadas como base desta pesquisa. Autores como Winnicott (1956/2000, 1963/1983, 1975), Kupfer *et al.* (2009), Maldonado (1997), Stern (1997), Brazelton e Cramer (1992) e Jerusalinsky (2009) abordam as importantes transformações que a maternidade traz na vida da mulher. Eles elucidam os processos psíquicos que ocorrem desde a gestação, com a finalidade de antecipar e construir um estado emocional na mãe que tem a finalidade de suprir mais do que as necessidades corporais, construir bases para a estruturação do psiquismo em seu bebê.

Cada autor denomina o mergulho da mulher no mundo da maternidade de forma diferente. Winnicott (1956/2000) chama de preocupação materna primária; por Stern (1997) de constelação da maternidade; Jerusalinsky (2012) traz a respeito da virada narcísica. Mesmo com denominações distintas, a finalidade dos autores é mostrar que a mãe ou a pessoa que se ocupa do bebê, nos primeiros momentos da vida dele, precisa identificar-se profundamente com seu bebê para dar a ele um laço de filiação.

Não perdendo isto de vista, considera-se também fundamental situar a mãe em um determinado contexto social (Scavone, 2001). No contexto atual, há mudanças econômicas que atestam que as mulheres estão consolidadas no mercado de trabalho (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010), e que a ida ao espaço público gerou modificações na relação da mulher com a maternidade. Algumas mulheres optam por adiá-la (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Hewlett, 2002), outras sentem a sobrecarga da dupla jornada de trabalho

(Fleck & Wagner, 2003). Outras, ainda, buscam estratégias como a terceirização dos cuidados infantis.

Assim, para compreender a mãe da atualidade, é necessário tomar estes dois vieses, o da importância intrapsíquica na mãe para seu bebê e o das mudanças sociais no papel da mulher. Autores psicanalíticos vão trazer a respeito das novas formas de sofrimento psíquico da mãe contemporânea (Granato & Aiello-Vaisberg, 2009; Jerusalinsky, 2009; Kehl, 2008, Sigal, 2002), bem como novos modos de se pensar as instituições responsáveis por dar continuidade aos cuidados do bebê enquanto esta se volta ao mercado de trabalho (Bernardino & Kamer, 2003; Flack & Sordi, 2007; Mariotto, 2003).

Tomando a amplitude de tais questões apontadas acima, este estudo está organizado em dois artigos. No primeiro, que consta na seção I desta dissertação, optou-se por revisar, através de um artigo teórico, uma breve construção histórica da maternidade e seu percurso de valorização do papel materno ao longo de três séculos, além das mudanças decorrentes da entrada da mulher no mercado de trabalho, abordando pesquisas que investigaram a respeito da mulher que opta por ser mãe e trabalhar. O artigo aponta que essas mães optam pelas chamadas redes de apoio para cuidar de seus filhos. O segundo, constante na seção II, consiste no artigo empírico, que retrata a pesquisa realizada em um dos locais mais buscados como redes de apoio à mulher, as escolas de educação infantil (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa, 2010). Através de entrevistas, buscou-se compreender como as mães que estão prestes a voltar a trabalhar estão se sentindo diante da separação do bebê e quais os significados que elas estão dando a este momento. Por fim, apresentam-se as conclusões gerais a respeito desta dissertação, e as considerações finais sobre a experiência do mestrado.

Sessão I- ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA

MATERNIDADE E A CARREIRA: NOVOS DIRECIONAMENTOS FRENTE À CONCILIAÇÃO DE PAPEIS

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão de literatura a respeito de dois temas vivenciados na vida de muitas mulheres: maternidade e carreira. Discorre-se sobre a história da mulher ao longo dos séculos e as transformações em seus papéis de acordo com os interesses e valores sociais dados as crianças, onde a mulher passa a ter seu espaço como mãe reconhecido e valorizado. Também apresenta-se o que a entrada e consolidação da mulher no mercado do trabalho trouxe de implicações à maternidade. E aprofunda-se o tema com as pesquisas que abordam o tema maternidade e carreira, buscando apresentar os sentimentos, dificuldades e estratégias das mulheres que optam por trabalhar e ser mãe. Diferentes estudos apontam que conciliação entre a maternidade e a carreira é vivenciado como um conflito para a mulher atual, pelas novas demandas que lhe são apresentadas em função da necessidade/opção de muitas em conciliar o espaço público e o privado

Palavras-chave: Maternidade; Carreira; Conciliação de Papeis.

ABSTRACT

This article presents a literature review concerning two issues that many women experienced in their lives: motherhood and career. It discusses about women's history over the centuries and the changes in their roles according to social and value interests in children, which women have got a recognized and valued space as a mother. It also shows what implications the entry and consolidation of women into labor market have brought to motherhood. It goes further into this subject by researches that approach motherhood and career, in order to present feelings, difficulties and strategies of women who choose to work and be a mother. Different studies show that balance between motherhood and career is experienced as a conflict for modern woman for new demands that are presented by the need/choice of many of them to conciliate public and private spaces.

Key-words: Motherhood; Career; Balance of Roles.

1 INTRODUÇÃO

O panorama de crescimento e consolidação da participação da mulher no mercado de trabalho, juntamente com os hábitos de vida dos grandes centros metropolitanos, tem transformado rotinas e trazido mudanças internas nos papéis familiares nos últimos anos, especialmente exercido pela mãe (Jerusalinsky, 2005; Rapoport & Piccinini, 2004). A inserção da mulher na esfera pública é confirmada pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Em 2008, a proporção de mulheres ocupadas em relação à população feminina em idade ativa cresceu, se comparada à de 2003, e ficou acima das dos homens nessa mesma situação, chegando a 43,1% (IBGE,2008). Os números avançam gradativamente, e, em 2010, na Região Metropolitana de Porto Alegre, elas já correspondiam a 45,9 % (IBGE, 2010).

Tal crescimento vem acompanhado de modificações no universo de trabalho, e cada vez mais as mulheres são figuras representativas nas organizações. No universo político, elas não são apenas eleitoras, são eleitas a cargos de relevância, a exemplo da Presidente Dilma Rousseff. E, no universo familiar, as mulheres são as figuras que representam a principal cuidadora dos filhos e do lar. A posição simétrica que a mulher conquistou na sociedade atual, em relação ao universo masculino, trouxe consequências decorrentes das suas próprias escolhas.

A partir dessas considerações, este artigo irá focar-se em dois fenômenos cada vez mais recorrentes nas demandas contemporâneas na vida da mulher: maternidade e carreira; e mais especificamente, a conjunção de ambos. O objetivo é compreender o que as pesquisas têm tratado sobre esses dois temas, contemplando questões da maternidade atual e os sentimentos e estratégias para lidar com a maternidade e a carreira.

Tomando a maternidade como um objeto de estudo que tem seu conceito modificado ao longo do tempo, percebe-se que ela é influenciada diretamente por fatores culturais e sociais, que vão apoiando-se em torno de ideais a respeito da mulher, da procriação e da criança (Molina, 2006) e não podem ser renegados. Assim, o interesse em estudar os múltiplos papéis ocupado pela mulher na atualidade é justificado, primeiramente, pela importância que socialmente foi atribuída ao papel da mãe, ao considerá-la sujeito primordial para suprir as necessidades do bebê, inicialmente biológicas, mas também psíquicas (Bernardino, 2006; Molina, 2008) fundamentais à constituição do sujeito (Jerusalinsky, 2002). Em segundo lugar, justifica-se, pelo crescente papel profissional da mulher e, conseqüentemente, pelo conjunto de mudanças que tal movimento acarreta, trazendo à mulher

manifestações distintas de sofrimento psíquico e de vivência seu cotidiano (Jerusalinsky, 2008; Kehl, 2008; Sigal, 2002).

Dessa forma, o estudo aqui proposto iniciará com uma breve perspectiva histórica da maternidade e do papel da mulher dentro da família, desde a Antiguidade, que a despojava da maternidade, até o início do século XXI, que valoriza o papel da mãe no espaço privado e da trabalhadora no espaço público. Posteriormente, será discutido o papel da mulher no século XXI, na tentativa de articular questões relacionadas à maternidade e ao trabalho.

1.1 História e Psicanálise: A Valorização da Maternidade

No decorrer da história, a mulher já ocupou o lugar da inocência, e do pecado, da castração e da onipotência, lugares estes que escapam das escolhas individuais e que estão implicitamente se modificando de acordo com os agentes sociais (Kehl, 2008). Na Antiguidade, de acordo com o estudo de Gomes (2000), o discurso dominante desempoderava as mulheres da maternidade e, apesar de reconhecer sua participação na fecundação, as deixava em segundo plano.

Os mitos criados vinham confirmar essa questão, uma vez que, neles, os filhos nascem da terra (Géia) e não da mulher. Por outro lado, a filosofia de Aristóteles, na busca de racionalizar os mitos em uma linguagem científica para a época, explicava que o verdadeiro gerador era o homem, sendo a mulher nada mais que um corpo depósito do filho (Gomes, 2000; Lobo, 2008).

Já na Idade Média, as concepções a respeito da mulher eram baseadas nas interpretações bíblicas. O discurso da maternidade estava dominado por aspectos associados às questões fisiológicas, como procriação, gestação, parto e amamentação. A relação conjugal era vivida em função da procriação, da fidelidade e da fisiologia da mulher, prevalecendo a premissa de que a mulher sentia maior prazer em amar do que em ser amada (Molina, 2006). Assim, antes da Revolução Francesa, a maternidade era vista como uma função procriadora da mulher. No entanto, devido à própria concepção de criança existente na época, foi entre os séculos XVII e XVIII que essa visão passou a se modificar.

Para Del Priori (2007), foi com o movimento higienista dessa época que médicos e educadores lutaram pela sobrevivência das crianças e pelo seu adestramento. Quando a criança, entre os séculos XVI e XVIII, passou a ser entendida como algo diferente do adulto, sobrevieram as preocupações educativas voltadas aos cuidados psicológicos e pedagógicos. Além disso, segundo Kehl (2008), pensadores como Rousseau, médicos e filósofos da Revolução Francesa buscaram encontrar signos no corpo feminino que pudessem ditar as

diferenças sociais e jurídicas entre homens e mulheres, construindo uma maneira de ser feminina que justificasse o lugar dado às mulheres.

A criança, então, passou a ser vista de outra forma, como um ser inocente que necessita de proteção. Essa concepção foi inspirada no pensamento de Rousseau, que contribuiu para a Revolução Francesa e para a ideia da maternidade como algo instintivo, onde a mulher passa a ser valorizada pela criação dos filhos (Molina, 2006).

Historicamente, Baptista (2003) recorda que houve o interesse pela diminuição da mortalidade quando a criança ganhou um valor mercantil, e o Estado, ao se dar conta do valor investido nos asilos para crianças e no alto índice de mortalidade, promoveu a educação dos bebês e colocou a mãe como personagem principal nos cuidados da criança. A consolidação da mulher como mãe ocorreu no início do século XIX, e sua posição na sociedade era a de manter a ordem no lar. De acordo com Kehl (2008, p. 66), “se a mulher só produz filhos, só se produz como mãe”, ou seja, feminino e materno tornaram-se, nessa época, sinônimos.

Dessa forma, a família nuclear, pai-mãe-filho, tal como veio a se configurar na atualidade, constitui-se em uma longa evolução entre os séculos XVI e XVIII. Tal família, chamada de moderna, de acordo com Roudinesco (2003), valoriza a divisão de trabalho entre o homem e a mulher, tendo no filho um sujeito voltado para a educação e o casamento fundado no amor romântico.

Badinter (1985) refere que a responsabilidade instituída à mãe não é algo que ocorreu desde sempre. Pelos motivos já tratados anteriormente, a mulher "transformou-se" em uma pessoa doce e sensata, passando a ter, cada vez mais, responsabilidade pela felicidade ou infelicidade dos filhos e investindo todos os seus desejos neles. Acrescendo, Badinter (1985) e Áries (1981) trazem que foi nesse momento que a mãe começou a ser a responsável pelos cuidados com o filho e que a mulher teve uma função social valorizada: a de ser mãe.

É nesse contexto de valorização da maternidade que a psicanálise oferece significativas contribuições. Fiorini (2006), ao tratar dos escritos freudianos a respeito da mulher e do feminino, considera que, frequentemente, os textos de Freud apresentam ideais burgueses patriarcais da Viena imperial da sua época. A família edipiana de Freud teve grande impacto nas relações familiares do século XIX e nas contemporâneas (Roudinesco, 2003).

Na obra de Freud, a formulação a respeito da organização genital infantil abre caminhos para o entendimento sobre o Complexo de Édipo (1924/1976) e a feminilidade (1932/1976). Para Freud, na menina, o complexo de castração inicia ao observar os genitais do outro sexo. Ela se sente injustiçada e inveja o pênis. Acredita, inicialmente, na possibilidade de possuir algo semelhante, mas o reconhecimento da falta deixa marcas no seu

desenvolvimento. Assim, é o complexo de castração que permite a entrada no Complexo de Édipo, quando a menina abandona a ligação com a mãe, devido à inveja do pênis, e entra na situação edípica com o pai, permanecendo nela por tempo indeterminado (Freud, 1932/1976).

A partir do reconhecimento da castração na menina, surgem três orientações possíveis para a sexualidade (Freud, 1931/1976). Entretanto, o estabelecimento da situação feminina somente ocorre “se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis” (p.158). Dessa forma, a obra freudiana atribui ao filho o lugar do falo e à mulher o lugar de mãe.

Ademais, para Gomes (2000), a primazia fálica descrita por Freud para explicar o desenvolvimento da sexualidade infantil não é uma compreensão nova. Ela está pautada na concepção de Aristóteles e Galeno, que definiam a mulher a partir da concepção de homem, sendo ela considerada imperfeita em comparação a ele. Essa visão permaneceu, mesmo quando Freud admitiu a diferença entre os sexos e colocou a maternidade como a realização do desejo da mulher através da equação pênis = filho, sendo o filho um substituto do pênis.

Roudisnesco (2003, p.147) ressalta que “Freud excluía a ideia de que seria possível uma separação entre o feminino e o materno, entre o ser mulher e a procriação”. Para Freud, os desejos de possuir um pênis e um filho estão fortemente catexizados no inconsciente feminino e marcarão o papel futuro da mulher (1924/ 1976).

A partir dessa concepção de Freud, os pós-freudianos dão ênfase à relação mãe-bebê. Para eles, a relação entre mãe e bebê é dual, e a criança é mais do que um objeto capaz de reparar a falta e, num momento de completude, possibilitando situar a mulher como fálica (Farias & Lima, 2004). Lobo (2008) refere que Winnicott, nesse momento histórico da psicanálise britânica, ao invés de um retorno a Freud com uma mãe que frustra e proíbe, descreve uma mãe mais emocional, destacando a importância da maternidade e os perigos de separar a criança da mãe. Nesse tocante, Wendland (2001), através de sua pesquisa acerca da evolução dos estudos de interação pais-bebê, destaca a intensificação desse tipo de estudos a partir da Segunda Guerra Mundial, pela importância que passou a ser dada às primeiras relações da criança, principalmente com sua mãe, para estabelecer as bases do desenvolvimento futuro como ser humano. A importância da figura materna necessária para proteger e promover o desenvolvimento do seu bebê foi amplamente destacada por autores como Klein (1969), Bowlby (1988), Lacan (1957/1995) e Winnicott (1951/1975, 1956/2000, 1967/1997).

Nas obras de Winnicott (1967/1997), uma contribuição fundamental é a noção de ambiente para o desenvolvimento infantil. Nele, a mãe tem uma função fundamental para o

bem estar e a saúde emocional de seu bebê. Winnicott introduz a noção de que não se pode conhecer somente o desenvolvimento da criança, mas é necessário atentar-se para o encontro dos dois, mãe e bebê, ou seja, o que se passa no encontro de ambos e na relação que se estabelece entre eles. O autor diz que “o essencial constitui a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no contato sem atividade e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas” (1999, p.05).

Em suas obras, ele ressalta a importância da mãe como ambiente facilitador ao bebê, para possibilitar seu amadurecimento (1966, 1964/1999). Winnicott (1951/1975) chama de “mãe suficientemente boa” aquela que realiza uma adaptação ativa às necessidades do seu filho. As necessidades de um bebê vão além de saciar sua fome, mas podem ser observadas de infinitas e sutis maneiras como necessidades corporais, necessidades de contato humano, sentir o cheiro da mãe (Winnicott, 1968/1999). Ocorre, por exemplo, quando a mãe, preparada psicológica e fisicamente, torna a experiência da amamentação uma experiência única para ela e para o bebê (1945/2000).

É nesse ambiente de integração que o bebê se constitui como unidade, mesmo dependente, sendo o seu ego organizado pelo apoio do ego materno que, com o decorrer do tempo, constitui sua personalidade (Winnicott, 1966/1999). A falha da mãe nesses momentos iniciais é sentida pelo bebê como uma ameaça à sua existência pessoal e não como uma falha da mãe (Winnicott, 1956/2000). Dessa forma, a criança só começa seu desenvolvimento real e pessoal com a presença de uma mãe suficientemente boa, uma vez que o ego da mãe, em consonância com o ego do filho, o apoia e lhe permite tornar-se ele mesmo (Winnicott, 2005), pois ela transforma invasões e imprevistos em experiências positivas, propiciando a ele confiar no mundo em que vive, algo extremamente necessário (1967/1999).

As revisões históricas a respeito da maternidade (Fiorini, 2006; Gomes, 2000; Moura & Araújo, 2004) destacam a contribuição da psicologia pós-freudiana no entendimento da importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento saudável da criança. Com isso, perdurou a demarcação da identidade masculina e da feminina, cabendo ao homem, figura destinada ao espaço público, o papel de provedor financeiro e protetor da família, sendo a figura de autoridade do lar, e à mulher a função de preservar a sexualidade e exercer a maternidade, dedicando-se ao lar e aos filhos, voltando-se à esfera privada (Colling, 2004; Negreiro & Féres-Carneiro, 2004; Kehl, 2008).

Ao mesmo tempo em que havia uma grande valorização da família, as feministas, após a Segunda Guerra Mundial, refutaram o determinismo biológico que reservava às mulheres o destino de ser mãe. Elas acreditavam ser a maternidade a explicação da

desigualdade entre homens e mulheres (Scavone, 2002). Dentre as diferentes fases e ondas do feminismo, na década de 60, nos Estados Unidos, elas lutavam pela igualdade, enquanto as francesas, na mesma década, lutaram pela valorização da diferença entre homens e mulheres (Narvaz & Koller, 2006).

Também os estudos históricos a respeito da família problematizaram a maternidade compreendida como instinto materno, ligado à natureza feminina. Autores como Chodorow (1990), Badinter (1985) e Ariés (1981) são os precursores de tais críticas. Eles mostram, através de suas revisões acerca da instituição familiar, que as atitudes maternas e o papel da mulher têm -se modificado, o que os levou a tratar a maternidade como um comportamento social determinado por um contexto socio-histórico. Nesse mesmo sentido, Roudinesco (2003) destaca a importância de conhecer a história da família, pois, segundo a autora, é conhecendo as mudanças que aconteceram dentro dos lares que se poderá compreender a desordem em tal esfera na atualidade.

Reportando-se para o Brasil, Biasoli-Alves (2000), através de relatos obtidos em um banco de dados, buscou estabelecer mudanças e continuidades específicas acerca da educação dada às mulheres das classes médias e popular da sociedade brasileira e de seu papel no contexto doméstico, do final do século XIX à década de 90 do século XX. Ao pesquisar os valores e suas formas de transmissão, os relatos dos idosos revelaram que as mulheres aprendiam a submissão, a delicadeza no trato, a pureza, a capacidade de doação, as prendas domésticas e habilidades manuais. Em se tratando das formas de controle, os relatos enfatizaram as mais frequentes: as ameaças de retirada de afeto, de abandono e solidão, castigo dos céus, remorso e culpa. Assim, restava às meninas agradar para ouvir elogios, e, dessa forma, a submissão reforçava a questão do domínio exercido sobre a menina desde criança (Biasoli-Alves, 2000).

Contudo, profundas mudanças ocorreram nos papéis do homem e da mulher, no último século. As novas configurações familiares vêm mostrando, de acordo com Wagner (2002), a desintegração da família tradicional e a reorganização dos papéis sociais, por parte tanto do homem quanto da mulher. Isso vem atingindo, diretamente, os papéis de mãe e de pai dentro do contexto familiar e, conseqüentemente, provocando modificações nas concepções de maternidade entendidas até então (Scavone, 2001).

A existência de novas tecnologias, como o uso dos métodos contraceptivos e do ingresso feminino no mercado de trabalho, veio desconstruir a visão da mulher como sinônimo exclusivo de mãe. No entanto, Scavone (2001, 2002), em sua revisão sociológica a respeito das mudanças mais marcantes nos padrões da maternidade contemporânea, alega que

ela é ainda um elemento cultural muito forte ligado à identidade feminina, pelos diversos fatores apontados acima. Com isso, serão abordadas a seguir as novas configurações da maternidade, não mais exclusiva e atrativa como nas décadas passadas.

1.2 Maternidade nos Dias de Hoje

A maternidade atual traz para as mulheres tentativas, implicações e conflitos distintos (Martinez & Barbieri, 2011), o que tem levado os estudos mais recentes a pesquisarem temas sobre diferentes condições maternas características da sociedade contemporânea. Com a diminuição da natalidade e a consolidação da mulher no mercado de trabalho, as pesquisas direcionaram seus focos para questões atuais, como maternidade tardia (Gomes, Donelli, Piccinini & Lopes, 2008), adoção (Sonego & Lopes, 2009), inseminação artificial (Spotorno, Silva & Lopes, 2008) e família homoparental (Martinez & Barbieri, 2011).

Nesse sentido, Sigal (2002), afirma que a maternidade passa a ser entendida pela articulação entre o desejo e seu contexto socio-histórico, o que pode ser explicado à luz das teorias do gênero. A psicanalista, em uma revisão dos textos de Freud, traz a importância do Édipo como percurso da sexualidade infantil. No entanto, não há uma linearidade no que irá acontecer na vida da mulher, pois sua história está cruzada com as questões de gênero, sociais e história individual, que possibilitará a singularidade do indivíduo. Assim, ela questiona a teoria freudiana que traz o filho como substituto do falo.

É nesse sentido que Jerusalinsky (2009) interroga se a equação apontada por Freud – “pênis-falo-bebê” – não seria uma naturalização, uma espécie de papel importante de um ciclo a ser cumprido na época. Isto porque, ao analisar a diversidade de realizações fálicas da mulher atual, - que podem ser observadas na forma como as meninas, desde a primeira infância, brincam de trabalhar, de ser super-heroínas atuais, em como elas formulam Ideais-do-eu próprios de seu tempo e também em como as mulheres se desdobram nas diferentes realizações implicadas no ser mulher, ser mãe, ser profissional- , é possível se perceber que a mulher da sociedade contemporânea é marcada pela ascensão no mercado de trabalho e na vida intelectual (Grant, 2002). Esses fatos mudaram o curso da história do sujeito, possibilitando novos direcionamentos.

No entanto, essas novas configurações não deixam de ter novas tensões. Uma delas é apontada no estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) e refere-se ao adiamento da maternidade devido à inserção da mulher das classes média e alta no espaço público, principalmente aquelas que priorizam suas carreiras profissionais. Em decorrência disso, há uma coincidência da idade de se dedicar à carreira e a de ser mãe, e essas duas tarefas exigem extrema dedicação (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Brazelton, 1988).

Os dados preliminares do **Censo 2010** (IBGE, 2011) vêm reforçar a tendência ao adiamento da maternidade. O padrão de fecundidade das mulheres brasileiras alterou-se comparado com a dos os Censos anteriores. Até 2000, havia uma tendência de rejuvenescimento, ou seja, uma maior concentração de filhos nas idades mais jovens. No entanto, os últimos dados mostram uma queda dessas taxas nas faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos e um aumento da fecundidade de 27,6% para 31,3% nos grupos acima de 30 anos.

Dentre os fatores que levam ao adiamento da maternidade, estão: disponibilidade dos métodos contraceptivos, postergação do matrimônio, níveis educacionais e profissionais elevados e conquista de estabilidade e independência financeira (Lima, 2010; Gomes *et al.*, 2008). Em um estudo a respeito da maternidade tardia, a revisão está basicamente pautada em estudos internacionais. No Brasil, ainda são poucos os trabalhos que abordam a experiência de maternidade tardia (Gomes *et al.*, 2008).

Em um dos estudos internacionais sobre o tema, Benzies, Tough, Tofflemire, Frick, Fabere e Newburn-Cook (2006) examinaram, qualitativamente, fatores que influenciam as decisões das mulheres em postergar a gravidez e a maternidade no Canadá. Na pesquisa, as participantes foram organizadas em grupos focais de acordo com a idade e o estado fértil. A partir da teoria ecológica de Brofenbrenner, os fatores que se destacam nas mulheres que optaram pela maternidade depois dos 30 anos são busca pela independência financeira, plano de vida definido, ter um parceiro para compartilhar a vida familiar e aceitabilidade da gravidez tardia pela sociedade. Este último fator chama atenção, pois as participantes relatam que, socialmente, a gravidez tardia é aceitável e inclusive normal.

Segundo Mansur (2003), a maior parte dos estudos brasileiros relaciona a opção por uma gravidez tardia com um dos seus principais dilemas, a infertilidade. Scavone (2001) afirma que as tecnologias reprodutivas mudaram o perfil da prática social da maternidade. Essas modificações são apontadas pelos estudos a respeito da infertilidade, da opção por procedimentos de inseminação artificial (Borlot & Trindade, 2004; Nascimento & Terzis, 2010) e por aqueles que discutem as principais tendências da fecundidade no Brasil (Lima, 2010) ou na Europa (Gustafsson, 2003). Eles destacam o planejamento da carreira e o nível de educação como fatores relevantes para o adiamento da maternidade.

Apesar da escolha da maternidade encontrar-se limitada no tempo (Hewlett, 2002; Jerusalinsky, 2009; Rocha-Coutinho, 2003), a falsa de promessa que poderão engravidar quando quiserem faz as mulheres relacionarem maternidade com à busca pela independência financeira e a qualificação profissional (Benzies *et al.*, 2006; Rocha-Coutinho & Rocha-

Coutinho, 2011; Souza, Teixeira, Loreto & Bartolomeu, 2011) e não com a idade. Essa mensagem é divulgada e reforçada através de campanhas publicitárias sobre os avanços da ciência reprodutiva (Hewlett, 2002). Tal fato, segundo Hewlett (2002), só agrava o problema, dando às mulheres a ilusão de que podem atrasar a maternidade até que suas carreiras estejam bem estabelecidas. Na sua pesquisa (Hewlett, 2002), 89% das mulheres jovens bem sucedidas acreditam que elas serão capazes de engravidar em seus 40 anos. No entanto, apenas 3% a 5% das mulheres que tentaram a fertilização *in vitro* com 40 anos realmente tiveram sucesso em ter uma criança.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2009 (IBGE, 2010), confirma a tendência apontada acima. A taxa de escolarização é um fator fortemente está relacionado com o número de filhos. Mulheres com menos de sete anos de estudo têm, em média, no Brasil, 3,19 filhos. Já entre as mulheres com oito ou mais anos de escolaridade, a média cai para 1,68 filhos (IBGE, 2010). Porém, escolarização e número reduzidos de filhos não esgotam os dilemas da maternidade na atualidade. A mulher que quer ser mãe e seguir carreira, ainda hoje, é a principal responsável pelas atividades de cuidados com seus filhos (Scavone, 2001).

A sobrecarga das mulheres nas atividades domésticas também foi confirmada no estudo de Fleck e Wagner (2003). Mesmo as mulheres responsáveis pelo sustento familiar e que estão em igual ou mais tempo no trabalho são quem se responsabiliza pelos cuidados dos filhos e da casa. Seria esse fenômeno que faria a mulher optar cada vez mais pela não-maternidade?, questiona Scavone (2001).

A opção pela não-maternidade é um fenômeno contemporâneo, proveniente das transformações na família (Rios & Gomes, 2009). Em diversos países do mundo, vem aumentando a renúncia voluntária a ter filhos (Abma & Martinez, 2006; Benzies *et al.*, 2006; Lee & Gramotnev, 2006). Na revisão bibliográfica de Rios e Gomes (2009) a respeito de pesquisas com o tema sobre a opção de não ter filhos, apenas quatro foram encontradas no país. As autoras consideram que o número de estudos nacionais são raros por ser este um fenômeno novo no Brasil.

Já no âmbito internacional, uma abundância de estudos foi encontrada. Entre as principais motivações que levaram à escolha por não ter filhos, estão a existência de uma ligação entre a família de origem e a opção por não ter filhos, a qualidade do relacionamento conjugal e preconceitos e estigmas sofridos (Rios & Gomes, 2009). No estudo longitudinal com 7.448 mulheres entre 22 e 27 anos que não têm filhos, Lee e Gramotnev (2006) investigaram o plano para a maternidade em jovens australianas. Das participantes, 9% não

querem ter filhos, e 72% querem ter um ou dois. Apesar dos resultados trazerem poucas evidências sobre a rejeição da maternidade, múltiplos fatores são citados pelas jovens que não pretendem ter filhos, tais como a previsão de que futuramente terão que conciliar maternidade e trabalho remunerado.

Diante das particularidades da mulher atual, Molina (2006) atenta para o fato de que, hoje, a maternidade não tem uma visão tão atrativa como em outras épocas. Dadas as características da sociedade pós-moderna, há um aumento de possibilidades e exigências em torno da mulher e de sentimentos de insuficiência frente às responsabilidades. Mansur (2003) realizou um estudo exploratório com oito mulheres entre 40 e 50 anos que não têm filhos. Dentre as participantes, seis delas são denominadas “adiadoras”, ou seja, apesar da idade, estão vivenciando o conflito entre a maternidade e outras áreas de sua vida. O dado acima corrobora a pesquisa de Hewlett (2002), chamando atenção para o fato de, que muitas mulheres altamente qualificadas não optam pela não maternidade: esta, na realidade, é uma não escolha, na medida em que postergam esse projeto até se tornarem inférteis.

Muitas dessas mulheres vivenciam o trabalho como uma posição importante em suas vidas. Dessa forma, primeiramente se estabelece a equação simbólica pênis=falo=trabalho, vindo posteriormente o bebê. Nesse caso, o trabalho pode ser uma experiência vivenciada como deslocamento da maternidade no que se refere à realização fálica. Conseqüentemente, muitas mulheres vivenciam crises de angústia pela falta de sincronia entre o tempo necessário para percorrer as equivalências fálicas antes de chegar ao bebê: o tempo cronológico dessas realizações e o tempo orgânico da fertilidade, ou seja, o tempo faz necessário acelerar uma escolha (Jerusalinsky, 2009). E quando as mulheres optam por investir em ambos?

1.3 Maternidade e Carreira

A emancipação feminina significou uma soma de responsabilidades, conjugando o ser mãe e o ser profissional (Grant, 2002; Jerusalinsky, 2009). Porém, não se pode pensar vida pessoal e da profissional de maneira dicotômica. Para o indivíduo construir sua carreira, as metas da vida pessoal e profissional têm que ser pensadas e planejadas em consonância (Lima & Tose, 2001). Nessa perspectiva, como a mulher estará organizando a maternidade e a carreira em sua vida? Na busca de estudos sobre o tema maternidade e carreira, trabalho remunerado e carreira distinguem-se, de forma antônima.

Neste artigo, será tomada a definição de carreira da autora Savioli (1991), que afirma que a carreira pode e deve ser planejada pelo próprio indivíduo, através de alguns aspectos como: autoconhecimento de suas habilidades, aprendizado com as experiências tanto pessoais quanto profissionais e ações voltadas para seu próprio objetivo. Isso significa que a carreira

não precisa ser vivenciada dentro de uma instituição ou de uma organização, ela se refere ao crescimento, à mudança e à adaptação nos empregos que o indivíduo percorreu (Carvalho, 2006). Dessa forma, a mulher que tem uma carreira tem uma opção de trabalho que lhe propicia crescimento e satisfação, e é isso que a diferenciara da mulher com trabalho remunerado, na medida em que a carreira não está atrelada a um vínculo empregatício em uma determinada instituição, mas trata do processo de crescimento/desenvolvimento profissional de um indivíduo ao longo de sua vida, independentemente do emprego que ocupe.

Pesquisas na área da Economia estudam o efeito da maternidade na permanência da mulher no mercado de trabalho (Souza Rios-Neto & Queiroz, 2011; Pazello, 2006; Pazello & Fernandez, 2004). Essas pesquisas não buscam encontrar causalidades, mas associação entre esses dois fenômenos, eliminando o que esse grupo de estudos chama de causas endógenas (Souza Rios-Neto & Queiroz, 2011).

Com o objetivo de mensurar o impacto da maternidade sobre o engajamento da mulher no mercado de trabalho, Pazello e Fernandes (2004) compararam dois grupos: mulheres com filhos e mulheres que não tinham filhos. O grupo de mulheres sem filhos deveria ter pelo menos um filho que nasceu morto. Os pesquisadores queriam comparar mulheres com preferências semelhantes, ou seja, que queriam ser mães. Os dados para análise foram retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1992 a 1999. Os resultados evidenciam um impacto negativo da maternidade sobre a participação no mercado de trabalho, caindo em 10,28 pontos percentuais. Eles também indicam que há uma tendência à diminuição de tal impacto ao longo do tempo, ou seja, na amostra de mulheres acima de 40 anos, o impacto é um pouco menor.

Além de pesquisas com filhos natimortos (Pazzelo & Fernandes, 2004) e com filhos gêmeos (Pazzelo, 2006), outra variável foi analisada por Souza Rios-Neto e Queiroz (2011): o número de filhos e o efeito do primeiro, do segundo e do terceiro na participação feminina no mercado de trabalho. Nesta pesquisa, também foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1992 a 2007. Os resultados vão ao encontro da pesquisa acima, indicando que mulheres sem filhos têm maior probabilidade de estar no mercado de trabalho do que mulheres com um filho. No entanto, como foi comparada a População Economicamente Ativa (PEA) das décadas de 90 e 2000, constatou-se que a queda do número de mulheres com um filho no mercado de trabalho diminuiu. Mães de gêmeos também têm menor probabilidade de pertencer à População Economicamente Ativa do que mães de um filho. A pesquisa destacou que, apesar do número de filhos interferir na PEA, o número de

mulheres no mercado de trabalho cresce e profundas mudanças ocorrem no interior da família, diminuindo o tempo das mães com seus filhos.

Heilman e Okimoto (2008) também investigaram os efeitos da maternidade no mercado de trabalho. Os autores utilizaram a perspectiva de gênero para comparar 100 estudantes de MBA, homens e mulheres, com filhos e sem filhos, que já se encontravam ativamente no mundo dos negócios. Os resultados do estudo mostraram que tanto a paternidade quanto a maternidade têm impacto negativo, mas ser mãe tem um impacto negativo maior: o *status* materno pode impedir o progresso na carreira. Os autores consideram que os estereótipos de gênero valorizam os atributos masculinos relacionados ao sucesso no trabalho.

Quando se trata de investimento na carreira, maternidade e paternidade têm resultados opostos, indicou o estudo de Hewlett (2002). Em um recorte da pesquisa internacional a respeito da vida profissional e privada de mulheres e homens altamente qualificados, um dos resultados do estudo mostrou que, quanto mais bem sucedido o homem, mais provavelmente irá encontrar uma esposa e tornar-se um pai. Já as mulheres, principalmente as que a pesquisadora nomeia como ultraempreendedoras, ou seja, as que têm remuneração acima de US\$ 100.000 ano, 49% destas não têm filhos, e 75% dos homens tem. Tal resultado indica que, para além dos desafios da carreira, as mulheres têm um desafio maior com a maternidade.

Sob outro prisma, Brown (2010) refere que são diversos os estudos que têm investigado exaustivamente as diferenças de gênero em relação ao equilíbrio trabalho-família. No seu, Brown (2010) buscou explorar as percepções e as realidades sobre o avanço profissional após a maternidade em mais de 90 mães que trabalhavam e constatou que grande parte dos conflitos ocorre entre o trabalho e a vida em casa, independentemente do apoio do empregador ou de políticas favoráveis à família. Mais de 75% da amostra declarou que concorda ou concorda plenamente com a seguinte afirmação: “eu me esforço no conflito trabalho/família”.

Dessa forma, mesmo que as mulheres estejam vivenciando novas experiências femininas, antigas visões do papel social da mulher continuam exigindo comportamentos próprios de outros tempos. Assim, há uma dupla mensagem passada às meninas e às mulheres: a de serem profissionais bem sucedidas e a de cumprirem o papel social esperado, sendo mães em um determinado momento (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007).

O discurso que valoriza a mulher autônoma e seu trabalho no âmbito público e, ao mesmo tempo, valoriza o papel de mãe e dona de casa é evidenciado na pesquisa de

Amazonas, Vieira e Pinto (2011). Os autores entrevistaram seis mulheres visando saber o que é ser mulher hoje. No resultado da pesquisa, apesar de as mulheres se sentirem sobrecarregadas e esperarem a divisão das atividades domésticas e do cuidado com os filhos com o parceiro, constata-se que elas sentem culpadas quando isso ocorre, acreditando que só as mães têm a capacidade de cuidar delas.

O estudo de Hewlett (2002), assim como os de Lee e Gamotnev (2006), Pazzelo e Fernandes (2004) e Souza, Rios-Neto e Queiroz (2011) sugerem a criação de políticas que garantam o equilíbrio nas diferentes esferas da vida da mulher. Hewlett (2002) sugere políticas que ajudem a alcançar a conciliação entre maternidade e carreira no longo prazo: resultados indicaram que as empresas que oferecem uma rica variedade de políticas são muito mais propensas a manter as mulheres no trabalho do que as que não oferecem políticas de flexibilização. Os estudos ainda advertem para tal necessidade, chamando atenção para o fato de que a reorganização da família pela inserção da mulher no mercado de trabalho pode diminuir os investimentos no capital humano (Souza, Rios-Neto & Queiroz, 2011; Pazzelo & Fernandes, 2004)

No Brasil, a tentativa de conciliar maternidade e carreira e postergar a separação mãe bebê foi discutida no âmbito político. Atualmente, há um direito que garante constitucionalmente esse momento entre mãe e filho nos primeiros quatro meses de vida do bebê, que é nomeado de licença-maternidade. Com a necessidade de ir mais além, em setembro de 2008, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o aumento da licença-maternidade de 120 para 180 dias; no entanto, a extensão não é obrigatória. Ela é fruto de um projeto de lei da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) em parceria com a Senadora Patrícia Saboya. De acordo com a SBP, há pesquisas internacionais que indicam que a manutenção do vínculo entre a mãe e o bebê após seu nascimento é intensificado pelo convívio entre os dois, gerando uma sensação de maior bem-estar à criança e uma maior probabilidade de boa saúde mental ao mesmo.

Assim, o reingresso da mulher no mercado de trabalho ao fim do período de licença-maternidade é um momento de separação da relação mãe-bebê em que muitos dos processos psíquicos trazidos anteriormente estão sendo fortemente vivenciados (Winnicott, 1951/1975). O momento de separação mãe-bebê intensifica sentimentos e emoções ambivalentes que perpassam toda maternidade (Brazelton & Cramer, 1992).

Portanto, essa separação do bebê é um momento importante na vida da mulher e do próprio bebê. Então, quando chega ao fim a licença-maternidade e, somado a isso, a hora do reingresso no mercado de trabalho e na vida social, conforme propõe Jerusalinsky (2009), as

mulheres não conseguem reinvestir da mesma maneira nesses dois espaços; seja pelo temor de faltarem excessivamente ao seu bebê, seja por não saberem dosar a presença-ausência com seu filho, assim como a mãe ideal deve saber fazer, ou por não poderem realizar viagens de trabalho inesperadas, horas extras ou levar tarefas para o lar. Logo, essa impossibilidade de conjugar os papéis gera angústias nas mães–trabalhadoras–mulheres.

Lopes, Alfaya, Machado e Piccinini (2005), embasados no conceito de Winnicott de período de preocupação materna primária, pesquisaram sentimentos das mães primíparas diante da situação de separação de seus bebês e também os sentimentos em relação aos cuidadores alternativos. Verificaram, através da análise de conteúdo, das questões da entrevista sobre a experiência da maternidade no terceiro mês do bebê, que 66% das 47 mães entrevistadas relataram sentimentos negativos no momento da separação de seus bebês, tais como preocupação, apreensão, medo, tristeza e ansiedade.

A angústia manifesta-se após a maternidade, sem o retorno imediato e permanente à posição de trabalho anterior. Para a mulher, nesse momento, “maternidade e trabalho são vividos imaginariamente como concorrentes opostos na realização fálica, pelo qual o investimento crescente em um implicaria necessariamente o desinvestir proporcional no outro” (Jerusalinsky, 2009, p.128).

Na tentativa de investigar como a preferência pelo emprego poderia afetar o desenvolvimento da ansiedade da separação, um estudo norte-americano analisou uma amostra de mães mais velhas, estudadas e bem instruídas. Através de uma pesquisa longitudinal com 72 mães primíparas, comparando um grupo de mães que preferiram trabalhar com um grupo que optou por ficar em casa durante o primeiro ano da criança, os resultados mostraram que as primeiras estavam menos preocupadas com a situação de ter que deixar seu filho por causa do emprego do que as mães que queriam ficar em casa. Indicaram também que a preferência pelo emprego e a situação de emprego são importantes variáveis no desenvolvimento de seus sentimentos e atitudes sobre a separação durante o primeiro ano da maternidade. Os níveis de ansiedade pela separação nos dois grupos, declinaram, só que em taxas diferentes ao longo do tempo: as mães com preferência pelo emprego relataram ansiedade de separação materna significativamente menor nos oito meses e nos 13 meses de idade do seu filho, indicando que a preocupação materna com a separação, o equilíbrio do emprego e da maternidade não são questões estáticas, ou seja, podem ir mudando de acordo com o crescimento da criança e com as experiências da mulher como mãe (DeMeis, McBride & Hock, 1986).

Em relação à situação do emprego, Hock e DeMeis (1990), ao pesquisarem os fatores psicológicos que mediam a relação entre trabalho, maternidade e saúde mental 12 meses depois do nascimento do bebê, constataram que a opção de ficar em casa, não necessariamente, é a mais saudável. A esse respeito, o estudo coloca que as mães que preferiam trabalhar, mas ficaram em casa, apresentaram índices mais altos de sintomas depressivos comparadas às que não o faziam. Elas também manifestavam conflitos a respeito das crenças quanto ao papel materno e à separação do bebê, estando a crença de que somente a mãe é capaz de cuidar de seu bebê associada à ansiedade frente à separação, à carreira e ao emprego.

Os sentimentos negativos apontados na pesquisa acima podem ser ampliados pelos próprios discursos sociais que valorizam o instinto materno. Esses discursos não são facilmente identificados, à medida que são legitimados por discursos científicos, filosóficos, políticos e religiosos (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007).

Na França, Robin (2009), utilizando o mesmo instrumento do grupo de Hock e colaboradores (1990) para investigar a ansiedade da separação materna, pesquisou, em um primeiro estudo, dois grupos de mães trabalhadoras, um que trabalhava em tempo integral, e outro que optou por trabalhar em tempo parcial. O objetivo era analisar as razões da escolha e a eficácia das estratégias de conciliação da maternidade ao do tempo de trabalho. O resultado mostra uma relação significativa entre o nível de ansiedade de separação materna e os desejos relativos à duração do tempo de trabalho para toda a amostra, sendo que as mulheres que desejavam manter o mesmo tempo de trabalho tinham baixos níveis de ansiedade de separação do que aquelas que desejavam reduzir esse tempo ou deixar de trabalhar. Esse estudo corrobora as pesquisas de McBride e Belsky (1988) e de Hock *et al.* (1989), que confirmam a importância da adequação, em nível psicológico, entre as aspirações da mulher e sua situação atual no que diz respeito ao emprego.

O dilema em relação à volta ao emprego não está relacionado ao estado psicopatológico depressivo da mãe, segundo resultados do estudo de Schwengber e Piccinini (2005). Hock e Schirtzinger (1992) também não encontraram correlação entre a sintomatologia depressiva e a ansiedade de separação materna nos oito meses e nos três anos e meio da criança, apenas a sintomatologia maior nas mães que tinham preferência por estar trabalhando e, no entanto, não o fizeram (Hock & De Meis, 1990).

Schwengber e Piccinini (2005), com o objetivo de investigar a experiência da maternidade no contexto de depressão materna, ao final do primeiro ano de vida do bebê, com 18 díades mãe-bebê, metade das mães com indicadores de depressão e a outra metade não,

constataram que o conflito entre maternidade e profissão estava relacionado à condição de ser mãe, independentemente de ela ter, ou não, indicadores de depressão. Ou seja, ambos os grupos relataram dificuldade com o pouco tempo que têm com o filho.

De fato, a chegada de um filho interfere, positiva ou negativamente, na vida da mulher, e as atividades profissionais tendem a ficar em um segundo plano (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008). Isso foi verificado no estudo de Rocha-Coutinho e Rocha-Coutinho (2011), ao entrevistarem executivas ou gerentes gerais. As participantes relataram estratégias utilizadas que buscaram manter com o nascimento do filho: horário de trabalho fixo, evitar horas extras e reduzir as viagens. Como estratégia de investimento em suas carreiras, acreditam que passaram a concentrar-se mais em suas tarefas, tendo um incentivo maior para trabalhar e evitar a demissão.

A fim de compreender quais os meios e as soluções buscadas e encontradas pelas mulheres que são mães e trabalhadoras, Rocha-Coutinho (2008) entrevistou mulheres da classe média do Rio de Janeiro para melhor compreender como elas exercem suas funções como mãe e como tentam conciliar a maternidade com a sua carreira profissional. A autora entrevistou 15 mulheres de grande sucesso profissional, bom retorno financeiro, alto grau de satisfação no trabalho e investimento em suas carreiras, mães de crianças de seis meses a três anos de idade. No discurso das participantes, para a maioria, o trabalho parece ser um importante elemento, até mesmo essencial, na vida (Rocha-Coutinho, 2008).

A conciliação da carreira profissional bem sucedida com a maternidade é percebida como possível e também como desejável, e as soluções procuradas são individuais. Na maior parte das vezes, as mulheres conseguem separar claramente as áreas casa, família e profissão, reduzindo deslocamentos, as horas-extras e evitando trazer trabalho para casa (Rocha-Coutinho, 2008; Rocha-Coutinho & Rocha-Coutinho, 2011).

Molina (2006) sugere que uma possível resposta ao paradoxo atual das exigências de que a mulher seja bem sucedida e mãe dedicada é a de uma nova maternidade, que vá em direção ao compartilhamento de papéis, tanto por atitudes do pai quanto por instituições educativas, sociais e de saúde. O compartilhamento de tarefas é ainda hoje pouco realizado. A mulher continua a ser a principal responsável pelo lar e pelos cuidados dos filhos. No entanto, elas já conseguem delegar tarefas aos companheiros e a empregadas domésticas (Rocha-Coutinho & Rocha-Coutinho, 2011), acessando a rede de apoio para conciliar profissão e maternidade.

É nesse caminho que Cowdery e Knudson-Martin (2005) buscaram entender a maternidade através das experiências vividas por mulheres e homens. Nesse estudo, foram

entrevistados 50 casais, e os pesquisadores observaram dois modelos distintos de maternidade, que denominaram maternidade como um talento do gênero e maternidade como a colaboração consciente. O que se distingue nesses dois modelos não é o seu sentimento de conexão positiva com seus filhos, mas a medida em que ambas as tarefas e conexão emocionais são compartilhadas entre os pais. No primeiro modelo, há a crença de que as mães estão relacionadas exclusivamente com as crianças, sendo a maternidade um talento do gênero feminino, o que resulta em uma divisão desigual das tarefas entre o casal.

Os resultados do estudo acima sugerem que a idealização da maternidade é parte da razão pela qual continua a desigualdade. A maioria dos casais desse estudo trouxe crenças de uma maternidade idealizada, a qual mantém o ciclo vicioso da maternidade como um vínculo único e natural da criança com a mãe, que, conseqüentemente, serve para sustentar a desigualdade de gênero. As autoras sugerem que a distribuição desigual de trabalho vai em direção ao discurso dominante da maternidade. Discurso este que também foi constatado na pesquisa de Rocha-Coutinho (2008), segundo a qual as mulheres da classe média têm dificuldade em tentar conciliar esse modelo da mãe tradicional, que parece ainda permanecer em suas visões da maternidade, com o de profissional competente que dizem que desejam ser.

No entanto, tal visão de maternidade está modificando. As mulheres relatam que, ao contrário de suas próprias mães, que se dedicaram quase exclusivamente aos seus filhos, mas não estavam necessariamente presentes em suas vidas, sua participação efetiva nos momentos importantes da vida da criança é o que as diferencia (Rocha-Coutinho, 2008). A diferença no discurso, apontada acima, também foi averiguada em um estudo longitudinal, no Reino Unido, com 17 mães primíparas (Pungello & Kurtz-Cortez, 2000).

Buscando investigar as relações entre meio ambiente, crença e seleção de cuidados com o bebê, na pesquisa norte-americana de Pungello e Kurtz-Costes (2000) foram entrevistadas 102 mulheres empregadas antes e após o nascimento de seu primeiro filho. Depois da análise quantitativa, constatou-se que as mães que optaram por cuidados fora da rede familiar apresentavam maior probabilidade de retornar ao trabalho, alegando os motivos renda e / ou nível de avanço já alcançado em suas carreiras. Tais mulheres também acreditavam que as mães não precisam, necessariamente, encerrar seus trabalhos e ficar em casa com as crianças, e muitas expressaram um forte compromisso com o seu trabalho e o desejo de retornar a ele, corroborando a pesquisa de Rocha-Coutinho (2008).

As modificações existentes na relação da mulher com a maternidade permitem observar novos arranjos nas configurações parentais (Jeruralinsky, 2005) e outras formas de

cuidados e subjetivação da criança. A diminuição do tempo entre a mãe e seu filho (Rizzo, 2000), especialmente com a consolidação da mulher no mundo profissional, tem exigido que a família opte por redes de apoio, ficando mãe e bebê mais tempo separados (Rapoport & Piccinini, 2004).

A composição da rede de apoio em uma família varia de acordo com o contexto socio-histórico em que ela está inserida (Dessen & Braz, 2000; Rapoport & Piccinini, 2004). Ao comparar dois níveis socioeconômicos, Weber, Santos e Becker (2006) realizaram uma pesquisa que tinha por objetivo identificar motivos e sentimentos de 67 mães de distintas classes sociais que deixaram seus filhos na creche. Identificaram sentimentos de culpa, principalmente nas mães de nível socioeconômico mais elevado, e, ao mesmo tempo, sentimentos positivos ao retornarem à vida profissional. No entanto, eles não levaram em conta o fator relacionamento conjugal e outros fatores que poderiam permitir comparações entre diferentes realidades.

Para além da classe social das mães, a percepção do apoio dessas redes também é fundamental para a adequação do papel materno em relação ao filho (Dessen & Braz, 2000), principalmente nos grandes centros metropolitanos, onde as redes de apoio se tornam fundamentais, já que as famílias de origem ficam distantes ou estão ainda inseridas no mercado de trabalho. Assim, os pais têm que buscar outras formas de ajuda quando o bebê tem alguns meses de vida e, nesse contexto de distância, individualidade e diminuição da família, escolas de educação infantil e babás têm sido uma das opções para as famílias urbanas (Rapoport & Piccinini, 2004).

A importância da percepção das mães perante a rede de apoio também é constatada na revisão de literatura de Rapoport e Piccinini (2006) referente ao apoio social e à experiência da maternidade. O estudo considera que cada mulher reage às mudanças decorrentes da maternidade de maneiras diferentes, conforme suas características pessoais. As mães que conseguem lidar melhor com a rede de apoio, provavelmente, dizem os autores, beneficiarão o bebê, que terá mais contato afetivo com outras pessoas e com a própria mãe, ao aliviar a sobrecarga.

Desse modo, as redes de apoio são uma das possíveis maneiras de conciliar a vida familiar com a vida profissional da mulher atual (Almeida, 2007; Souza *et al.*, 2011;). Entre as diferentes formas de cuidados dados às crianças e que podem ser acessadas pelas mães estão: escolas, creches, babás, vizinhas, avós, crianças cuidando de crianças (Almeida, 2007; Scavone, 2002). A opção por cada forma de cuidados dependerá do contexto e das crenças que cada família compartilha.

Na pesquisa de Souza *et al.*, (2011) com 46 mães que trabalham na Universidade de Viçosa, foi identificado que a forma como as mães jovens e tardias organizavam a conciliação do lar e da profissão estava relacionada à posição ocupada no mercado de trabalho, à remuneração e à participação do companheiro. A maioria das participantes contava com instituições especializadas para delegar as funções de cuidados dos filhos a terceiros, principalmente creches, tendo as mães tardias mais facilidade em acessar as instituições formais. Em ambos os grupos, mães jovens e tardias relatam que se não fosse o acesso à instituição infantil, provavelmente não teriam tido filhos.

Então, a mulher da pós-modernidade divide-se entre o público e o privado e as contradições de valores desses dois espaços. Ela experimenta diferentes diálogos e a maternidade não é a única forma de expressão, uma vez que há uma multiplicidade de papéis que permitem conhecer novas concepções e vivências consigo, com os outros e com as crianças (Molina, 2006).

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, primeiramente, percorre historicamente os movimentos sociais e intelectuais que construíram a importância da mãe e fundaram as bases da família moderna. Nota-se que muitos foram os esforços de diversos autores, durante três séculos, para ressaltar e incutir nos hábitos familiares a necessidade de um cuidador que proporcionasse um ambiente saudável ao bebê e que se envolvesse nos primeiros anos de vida com a criança. Assim, o papel da mãe tornou-se fundamental na sociedade e na família.

No entanto, com a consolidação da mulher no mercado de trabalho, a construção de uma carreira também se tornou prioridade na vida da mulher pós-moderna. Dessa forma, o segundo tópico deste artigo apontar que, diante de duas questões de extrema realização para a mulher, maternidade e carreira, ela tem adiado a maternidade. As pesquisas ressaltam que o adiamento, ou o planejamento tardio da maternidade, traz consigo alguns problemas como infertilidade ou dificuldade de encontrar um cônjuge. Aqui, destaca-se que, em muitos casos de não- maternidade, essa não foi uma escolha, mas uma não- escolha.

Os estudos acerca das mulheres que optam por realizar esses dois projetos,- carreira e a maternidade-, foram abordados no terceiro tópico, e ele é o principal foco deste artigo. Constatou-se que os estudos não distinguem carreira de trabalho remunerado. Eles apontam a maternidade e a carreira como um conflito e que as mulheres que optam por serem mães sofrem estigma social, sobrecarga e tendem a levar um tempo para retomarem as carreiras. A

maioria das pesquisas também leva em consideração o grau de satisfação das mulheres em relação ao que fazem, sendo ela uma das principais razões para a mulher retornar ao trabalho após o nascimento do filho.

As crenças a respeito da maternidade e da carreira fazem com que as mães criem estratégias nesses dois ambientes para conciliar os múltiplos papéis. Os estudos apontam que a crença da mãe como única capaz de cuidar do filho traz sentimentos de ansiedade e insatisfação na mulher. Já a supervalorização da carreira gera medo de trazer falta excessiva ao bebê e de uma terceirização demasiada dos cuidados com ele.

Ainda nas pesquisas sobre o tema separação mãe-bebê, a quantidade de estudos é numerosa, no entanto são, em sua maioria, quantitativos e internacionais, eles reportam a realidades que tem políticas públicas voltadas aos primeiros meses da mãe e do bebê distintas da brasileira. Por isso, considera-se que tal tema deve ser estudado dentro da realidade brasileira, para que se construam políticas em favorecimento à mãe e ao bebê neste contexto. Também sugerem-se pesquisas sobre intervenções dentro de instituições de trabalho e/ou instituições de cuidados das crianças que dêem espaços para trocas quanto aos sentimentos das mães diante da separação do bebê. Mostram-se necessários estudos de caso a respeito desse tema, pois a conciliação desses dois papéis é, tanto para a mãe quanto para o bebê, fundamental e singular e precisa ser compreendida de forma mais aprofundada.

A mulher vem ocupando espaços sociais, e a família vem se reorganizando. Portanto, as estratégias no momento em que a mulher tem que se deparar com esses dois espaços, no final da licença-maternidade, devem ser compreendidas levando-se em consideração a realidade particular de cada família e de cada mãe. Nesse contexto, as redes de apoio são uma das formas encontradas pela família na busca de cuidado aos seus filhos.

Enfim, pretende-se com este artigo que se desenvolvam pesquisas atuais no âmbito brasileiro, levando-se em conta as diversas realidades do país. São necessários estudos que venham a contribuir para o entendimento desse fenômeno atual, dando importância não somente aos fatores da maternidade que interferem no emprego, mas às possibilidades da mãe de investir na sua carreira, valorizando e enriquecendo as vivências com seu bebê.

REFERÊNCIAS:

- Abma, J.C., & Martinez, G.M. (2006). Childlessness Among Old Woman in the United States: Trends and Profiles. *Journal of Marriage and Family*, 68, 1045-1056.
- Almeida, L. S. (2007). Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19(2), 411-422.
- Amazonas, M.C., Vieira, L.L., & Pinto, V.C. (2011). Modos de Subjetivação Feminismos, Família e Trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (2), 314-327.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. (D. Flaksman, Trans., 2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. (W. Dutra, Trans.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baptista, V. F. (2003). Amar, cuidar, subjetivar: implicações educacionais na primeira infância. *Estilos da Clínica*, 8 (15), 58-71.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 163-185.
- Bernardino, L. M. F. (2006). A abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes. In L.M.F. Bernardino (Org.), *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição* (pp.19-41). São Paulo: Escuta.
- Benzies, K., Tough, S., Tofflemire, K., Frick, C., Faber, A., & Newburn-Cook N. (2006). Factors Influencing Women's Decisions About Timing of Motherhood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 35 (5), 625-633.
- Biasoli- Alves, Z.M. (2000). Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 233-239.
- Borlot, A. M. M., & Trindade, Z. A. (2004). As tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico. *Estudos de Psicologia*, 9(4), 63-70.
- Bowlby, J. (1988). Algumas causas da doença mental. In V.L.Baptista., & I. Rizzini (Trads.), *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B. (1988). Gravidez: O nascimento do apego. In D. Batista (Trad.), *O Desenvolvimento do Apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____, & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. (M.B. Cippola, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brown, L.M. (2010). The relationship between motherhood and professional advancement: Perceptions versus reality. *Employee Relations*, 32 (5), 470-494.

- Carvalho, P. B. (2006). Realização Pessoal, Carreira e Maternidade. In Enquanto o bebê não vem...A maternidade e a realização pessoal: Significados atribuídos às mulheres de Itajubá (pp.52-80). Dissertação de Mestrado, *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo.
- Chodorow, N. (1990). Introdução (N. C. Caixeiro, Trad.). In *Psicanálise da Maternidade: Uma Crítica a Freud a Partir da Mulher* (pp.17-26). Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- Colling, A. (2004). A construção histórica do feminino e do masculino. In M, Strey.,S. Cabeda., D, Prehn., (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp.13-38). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Cowdery, R.S., & Knudson, C.M. (2005). The Construction of Motherhood: Tasks, Relational Connection, and Gender Equality. *Family Relations*, 54, 335–345.
- DeMeis, D., McBride, S., & Hock, E. (1986). The Balance of Employment and Motherhood: Longitudinal Study of Mothers' Feelings About Separation From Their First-Born Infants. *Developmental Psychology*, 22 (5),627-632.
- Dessen, M. A., & Braz, M.P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Farias, C.N., & Lima, G.G. (2004). A relação mãe- criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. *Estilos da Clínica*, 9 (16), 12-27.
- Fiorini, L. G. (2006). Las mujeres en el contexto y el texto freudianos. *Aperturas Psicoanalíticas*, 34. Recuperado em 04 de Novembro, 2010 em: <http://www.aperturas.org/articulos>.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (n.esp), 31-38.
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo (J. Salomão, Trad.). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (vol. 19, pp. 217- 224). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- _____. (1976). Feminilidade (J. Salomão, Trad.). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (vol. 22, pp 139- 165). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1932).
- _____. (1976). Sexualidade Feminina (J. Salomão, Trad.). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (vol. 21, pp. 259- 279). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1931).
- Gomes, A.G., Donelli.T.M., Piccinini, C.A., & Lopes. R.C. (2008). Maternidade em idade avançada: Aspectos teóricos e empíricos. *Interação em Psicologia*, 12 (1), 99-106.
- Gomes, G.Q. (2000). A Maternidade como enigma: Atenas, as Luzes e Freud. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, 10 (2), 51-74.

- Grant, W. (2002). A maternidade, o trabalho e a mulher. In *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, 3., São Paulo. Recuperado em 27 de setembro, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br.
- Gustafsson, S. (2003). Optimal age at motherhood. Theoretical and empirical considerations on postponement of maternity in Europe. [Resumo]. *Population Economics*, 345-367.
- Heilman, M. E., & Okimoto, T. G. (2008). Motherhood: A Potential Source of Bias in Employment Decisions. *Journal Applied Psychology*, 93 (1), 189-198.
- Hewlett, S.A. (2002). Executive Woman and the Myth of Having it all. *Harvard Business Review*. 1-10.
- Hock, E., & DeMeis, D. (1990). Depression in mothers of infants: the role of maternal employment. *Developmental Psychology*, 26 (2), 285-291.
- Hock, E., & Schirtzinger, M.B. (1992). Maternal Separation Anxiety: Its Developmental Course and Relation to Maternal Mental Health [Resumo]. *Child Development*, 63 (1), 93-102.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008). Recuperado em Outubro 30, 2010 em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Recuperado em Janeiro 05, 2011 em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000147.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011). Recuperado em Março 05, 2012 em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1
- Jerusalinsky, J. (2009). A maternidade e o Gozo fálico. In *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo* (pp. 122-134). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- _____. (2008). Angústia na Pós Modernidade. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. n.35, jul-dez. p.9-20.
- _____. (2002). Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebê. Salvador: Ágama.
- _____. (2005). Quem é o Outro do sujeito na primeira infância? Considerações sobre o lugar da família na clínica de bebês. *IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. Recuperado em 12 de maio, 2010 em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Julieta_Jerusalinsky.pdf.
- Kehl, M.R. (2008). *Deslocamentos do Feminino*. (2.ed.). Rio de Janeiro: Imago.

- Klein, M. (1969). Sobre a identificação. In M. Klein., P. Heimann & R. E. Moneykyrle (Eds.) *Temas de Psicanálise Aplicada*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar Editores.
- Lacan, J. (1995). O falo e a Mãe insaciável. In Seminário Livro 4. *A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (Original publicado em 1957).
- Lee, C., & Gramotnev, H. (2006). Motherhood Plans Among Young Australian Woman: Who Wants Children These Days?. *Journal of Health Psychology*, 11 (1), 5-20.
- Lima, L.C. (2010). Idade Materna e Mortalidade Infantil: efeitos nulos, biológicos ou socioeconômicos?. *Revista Brasileira de Estatística Popular*, 27 (1), 211-226.
- Lima, M., & Tose, S. (2001). Carreira: Um preocupação do individuo, uma responsabilidade da empresa. *Revista de Administração em Diálogo*, 3 (1), 1-9.
- Lobo, S. (2008). As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 42 (4), 67-74.
- Lopes, R.C.S., Alfaya, C., Machado, C.V., & Piccinini, C.A. (2005). “No inicio eu saía com o coração partido...”: As primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 15 (3), 26-35.
- Mansur, L.H. (2003). Experiência de Mulheres sem Filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 23 (4), 2-11.
- Martinez, A.L., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia*, 28 (2), 175-185.
- McBride, S., & Belsky, J. (1988). Characteristics, Determinants, and Consequences of Maternal Separation Anxiety. *Developmental Psychology*, 24 (3), 407-414.
- Molina, M. E. (2006). Transformaciones Histórico Culturales Del Concepto de Maternidad y sus Repercusiones em la Identidad de La Mujer. *Psykhé*, 15 (2), 93-103.
- Molina, S. E. (2008). A Organização das construções cognitivas a partir da constituição subjetiva. In Centro Lydia Coriat, *Escritos da Criança*, n 4. Porto Alegre. (Original publicado em 1996).
- Moura, S.M.S., & Araujo, M.F. (2004). A Maternidade na História e a História dos cuidados Maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 44-55.
- Narvaz, M.G., & Koller, S.H. (2006). Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudos*, 11 (3), 647-654.
- Nascimento, F.R., Terzis.A. (2010).Adiamento do projeto parental: um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. *Psicologia em Revista*. 16 (1), 103-124.
- Negreiro, T. C. G. M., & Feres-Carneiro, T. (2004). Masculino e Feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 4 (1),34-47.

- Pazzelo, E. T., & Fernandes, R. (2004). A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferenças de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não tem filhos. *In Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Economia, Anais Anpec*. Recuperado em Janeiro 20, 2012 em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A151.pdf>.
- _____. (2006). A maternidade afeta o engajamento da mulher no mercado de trabalho? Um estudo utilizando o nascimento de gêmeos como um experimento natural. *Estudos Econômicos*, 36 (3), 507-538.
- Pungello, E.P., & Kurtz-Costes, B. (2000). Working Women's Selection of Care for Their Infants: A Prospective Study. *Family Relations*, 49, 245-255.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.
- _____. (2001). O ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 81-95.
- Rios, M.G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26 (2), 215-225.
- Rizzo, G. (2000). *Creche: organização, currículo, Montagem e Funcionamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Robin, M. (2009). Maternal separation anxiety and adaptation of working time. *Pratiques psychologiques*, 15, 191-201.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica*, 15(2), 93-107.
- _____. (2008). Variations on an old Theme: Maternity for Women with a Very Successful Professional Career. *The Spanish Journal of Psychology*, 11 (1), 66-77.
- _____., & Rocha-Coutinho, R.R. (2011). Mulheres Brasileiras em posições de liderança: novas perspectivas para antigos desafios. *Revista Economia Global e Gestão*, 16 (1), 61-80.
- Roudisnesco, E. (2003). O poder das mães (A. Telles, Trans.). In *A família em desordem* (pp. 147- 179). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Savioli, N. (1991). *Carreira Manual do Proprietário*. RJ. Quality Mark.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: comunicação, saúde e educação*, 5 (8), 47-60.
- Scavone, L. (2002). A maternidade e o feminino: Dialogo entre as ciências sociais. *Caderno Pagu*, 16,137-150.

- Schwengber, D.S., & Piccinini, C. A. (2005). A experiência da maternidade no contexto da depressão materna no final do primeiro ano de vida do bebê. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 143-156.
- Sigal, A.M. (2002). Algo mais que um brilho fálico: Considerações acerca da inveja do pênis. In *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. (S.L. Alonso, A.C. Gurfinkel, D.M. Breyton, Orgs). São Paulo: Escuta.
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2010). Campanha Licença-maternidade. Seis meses é melhor!. Recuperado em 21 de junho, 2011, em: http://www.sbp.com.br/show_item2.cfm?id_categoria=17&id_detalhe=1604&tipo=D.
- Sonego, J.C., Lopes, R.C. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia*, 29, jan-jun, 16-26.
- Souza, I.F., Teixeira, K.M., Loreto, M.D., & Bartolomeu, T.G. (2011). "... Não tem jeito de acordar hoje e dizer: hoje eu não vou ser mãe!": Trabalho, Maternidade e Redes de Apoio. *Oikos. Revista de Economia doméstica*, 22 (1), 46-63.
- Souza, L. R., Rios-Neto, E.L., & Queiroz, B. L. (2011). A relação entre parturição e trabalho feminino no Brasil. *Revista Brasileira de Estatística Populacional*, 28 (1), 57-79.
- Spotorno, P.M., Silva. I.M. & Lopes. R.S. (2008). Expectativas e sentimentos de mulheres em situação de reprodução medicamente assistidas. *Aletheia*, 28, jul-dez, 104-118.
- Weber, L.N.D., Santos, C.S.D., Becker, C., Santos, T.P. (2006). Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães. *Psicologia Argumento*, 24(44), 45-54.
- Wagner, A. (2002). Possibilidades e Potencialidades da Família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In Wagner, A. (Org.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, p.23-38.
- Wendland, J. (2001). A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 45-56.
- Winnicott, D.W. (1975). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais (J. O. Abreu & V. Nobre., Trad.). In *O Brincar & a Realidade*. (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1951).
- _____. (1997). A etiologia da esquizofrenia infantil em termos do fracasso adaptativo (M. A. Veronese, Trans.). In *Pensando Sobre Crianças*. (pp. 193-196). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1967).
- _____. (1997). "Sim, mas como saber se isso é verdade?" (M. A. Veronese, Trans.). In *Pensando Sobre Crianças*. (pp. 38-41). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1950).
- _____. (1999). A comunicação entre o bebê e a mãe entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1968).

_____. (1999). A Mãe Dedicada Comum. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp.1-11). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966).

_____. (1999). O recém nascido e sua mãe. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp.29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1964).

_____. (2000). A Preocupação Materna Primária. (D. Bogomoletz, Trad.). In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).

_____. (2005). Parte I (M. B. Cipolla, Trad.). In *A família e o desenvolvimento individual* (pp.3-138). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1896-1971).

Seção II- Artigo Empírico

A MÃE E O RETORNO AO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE FRENTE À SEPARAÇÃO DO BEBÊ

RESUMO

A mulher que opta por ser mãe e trabalhar vivencia, ainda nos primeiros meses de vida de seu bebê, a tarefa de ser uma 'mãe suficientemente boa'. Isto implica em atender as necessidades sutis do filho e, ao mesmo tempo, realizar um gradual processo de separação diante do retorno ao trabalho pelo fim da licença-maternidade. Com o objetivo de investigar a experiência da mãe em relação à separação do primeiro filho, no período de adaptação do bebê na escola de educação infantil, devido ao fim do período de licença-maternidade e o retorno ao trabalho, optou-se por realizar um estudo de abordagem qualitativa realizado através de Estudos de Casos Múltiplos. Participaram desta pesquisa quatro mães primíparas, que optaram pela Escola de Educação Infantil Particular como rede de apoio, e cujos bebês estavam no período de adaptação em uma escola da Região Metropolitana de Porto Alegre. Os dados foram coletados através de entrevistas e do genograma. A pesquisa mostrou a valor que as participantes atribuem ao trabalho, o conflito das mães que sabem das suas funções com os bebês mas sentem-se mais adaptadas no ambiente profissional, a visão da escola como um ambiente que possibilita a socialização do bebê e as estratégias para conciliar os papéis de mãe e profissional. Considera-se que a mulher precisa ser compreendida a partir de uma nova visão de mulher e de mãe, na qual não é mais pautada aquela visão que só pode se satisfazer através da maternidade, pois o trabalho é fonte de satisfação à ela.

Palavras-Chave: Maternidade; Trabalho, Separação Mãe-Bebê.

ABSTRACT

Woman who chooses to be a mother and who works, experiences in the early months of baby's life the task of being a 'good-enough mother'. That involves meeting child's subtle needs and at the same time, making a gradual separation process before returning to work by the end of maternity leave. In order to investigate mother's experience related to the separation of first child, the baby's adjustment period in the school of early childhood education, due to the end of the period of maternity leave and returning to work, it was decided to conduct a qualitative approach performed using Multiple Case Study. The participants of this study were four first-time mothers who opted for private school for kindergarten and support network, and whose babies were passing through an adjustment period at school at a school in the Metropolitan Region of Porto Alegre. Data were collected through interviews and genogram. The study shows the value that participants attribute to their work, the conflict of mothers who know their duties with the babies, but they feel most adapted to professional environment, school's vision as an environment that enables the baby's socialization and strategies to reconcile motherhood and professional roles. It is considered that woman requires to be understood from a new vision as wife and as mother, it is no longer guided by the vision that can only be satisfied through motherhood, because work is a source of satisfaction to her.

Key-words: Motherhood; Work, Mother-baby separation.

1 INTRODUÇÃO

Tratar da maternidade na atualidade exige olhar para tal fenômeno de maneira ampla e, ao mesmo tempo, singular. Ampla, pois, ao referir-se à mulher contemporânea, se está tratando da mulher localizada entre a modernidade e a pós-modernidade, ou seja, entre a prevalência da racionalidade e da supremacia do gozo, dividida entre o ser mãe e o ser mulher (Jerusalinsky, 2012), que, na atualidade, não são sinônimos; e singular na medida em que não se pode falar em mulheres, devido à subjetivação de cada uma delas.

O cenário da mulher atual vem apontando, nas pesquisas que abordam tal tema, determinadas tendências que podem ajudar a compreender a maternidade. Pesquisas de diversos cunhos teóricos, metodológicos, regionais e internacionais marcam algumas questões relevantes que irão nortear o entendimento a respeito do estabelecimento do vínculo mãe-bebê neste artigo.

Constata-se que a mulher de hoje vem adiando a maternidade (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Gomes, Donelli, Piccinini & Lopes, 2008; IBGE, 2011, Lima, 2010) por fatores como: disponibilidade de métodos contraceptivos (Lima, 2010), níveis educacionais e profissionais (IBGE, 2010) e, principalmente, busca pela estabilidade e independência financeira (Benzies, Tough, Tofflemire, Frick, Fabere & Newburn-Cook, 2006; Gomes *et al.*, 2008; Gustafsson, 2003; Lima, 2010). Nesse contexto, a maternidade passa a ser um projeto da mulher a ser realizado após conquistas importantes quanto às realizações profissionais (Jerusalinsky, 2009).

Tais fatores têm trazido às mulheres que optam por trabalhar e serem mães novas implicações (Jerusalinsky, 2012; Martinez & Bartieri, 2011). As pesquisas na área da Economia mostram que a maternidade tem efeitos negativos na permanência da mulher no mercado de trabalho (Souza, Rios -Netto & Queiros, 2011; Pazzello, 2006; Pazzello & Fernandez, 2004). Na perspectiva de gênero, os estudos confirmam o impacto negativo no que se refere ao crescimento profissional, trazendo o preconceito como elemento central. Nestes estudos, constatou-se que, para os homens e para as mulheres, ser, respectivamente, pai e mãe tem efeitos distintos (Heilman & Okimoto, 2008; Hewlett, 2002). Dessa forma, a maternidade e a carreira são um conflito para a mulher atual (Brown, 2010; Jerusalinsky, 2009; Schwengber & Piccinini, 2005), pois experienciar concomitantemente ser mulher e ser mãe exige novas configurações em ambos os papéis (Jerusalinsky, 2012).

Alguns estudos apontaram as estratégias encontradas pelas mulheres para equilibrar os papéis de profissional e de mãe, e, dentre as mais frequentes aparecem: evitar horas extras e

levar atividades de trabalho para o lar (Rocha-Coutinho, 2008; Rocha-Coutinho & Rocha-Coutinho, 2011), e a busca por redes de apoio, ou seja, uma organização que venha dar suporte à relação mãe-bebê (Dessen & Braz, 2000; Jerusalinsky, 2005; Rapoport & Piccinini, 2004). Surgem, então, as escolas de educação infantil como uma solução para a mãe que quer retomar a carreira e optou pela maternidade.

Considerando-se a realidade brasileira, em que a mulher tem direito a quatro meses de licença- maternidade e a creche é a etapa com maior crescimento no número de matrícula da educação básica (INEP, 2010), este estudo visa analisar a experiência da maternidade nesse contexto de diminuição do tempo da mãe com seu filho (Rizzo, 2000; Souza, Rios-Neto & Queiroz, 2011) ainda em seus primeiros meses de vida. É nesse cenário que se verifica a necessidade de compreender como, perante tais escolhas, a mulher tem vivenciado a experiência de ser mãe, principalmente ao considerar-se fundamental a necessidade dela de assumir essa condição através da uma virada narcísica, que lhe permite suportar a desconfiguração do seu próprio corpo (Jerusalinsky, 2012). *“O potencial herdado de um lactente, não pode se tornar um lactante a menos que ligado ao cuidado materno”* (Winnicott, 1960/1983, p. 43).

A partir disso, acredita-se que a psicanálise tem grandes contribuições a respeito da importância da relação mãe-bebê, no entanto, pouco se expande tal tema em direção às condições da mulher atual. Como traz Lobo (2008), partindo da psicanálise e da história, é importante para a mulher o reconhecimento dos novos caminhos. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo investigar a experiência da mãe em relação à separação do primeiro filho, no período de adaptação do bebê na escola de educação infantil, devido ao fim do período de licença-maternidade e ao retorno ao trabalho. A contribuição que se espera dar com este estudo é a de proporcionar conhecimento à comunidade científica, possibilitando a interlocução da psicanálise com os novos modos de vida contemporâneos, especialmente da mãe e do bebê.

1.1 Construindo a Experiência de Ser Mãe:

A construção da experiência da maternidade inicia-se antes mesmo da concepção do bebê. Segundo Freud (1932/1976), o desejo de ter um bebê ocorre na mulher, através da identificação com a mãe, em um momento pré-edipiano, quando a menina adquire características do seu papel sexual e social ao brincar de boneca, e num segundo momento do Complexo de Édipo, sob efeito da castração, quando advém o desejo inconsciente de ter um filho como substituto do falo perdido. Brazelton e Cramer (1992) afirmam que o desejo de ter

um filho é alimentado por inúmeros motivos e impulsos, dentre eles a identificação, a satisfação de necessidades narcisistas e tentativas de recriar laços.

Na gestação, a mulher pode refletir sobre a sua vida antes da concepção, e os meses que precedem o parto são um período de mudanças complexas, hormonais e emocionais, que vão em direção a um reajustamento de identidade (Maldonado, 1997). O momento do parto é a etapa final do processo de torna-se mãe (Stern, 1997), ele representa a irreversibilidade da mudança e deixa marcas profundas na história da mãe (Lopes, Donelli, Lima & Piccinini, 2005). Com o nascimento do bebê, a mãe é chamada a ocupar tarefas importantes, criando um novo vínculo com o bebê e devendo estar preparada para a entrada no estado de “doença normal” (Brazelton & Cramer, 1992).

Tal doença normal é uma reorientação da mulher durante o período gestacional que culmina no que Winnicott (1956/2000) denomina estado de preocupação materna primária, ou seja, um período psicológico especial da mãe que ocorre durante, e principalmente, no final da gestação. A maioria das mães passa por um estado de sensibilidade exagerada que perdura por algumas semanas após o nascimento do bebê. Para Winnicott (1960/1983), são as mudanças fisiológicas que irão sensibilizar a mulher para as mudanças psicológicas no que se refere a si mesma e ao mundo. Com a concepção, a mulher volta-se para si e transfere seu interesse ao bebê.

A preocupação materna primária é um estado de retraimento que permite à mulher renunciar a suas tarefas habituais para garantir os cuidados básicos do bebê (Winnicott 1956/2000). Neste estado descrito pelo autor, a própria mãe encontra-se vulnerável, porém somente nele ela conseguiria adaptar-se sensível e delicadamente às necessidades do filho nos primeiros momentos da vida, sendo capaz de fazer coisas para o bebê e dar sentido ao que ele está sentindo (1966/ 1999).

Winnicott (1951/ 1975) chama de “mãe suficientemente boa” aquela que realiza uma adaptação ativa às necessidades do seu filho. Winnicott (1966/1999) evidencia em sua obra as capacidades únicas da mãe ou da substituta dela. É ela que conhece as necessidades mais sutis do bebê, permitindo ao seu filho ter o sentimento de unidade entre eles, num estado de absoluta dependência. Para o bebê, não existe nada além dele mesmo e de sua mãe, que faz parte dele. Por isso, a mãe suficientemente boa, no estágio mais primitivo do desenvolvimento, dá ao bebê a capacidade de existir, construir um ego próprio com as suas experiências e enfrentar as dificuldades da vida (1956/2000).

Além de Winnicott (1956/2000), outros autores nomearam diferentemente o estado de sensibilidade da mãe nos momentos iniciais de vida do seu bebê. Stern (1997) o chama de

Constelação da Maternidade, um estado que a mãe está organizando-se para atender às necessidades do bebê, e o próprio bebê permite a ela construir um mundo representacional novo. A Constelação da Maternidade é uma identidade nova, temporária e única, uma organização psíquica que terá novas tendências de ação, sensibilidade, fantasias, medos e desejos.

A constelação materna é composta por três preocupações que acontecem interna e externamente, referentes: ao discurso de mãe com a sua própria mãe, o seu discurso consigo mesma e, por fim, o seu discurso com o bebê. Na trilogia da maternidade (mãe da mãe, mãe, e bebê), após o nascimento do bebê, há um realinhamento, pois interesses e preocupações estão mais ligados à sua mãe como mãe, mais às mulheres e mais ao crescimento e ao desenvolvimento do bebê do que às outras esferas de sua vida (Stern, 1997).

O trabalho de reorganização da mãe após o parto conduz à reestruturação do mundo mental da mãe, no qual o bebê é incluído na dinâmica (Lebovici, 1987). A importância do vínculo mãe-bebê nos momentos iniciais da vida do bebê é que este se funde-se ao *self* da mãe, pois seu próprio *self* está em potencial (Winnicott, 1960/2005). Exemplificando, pode-se trazer a experiência chamada por Winnicott de “primeira mamada teórica”. Destaca-se que o autor não está se referindo a um acontecimento em específico, mas, sim, a uma série de construções de eventos que organizam na memória essa experiência de ser amamentado ou alimentado. Na primeira mamada teórica, o bebê estaria pronto para criar, e a mãe, por sua vez, para lhe oferecer a ilusão de onipotência. Destaca-se que aquilo que o bebê criou não necessariamente é o que a mãe lhe ofereceu, mas a adaptação da mãe às necessidades mais sutis de seu bebê lhe permite criar a ilusão de que o seio oferecido pela mãe é parte dele mesmo, e a mãe alimenta um bebê que é parte dela própria (Winnicott, 1953/1975).

Ilusão é um conceito utilizado pela psicanálise que, de acordo com Garcia (2007), é radicalmente diferente do significado utilizado no senso comum. Em especial na obra de Winnicott, a ilusão é um termo central de sua teoria acerca do desenvolvimento emocional primitivo. Na primeira mamada teórica, há uma construção recíproca entre a realidade interna e a externa, e, nesse sentido, o autor diz que a ilusão de onipotência aparece para o bebê como se o seio apresentado surgisse por ele próprio. Aí a ilusão torna-se central no desenvolvimento do indivíduo, na medida em que é a mãe suficientemente boa que possibilita ao bebê ter essa experiência, fazendo com que ele acredite na capacidade de criar a realidade externa oferecida por ela e que permitirá a ele expressar sua criatividade primária. Assim, a ilusão de onipotência é indispensável na primeira infância desde que aos poucos, ela dê lugar a um pedaço da realidade percebida (Winnicott, 1952/2000).

É nesse ambiente de integração que o bebê se constitui como enquanto unidade, mesmo dependente, sendo o seu ego organizado pelo apoio do ego materno que, com o decorrer do tempo, constrói sua personalidade (Winnicott, 1966/1999). A falha da mãe, nesses momentos iniciais, é sentido pelo bebê como uma ameaça à existência pessoal e não como uma falha da mãe (Winnicott, 1956/2000). Dessa forma, a criança só começa seu desenvolvimento real e pessoal com a presença de uma mãe suficientemente boa, uma vez que o ego da mãe, em consonância com o do filho, o apóia e lhe permite tornar-se ele mesmo (Winnicott, 1958/2005), pois ela transforma invasões e imprevistos em experiências positivas, permitindo a ele confiar no mundo que vive, algo extremamente necessário (1968/1999). É a dependência absoluta que servirá de base para um segundo momento da vida do indivíduo, a independência (1956/2000).

Dias (2003), ao revisar conceitos de Winnicott, refere-se à primeira mamada como o estabelecimento dos primeiros contatos do bebê com a realidade externa, sendo a mãe a primeira representante de uma série de tarefas básicas fundamentais ao desenvolvimento da integração do ego da criança. A realização das tarefas só é possível pela forma especializada com que a mãe a realizou, e isso exige envolvimento total, ou seja, uma pessoa entregue e devotada. A autora chama atenção para tal fato que todo esse movimento acontece pela confiabilidade ambiental, ou seja, a previsibilidade, no qual a mãe evita que coisas inesperadas surpreendam o bebê.

Jerusalinsky (2002) afirma que a função materna engloba diversas operações constitutivas do sujeito. A esse respeito, Kupfer, Jerusalinsky, Bernardino, Wanderley, Rocha e Molina (2009) dizem que o trabalho materno gira em torno de quatro eixos, os dois primeiros serão apresentados à seguir. Segundo Kupfer *et al.* (2009), para a instalação da constituição subjetiva do sujeito faz-se necessária, num primeiro momento, a “suposição de sujeito”, que se constitui na antecipação dada pela mãe que causa prazer no bebê, já que vem acompanhada de manifestações jubilatórias a qual fará com que ele busque responder a tais antecipações. O segundo eixo teórico que caracteriza o processo de constituição subjetiva se chama “estabelecimento da demanda”. Nele, as primeiras reações involuntárias do bebê são reconhecidas como um pedido dirigido à mãe; por exemplo, quando ela reconhece que a criança utiliza sinais diferentes para expressar suas diferentes necessidades.

As tarefas apontadas acima pelos diferentes autores só são possíveis de ocorrer se a mãe realiza uma virada narcísica, ou seja, quando ela é capaz suportar a desconfiguração do seu próprio corpo para investir no seu bebê (Jerusalinsky, 2012). Para isso, ela, assim como o bebê, deve estar num estado de dependência, dupla dependência, ou seja, dependência

absoluta. Tal estado é base para a dependência relativa e para a separação mãe bebê, tratada a seguir.

1.2 A Alternância Presença-Ausência: Sentimentos Diante da Separação e da Ida do Bebê à Escola de Educação Infantil

Para Winnicott (1951/1975), o jogo presença-ausência é organizado pela mãe já nos primeiros meses de vida, sendo favorecedor do distanciamento e do retorno do bebê: “a mãe (ou parte dela) se acha num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e (alternadamente) ser ela própria, aguardando ser encontrada” (p.70). Dessa forma, a capacidade da mãe de adaptar-se às necessidades do bebê sem perder sua própria identidade permite a ela, progressivamente, não acolher todas as demandas, como fazia inicialmente, na medida em que os processos intelectuais e afetivos permitem que a criança comece a se independizar dela (Winnicott, 1958/2005; 1951/1975).

Tal processo trazido por Winnicott também é considerado por Kupfer *et al.* (2009) nos outros seguintes eixos da função materna. O terceiro eixo trata da “alternância presença-ausência”. Para os autores, esse consiste nas ações maternas que se tornam alternadamente presentes e ausentes, de modo a existir um tempo entre a demanda da criança e a experiência que a mãe proporciona. Há também o eixo denominado “função paterna”. Nele, observa-se se há alguém que baliza as ações maternas, terceira instância, orientada pela dimensão social. É a função que transmite os parâmetros e que tem como efeito a separação simbólica na relação mãe-filho (Kupfer *et al.*, 2009).

Uma das instâncias sociais que separam a mãe e o bebê, nos quatro meses de vida da criança é o retorno ao trabalho. Winnicott cita, em três momentos de sua obra (1956/2000, 1960/2005, 1968/1999), que nem todas as mães conseguem se contrair ao estado de preocupação materna primária. Essas mães provavelmente não conseguem excluir, nesse momento, outras questões de sua vida que consideram importantes, como a carreira. O autor ainda ressalta que entrar em tal estado, fica mais difícil para mulheres que tenham fortes identificações masculinas, o que significa que é distinto pensar nos cuidados necessários ao bebê quando a uma mãe entrou, ou não, no estado de preocupação materna primária.

Essa opinião de Winnicott poderia ser reportada à realidade da mulher contemporânea, que vivencia a maternidade sem o apoio necessário de outras instituições, como o pai, a família e a sociedade. Para Araújo (2003), as pressões, por vezes, não permitem que a mãe aja naturalmente, e, sem as condições para sentir-se segura, ela não pode mergulhar no estado de preocupação materna primária para posteriormente retornar ao seu próprio estado. Além disso, Araújo (2003) também diz que para além dos medos e das fantasias inerentes às

transformações da própria maternidade, há as pressões práticas da sociedade atual sobre a mulher, seja ela de classe desfavorecida, seja mesmo executivas, fazendo com que, cada vez menos, as mães consigam dedicar-se ao bebê nos momentos iniciais de sua vida.

É fundamental que a mãe que rumo em direção à preocupação materna primária se identifique com seu bebê sobre a base do ser. Ou seja, para Winnicott “elementos puros masculinos”, o fazer, e “elementos puros femininos”, o ser, estão presentes em meninos e meninas. No entanto, Dias (2003) refere que o elemento puro feminino, do ser, diz respeito à identidade primária, em que um é o mesmo que o outro, e a partir desse elemento, o ego do bebê, organiza-se.

Porém, quanto se trata de observar a maternidade contemporânea, a forma como a mulher está inserida no mundo do trabalho demonstra que aquelas que são mães identificam-se fortemente com o elemento masculino do fazer, renegando o ser, segundo Granato e Aiello-Vaisberg (2003). Winnicott (1966/1975, p.116) chama atenção para a importância do elemento feminino para o desenvolvimento do indivíduo: *“Ou a mãe possui um seio que é, de maneira que o bebê também pode ser, quando o bebê e a mãe ainda não estão separados na mente rudimentar daquele, ou então a mãe não é capaz de efetuar sua contribuição, caso em que o bebê tem de se desenvolver sem a capacidade de ser, ou com uma capacidade mutilada de ser”*.

Para além da dificuldade da mulher atual de mergulhar na preocupação materna primária, advinda muitas vezes das exigências do mundo do trabalho, modificações do papel e do lugar da mulher e da criança na sociedade atual nortearam a criação de lugares especializados nos cuidados infantis (Rizzo, 2000). A instituição creche tem sua sustentação até os dias atuais pelas modificações no papel da mulher, no âmbito social e familiar (Bernardino & Kamers, 2003). A ideia de mãe como única responsável pelo bebê tem sido substituída.

A ida da criança para a escola de educação infantil pode ser considerada como um momento de ruptura no lado estabelecido entre a mãe e o bebê e pode causar desconforto e estranhamento a díade (Mariotto & Bernardino, 2009). Bernardino (2008) afirma que o tipo de cuidado familiar dado às crianças até o século passado não é mais o mesmo no mundo contemporâneo. Os bebês são inseridos nos meios sociais cada vez mais intensa e precocemente. A mudança de cenário em que homens e mulheres estão cada vez mais no mercado de trabalho dá às instituições de cuidados das crianças as funções de constituição desses sujeitos (Bernardino, 2008; Flach, 2009), já que muitos bebês que vão às creches passam mais tempo nelas do que com os pais (Mariotto, 2003).

Sob o ponto de vista do bebê, o processo de separação deve ser gradual, refere Dias (2003). A criança precisa independizar-se da mãe, mas ir para um espaço de controle. Winnicott (1960/2005) diz que, quando isso ocorre, o indivíduo, que passa inevitavelmente por diversas saídas durante sua vida, terá a capacidade de reconhecer que, de fato, nunca foi abandonado e terá sempre a possibilidade de retorno, pois entre eles se estabeleceu um espaço de confiança, espaço este que Winnicott (1975, p.150) chama de “espaço potencial [...] que pode tornar-se uma área de infinita separação”. Dessa forma, Garcia (2007) diz que o uso do objeto transicional é o primeiro símbolo de separação mãe-bebê. Já se a mãe age segundo sua ansiedade e sua necessidade, isso é vivido pelo bebê como uma intrusão, quebrando a continuidade do ser bebê (Winnicott 1949/2000).

Para Winnicott (1960/1983), a tarefa de separar-se na mesma rapidez, é mais difícil para a mãe do que para o próprio bebê. Sob o ponto de vista dos sentimentos maternos, discute-se, nos estudos revisados (Hock & DeMeis, 1990; Hock & Schirtzinger, 1992; Lutz & Hock, 1994; McBride & Belsky, 1988), a partir da teoria de Bowlby, a ansiedade de separação materna do bebê como consequência natural do próprio vínculo mãe-bebê. Os autores acima, construíram um instrumento quantitativo para avaliar a ansiedade de separação materna, entendida como um constructo que descreve a experiência de preocupação, tristeza ou culpa de uma mãe durante separação sem curto prazo do seu filho. Três componentes descrevem o nível de ansiedade: (a) a angústia da mãe de estar longe de sua criança, (b) a percepção da mãe do sofrimento da criança como resultado da separação e (c) a preocupação da separação relacionada com o trabalho.

McBride e Belsky (1988), com o objetivo de melhor compreender as características, as consequências e os determinantes da ansiedade de separação materna, analisaram as informações obtidas em uma amostra de 63 díades mãe-bebê. Os resultados do inquérito indicam que a ansiedade de separação materna tem múltiplas determinações, como as características da mãe, as da criança e a situação de emprego. Em especial, o nascimento do bebê e a situação de emprego real foram os fatores preditores mais consistentes de variação na ansiedade de separação. Constatou-se que as mulheres que planejaram, no período pré-natal, permanecer em casa após o nascimento de seu filho expressaram mais ansiedade de separação relacionada ao emprego. Esse resultado sugere, de acordo com os autores, que, por alguma razão as mulheres querem ficar em casa por causa das preocupações que têm sobre o equilíbrio entre seus papéis de mãe e trabalhadora e sobre o efeito da creche no bebê.

Além das pesquisas quantitativas acima, que estudam os sentimentos das mães frente à a separação do bebê, o estudo norte americano de Chin-Hsu (2004) foi mais além. Ele

analisou sistematicamente os antecedentes e as consequências da ansiedade de separação de 53 mães primíparas a partir de três fontes de influência, sendo elas: características parentais; disposição temperamental do filho e condições sociocontextuais no que se refere à qualidade conjugal e à rede de suporte social.

O resultado desse estudo mostra que as mães que experienciam um desenvolvimento harmonioso na relação conjugal estão mais propensas a esperar e a confiar em seu cônjuge para compartilhar atividades e menos propensas a se preocupar com os efeitos da separação sobre a criança. No entanto essa, melhor qualidade de satisfação conjugal está relacionada à crescente ansiedade de separação ligada ao emprego, indicando maior conflito vivenciado pelas mães em equilíbrio materno e os papéis de trabalho (Chin-Hsu, 2004).

Já no estudo de Almeida (2007), investigaram os sentidos construídos pelas mães de camadas populares e de classe média em relação aos cuidados infantis. As mães de classe média declaram-se inseguras ao deixarem seus bebês na escola de educação infantil, para elas, o processo de separação gerou sofrimento e culpa, encontrando dificuldade em conciliar os papéis de mãe e trabalhadora.

Apesar das modificações em torno dos cuidados infantis, Melchiori e Biasoli Alves (2000) consideram que, ao observar o comportamento dos bebês e dos pais nos momentos de separação e reencontro em uma creche, mesmo o bebê estando num ambiente coletivo o dia inteiro, o vínculo mãe-bebê não está afetado, e a maioria das crianças tem noção do ir e vir e da troca de ambiente. Os resultados ressaltam a importância da interlocução entre a mãe e os responsáveis pela continuidade dos cuidados dos bebês nas instituições. Tal continuidade, segundo Winnicott (1962/1983), auxilia na integração da personalidade do indivíduo. Gurgel (2011) em sua dissertação a respeito da separação mãe-bebê devido à entrada no berçário, afirma que a adaptação do bebê a um berçário depende de como a mãe apresenta esse local ao filho e das suas concepções sobre ele.

Percebe-se, a partir da literatura, que a experiência de ser mãe exige da mulher um envolvimento psíquico significativo onde questões importantes do desenvolvimento do bebê irão emergir. No entanto, o mundo público tem feito exigências a nova mulher que, muitas vezes, têm trazido dificuldades no exercício da maternidade, como a de desligar-se dessas questões para envolver-se na relação mãe-bebê, além da necessidade de escolha de uma rede de apoio que dê conta das demandas de um bebê ainda nos primeiros meses de vida e de uma mãe envolvida nas duas atmosferas, maternidade e trabalho.

Dessa forma, pensou-se como fundamental focar um estudo que englobasse tanto a experiência da maternidade como o momento de separação pelo retorno ao trabalho. Por isso,

este estudo questiona: quais os significados que a mãe fornece para esse momento de separação da díade mãe-bebê? Quais são os sentimentos das mães em relação à separação do primeiro filho no período de adaptação desse na escola de educação infantil? E quais motivos que levaram a mãe a optar pela escola de educação infantil como rede de apoio nesse momento?

2 MÉTODO

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de tipo exploratória, com delineamento de Estudos de Casos Múltiplos (Yin, 2010). Nessa forma de estudo, procura-se e o significado de um fenômeno que ocorre num contexto de vida real, como parte do ciclo de vida individual. Optou-se pelo estudo de casos múltiplos, pois se buscam, em uma situação bastante semelhante, resultados similares e contraditórios (Yin, 2010).

2.2 Participantes

O perfil das participantes deste estudo foram quatro mães adultas que buscaram uma escola de educação infantil particular durante os últimos meses da licença-maternidade para colocar o seu primeiro filho no berçário devido ao retorno ao trabalho. Elas tinham idades entre 30 e 32 anos, residiam com os pais do bebês, até o desenvolvimento da pesquisa, por pelo menos um ano e moravam em cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Todas trabalhavam por, não menos que, 40 horas semanais, assim como os seus companheiros. Todas possuem ensino superior completo, duas são pós-graduadas, e uma suspendeu a pós-graduação na gravidez.

As quatro participantes foram indicadas pelas professoras do berçário das escolas de educação infantil e escolhidas de acordo com o perfil exigido pelo estudo, que consistia em: mães primíparas adultas, com idades entre 25 e 35 anos que residam com o pai do bebê pelo período mínimo de um ano, moradoras da Região Metropolitana de Porto Alegre (RS) que não recebam bolsa ou desconto da escola de educação infantil, tão pouco, auxílio- educação e são trabalhadoras. Por causalidade, os bebês eram todos do sexo feminino.

A fim de encontrar o perfil de mães de classe média que o planejamento da pesquisa exigia, foram excluídas do estudo as participantes que recebiam bolsas ou descontos da escola de educação infantil. Além disso, também foram consideradas inelegíveis para o estudo as

mães que optaram pela escola de educação infantil, mas não iriam retornar ou iniciar um trabalho e aquelas com idade superior a 35 anos, ou inferior a 25 anos.

Nas duas escolas escolhidas para realizar a indicação das participantes desta pesquisa, havia um processo de adaptação de pelo menos uma semana, ou seja, durante esse período, as quatro mães acompanharam o bebê na escola, e o período de separação foi gradual e progressivo. Apesar de apenas quatro mães participarem do estudo, o perfil das mães foi bastante semelhante quanto à idade, faixa etária dos bebês, horas de trabalho e escolarização. Abaixo, no quadro 1 com o perfil das participantes:

Quadro 1: Participantes da pesquisa segundo idade das mães, dos bebês, profissão. Tempo de casadas, escolaridade, carga horária semanal e turno do bebê na escola.

	JAQUELINE	DANIELA	GABRIELA	VITÓRIA
Idade da mãe	31	30	32	31
Idade do bebê	4 meses	5 meses	5 meses	6 meses
Profissão	Médica	Administradora	Advogada	Arquiteta
Tempo de casados	1 ano	2 anos	2 anos	6 anos
Escolaridade	Pós graduação em andamento	Pós Graduação	Pós Graduação	Graduação
Horas de trabalho semanal	Turno integral	Turno integral	Turno integral	Turno integral
Turno do bebê na escola	Integral	Integral	Integral	Integral

2.3 Procedimentos e Instrumentos

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), respeitando todos os procedimentos éticos para Pesquisa em Psicologia com Seres Humanos contidos na Resolução nº016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 196/1996.

Após a apresentação da Pesquisa às escolas de educação infantil privadas, foi apresentado às professoras do berçário I o perfil desejado para as participantes. Coube a elas, no momento de adaptação dos bebês, relatarem os objetivos da pesquisa às mães e verificarem seu interesse em participar da mesma. Após a indicação, o primeiro contato da pesquisadora com as mães foi feito na escola, e os contatos posteriores foram realizados em locais desejados pelas mães. Todas as mães assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), (Anexo A). Os encontros foram gravados e transcritos literalmente, sob

a autorização das participantes. Na realização deste estudo, os instrumentos utilizados serão apresentados a seguir:

2.3.1 Entrevista de Dados Demográficos da Mãe (Anexo B)

Essa primeira entrevista foi realizada com o objetivo de conhecer o perfil das mães entrevistadas. É composta por dados de identificação da família do bebê, tais como idade, escolaridade, profissão dos pais e tempo de trabalho. A pesquisa de dados demográficos permitiu coletar determinados indicadores que não definem a classe social das mães estudadas, mas permitem delimitar onde se localizam socialmente.

2.3.2 Entrevista Adaptada sobre a Experiência da Maternidade e Desenvolvimento do Bebê no Terceiro Mês do Bebê (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Gianlupi & Ribeiro, 1999¹) (Anexo C)

Essa foi a segunda entrevista realizada com as participantes da pesquisa. De acordo com Gianlupi (2003), autora do instrumento, essa entrevista tem o objetivo de investigar os sentimentos da mãe referentes à maternidade e a seu bebê. Foi pedido que a mãe relatasse como estão sendo os primeiros meses com o bebê, desde o nascimento até o momento atual, e, se necessário, exploram-se determinados aspectos de acordo com cada caso.

É uma entrevista semiestruturada composta, por questões abertas. Sua divisão dá-se em seis blocos. O primeiro refere-se aos três primeiros meses do bebê; o segundo, à experiência de ser mãe; o terceiro investiga o desenvolvimento do bebê no seu dia-a-dia; o quarto refere-se às percepções maternas sobre os cuidados paternos em relação ao bebê. Os dois últimos blocos, que mais interessam a esta pesquisa e que foram profundamente explorados, perguntam as mães sobre a participação de outros cuidadores (rede de apoio) no dia a dia do bebê; e, no caso da presente pesquisa, as perguntas partiram da adaptação do bebê, como ela está ocorrendo, quais os sentimentos da mãe e quais os critérios de escolha da creche.

2.3.3 Entrevista Semi-Estruturada sobre os Sentimentos diante da Separação Mãe e Bebê e o Retorno ao Trabalho (Anexo D)

A terceira entrevista foi realizada quando todas as mães já haviam reiniciado no trabalho após a licença-maternidade. Sua finalidade foi explorar com maior densidade os sentimentos diante do processo de separação mãe-bebê e compreender como a mãe entende o retorno ao trabalho, como dificultador ou facilitador na sua relação com o bebê. Além disso, enquanto, nos instrumentos já citados, as questões foram em torno do papel materno, nessa entrevista o papel da vida pública das participantes foi explorado. As palavras carreira e

trabalho foram consideradas sinônimos, e a escolha de uma delas foi dada pelas próprias participantes do estudo.

2.3.4 Genograma familiar do Casal Adaptado à mãe (Adaptado de McGoldrick & Gerson, 1985 por Castoldi & Sobreira Lopes, 1998²) (Anexo E)

A última entrevista realizada consistiu na composição gráfica familiar dos relacionamentos básicos, em pelo menos, três gerações. Nesta pesquisa, foram consideradas apenas duas gerações, e exploraram-se mais especificadamente as profissões, as idades de uma possível rede de apoio após o retorno ao trabalho, que não incluía as avós. Wednt e Crepaldi (2008) destacam que, atualmente, ela está sendo difundida como um instrumento científico para coleta de dados, principalmente nas pesquisas qualitativas com famílias.

Em todos os casos, foi respeitada a ordem dos instrumentos. As duas primeiras entrevistas foram realizadas quando os bebês estavam no momento de adaptação à escola pela avaliação das professoras. Já nas duas últimas, todas as mães haviam retornado ao trabalho, o que não significa dizer que os bebês não estivessem mais em adaptação. São diversos os fatores que não permitiram uma maior uniformidade na temporalidade das entrevistas, dentre eles podem ser citados: tempo de adaptação do bebê, faltas das mães à escola nas semanas da adaptação, adoecimento do bebê, retorno ao trabalho antecipado e esquecimento, por parte da professora, de incluir nesse processo de adaptação a pesquisadora.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Todas as entrevistas, incluindo o genograma, foram gravadas e posteriormente transcritas literalmente, com a autorização da participante. Todo o material foi analisado e interpretado a partir do referencial teórico psicanalítico, que versa a respeito da relação mãe-bebê, e dos sentimentos referentes à separação mãe-bebê, além de pesquisas que abordam a importância da profissão na vida da mulher e seus sentimentos quanto ao retorno ao trabalho após a licença-maternidade, abordados na revisão teórica.

A análise dos dados utilizou como estratégia a proposição teórica de Yin (2010), na qual a orientação teórica guiará a análise do estudo de caso. Todos os casos foram construídos individualmente, integrando os resultados obtidos com a aplicação de todos os instrumentos, inclusive o genograma. Com esses resultados, os casos foram organizados a partir de quatro temas, que são: construindo a carreira, a experiência de ser mãe, primeiras separações, e

1/ 2 Obteve-se dos autores a autorização para utilizar os instrumento nesta pesquisa.

retorno ao trabalho. A exposição dos temas foi organizada respeitando a cronologia dos acontecimentos. Por tal motivo, optou-se por iniciar apresentando, em cada caso, as respectivas carreiras e, posteriormente, o papel da maternidade. Ao longo dos resultados e discussões, todos os nomes das mães e dos bebês, bem como informações que possibilitassem a identificação dos participantes deste estudo, foram modificados a fim de respeitar o sigilo.

Integrada aos resultados, está apresentada a discussão, que consistiu em analisar o fenômeno, buscando articular a revisão teórica com os fatos relatados por cada mãe. Em um segundo momento, foi realizada a Síntese de Casos Cruzados (Yin, 2010), que, após a explanação de cada caso, confronta suas convergências e divergências.

3.1 Caso 1: Jaqueline e o Temor da Dependência

O primeiro caso abordado será o de Jaqueline, mãe de Amanda, uma menina de quatro meses que está nos últimos dias do período de adaptação na escola de educação infantil. As primeiras duas entrevistas realizadas com a mãe foram na escola, já as últimas duas foram em seu novo local de trabalho. A mãe é médica e tem 31 anos. Seu esposo tem 34 anos, e sua escolaridade é superior completo. São casados há um ano, no entanto, namoraram por mais de 10 anos. A mãe iniciou o processo de adaptação da filha à escola de educação infantil duas semanas antes do retorno ao trabalho.

3.1.1 Construindo a Carreira

O desejo de ser médica acompanhou Jaqueline desde sua infância. Ela conta que se lembra o quanto era encantada pelo consultório de seu pediatra e relata: *“eu me lembro do consultório dele em detalhes, eu me lembro que tinha que passar pela entrada, o consultório dele era lindo, ele tinha uma Mônica desse tamanho (demonstra com gestos), lá no alto, isso eu me lembro até hoje, ele tinha uma sala para exames, eu achava um máximo, eu adoro o que faço, adoro.”*. Aqui, pode-se observar que, desde a infância, seus ideais profissionais estavam se construindo.

O percurso percorrido por Jaqueline até entrar na faculdade de medicina foi longo, como ilustrado na verbalização a seguir: *“Desde a minha adolescência, eu venho me preparando. Eu fiz o curso técnico para entrar em contato com a profissão da área da saúde (...) então eu apanhei quatro anos até entrar [na faculdade], foi meu maior sofrimento, para mim e para minha família, mas depois que eu entrei, fui embora.”* A participante conta em detalhes todo o percurso que percorreu antes da entrada na faculdade, a insistência da família para que a mesma procurasse outro curso, os estágios que realizou e as áreas pelas quais se interessou.

Na pesquisa de Rocha-Coutinho (2004) com 25 estudantes universitárias de diferentes cursos a respeito de questões como maternidade e profissão, os resultados indicam que o discurso social privilegia a posição da mulher no mercado que trabalho. Junto a esse discurso de valorização da profissão, o mundo profissional está relacionado a aspectos de realização, felicidade e crescimento pessoal. No caso de Jaqueline, tal discurso vem de dentro da própria família.

3.1.2 A Experiência de Ser Mãe

Foi no final da sua graduação que o desejo de ter um filho surgiu, primeiramente por parte do esposo, como Jaqueline conta: *“aí ele começou a falar sobre engravidar né, eu achei que eu ia levar uns seis meses para engravidar, na verdade, eu levei um mês e pouco”*. Em tal trecho apresenta-se uma particularidade, pois os estudos apontam que a construção da maternidade ocorre muito antes de o bebê nascer ou de sua concepção, através das identificações com a mãe, em um momento pré-edipiano, onde a menina adquire características do seu papel sexual e social (Freud, 1932/1976). No entanto, para Jaqueline, a construção de papéis que ocorreu desde a infância e que aparece durante todo o desenvolvimento da sua história é o da mulher profissional e não a da mãe. A maternidade não apareceu como um desejo vindo da infância. A mãe cita acima, inclusive, que tal desejo partiu do esposo e não dela.

Ela conta que seu dia a dia no período gestacional foi turbulento. Na mesma época que engravidou, além dos dois locais de trabalho, realizava sua residência em psiquiatria, e isso fez com que a gravidez fosse considerada difícil: *“A minha gravidez foi um pouco corrida, eu trabalhava aqui e voltava para Porto Alegre para a minha aula, eu enfrentei o trânsito. Aí, como eu tive problema de pressão alta e a minha médica disse que eu teria que diminuir algo, aí eu não pensei duas vezes e tranquei o curso.”* Ela conta que a interrupção do curso não a deixou triste, pois se sentia muito cansada.

Apesar disso, o trabalho permaneceu intenso durante o período gestacional, como ela traz: *“eu trabalhei a gestação inteira, era complicado, às vezes eu trabalhava até às nove horas da noite; até eu conseguir sair desse horário levou uns dois meses; até o penúltimo mês de gravidez eu não pude sair”*. Devido à falta de tempo, Jaqueline não conseguiu realizar a sessão fotográfica de grávida. A participante não se deu conta do quão rápido passaram os meses de gestação e se espantou quando a obstetra lhe perguntou sobre o dia em que pretendia marcar a cesárea: *“fui na minha obstetra, e ela disse ‘ela [bebê] vai nascer semana que vem, escolhe o dia’, aí eu disse, dia 20 (...). Tá, aí eu pensei, eu nem tinha feito o meu book [fotográfico], e agora?”*.

O trecho acima traz indícios de que Jaqueline, no final da gestação, não se permitiu entrar no estado de preocupação materna primária, pois mostrou espanto com a notícia da obstetra. É esperado que, no último trimestre de gestação, as grávidas reduzam suas atividades e se voltem para o parto e para a preocupação com seu bebê. Esse é um momento de intensas mudanças, tanto somáticas quanto psicológicas e sociais, por isso, os últimos meses de gestação são caracterizados pelo aumento da ansiedade (Maldonado, 1997; Soifer, 1980). Jaqueline fala apenas do cansaço, justificado pelo problema de pressão alta, mas não se refere a nenhum temor relacionado às expectativas em torno do nascimento.

Na pesquisa de Piccinini, Gomes, Nardi e Lopes (2008) as 39 gestantes pesquisadas demonstraram sentimentos intensos no que se refere ao tornar-se mãe. No entanto, os autores reconhecem que a sobrecarga exigida da mulher atual, referente ao desenvolvimento profissional, como é o caso de Jaqueline, faz com que elas voltem somente para o papel materno no momento do parto. Ressaltam ainda que as mulheres que se engajam no papel de mãe, em sua gravidez, são vistas socialmente com certo estranhamento. Nesse aspecto, Jaqueline fala com orgulho de seu comportamento, ao voltar-se, na gravidez, somente para o âmbito profissional.

Como no caso estudado por Granato e Aiello-Vaisberg (2003), em que a paciente, grávida de oito meses se permite questionar a respeito do parto e deixar emergir sua ansiedade em torno desse momento, por não poder estar no controle da situação e tampouco adormecida pela anestesia. Jaqueline também se depara com a necessidade de estar no controle da situação. Mergulhada no ambiente profissional, ela não abre mão de coordenar as suas ações e, inclusive, as de seu esposo, como assinalam as circunstâncias em que ocorreu o nascimento do bebê. A participante relata: *“fui ao cabeleireiro para arrumar meus cabelos para fazer as fotos [do book da gestação], fiz mão e pé, depois pensei, vou passar no laboratório, fui buscar o resultado do exame, quando eu vi o resultado deu bem alterado, eu nem liguei, fui direto ao consultório”*. Aqui fica marcado de maneira significativa o fazer, não há um espaço para ansiedades, expectativas e preocupação como é esperado nos momentos que antecedem o parto (Piccinini *et al.*, 2008). Mesmo tendo que fazer o parto às pressas, Jaqueline conta que se manteve calma e demonstrou sentimentos de tranquilidade.

Ela relata que telefonou para o esposo para avisá-lo e dar-lhe orientações. A respeito de tal momento, ela conta como se sentia: *“bem tranqüila, sai [do consultório da obstetra], fui na clínica pegar autorização, voltei para casa, tudo dirigindo, sozinha, fui para casa, tomei um banho. (...) Aí eu cheguei lá e a recepcionista: ‘A doutora está te esperando’. Aí, quando eu vi ela, ela [médica obstetra]: ‘onde é que tu tava? tu é louca! eu estou aqui há um tempão!’*

Eu fui para casa tomar um banho, arrumar as minhas coisas para vir". Nota-se que, nessa fala, a participante quer demonstrar ao esposo, à obstetra e à própria pesquisadora o quanto é uma pessoa independente e segura de si. Nesse aspecto, a participante não consegue se desligar da profissão para vivenciar o primeiro contato com seu bebê. Esse momento geralmente gera insegurança e ansiedade na grávida, justamente pela incapacidade de controlar tal acontecimento (Maldonado, 1997).

No entanto, Jaqueline fica, na véspera do parto, organizando a situação em seu entorno, não permitindo seguir as orientações médicas, tampouco experienciar sentimentos de insegurança pela irreversibilidade de tal acontecimento (Maldonado, 1997; Soifer, 1980). A literatura aponta que a mulher, na hora do parto, tem a necessidade de estar no controle, bem como em todos os acontecimentos que dizem a respeito a ele: o ambiente, o ritmo e a forma como as pessoas em torno dela reagem e a ordem dos acontecimentos (Donelli, 2008; Soifer, 1980).

Jaqueline diz ter-se sentido tranquila mesmo quando ficou sabendo que a filha teria que ir para a UTI neonatal, e ela mesma conta sua reação com certo estranhamento ao falar: *"eu não sei se é porque eu estava tão sonolenta que não me causou um choro fácil"*. No estudo de Lopes *et al.* (2005), que utiliza o mesmo instrumento deste estudo, os sentimentos maternos de 28 mães primíparas quanto ao parto foram analisados no terceiro trimestre de vida do bebê. No caso de Jaqueline, assim como a maioria dos resultados da pesquisa, ela traz sentimentos de si própria, não expressa sentimentos em relação à filha no momento do parto.

O que causou maior surpresa a ela foi a reação do pediatra da UTI diante da tranquilidade da mãe, como ela conta: *"chegou o pediatra, e o pediatra disse: 'oi, tudo bem?'"* *Eu respondi tudo bem, e ele: 'Tudo bem não está, senão ela não estava aqui'"*. A mãe demonstra indignação com a fala do médico, diz que isso é um aprendizado e busca não fazer o mesmo em sua profissão. Ela racionaliza buscando explicações científicas ao falar desse momento. Jaqueline relata a relação paciente-médico, a questão da anestesia, do medicamento que a filha estava tomando e que, apesar da fala do pediatra, tem experiência em UTI neonatal e sabia que a filha estava bem.

Aqui, pode-se pensar sob o prisma de Winnicott (1965/1999), em que a mãe saudável, prestes a dar à luz, é um paciente, mas não um paciente qualquer, pois está saudável e capaz de tomar decisões. No entanto, devido às circunstâncias, está em um estado de dependência. E esse parece ser o mal-estar de Jaqueline: após o parto, a mãe encontra-se em um estado de dependência, o qual não é confortável, como se demonstra ao longo das entrevistas. Isso se agrava com a dificuldade do médico de respeitar o saber da mãe ao longo desse processo,

aumentando a situação de dependência na qual é colocada tanto no parto quanto na UTI neonatal.

Para Jaqueline, dois fatos foram marcantes ainda no hospital. Um deles foi a reação do médico quando ela foi até a UTI neonatal ver a filha, e o segundo foi após a bebê sair da UTI neonatal e ir para o quarto. Amanda chorava muito, e quando Jaqueline foi orientada pela irmã e pelo pediatra de que o choro da filha era de fome, a mesma relata: *“aí eu sentei do lado dela e comecei a chorar, chorar, chorar, chorar, eu deixei a minha filha passar fome, eu deixei a Amanda passar fome”*.

Foi após o nascimento de Amanda, no puerpério, que Jaqueline deixou emergir seus sentimentos. Winnicott (1949/2000) diz que a experiência da maternidade é um período crítico e de extrema sensibilidade e ressalta que tal experiência se dá no contato, na relação, e essas são condições necessárias para a construção do sentimento de unidade entre mãe-bebê, essencial para a existência do mesmo. A situação acima também reporta ao eixo vida e crescimento de Stern (1997), que fala da capacidade da mãe de manter e promover o crescimento e desenvolvimento do seu bebê. A intervenção do médico e dos familiares é sentida pela mãe como um ataque à nova identidade materna.

Tal mudança de atitude materna mostra, pela diminuição de suas defesas, como a racionalização, que Jaqueline ruma em direção à preocupação materna primária (Winnicott (1956/2000), na qual, para possibilitar a identificação com o bebê, se entrega ao estado de dependência e vulnerabilidade (Winnicott, 1963/1983). Nesse caso, o nascimento real da Amanda aparece como fator importante para Jaqueline iniciar a construção de uma identidade materna, através da reelaboração do *self* não somente enquanto mulher, mas enquanto mãe e profissional (Stern, 1997).

Ao descrever a personalidade de Amanda, Jaqueline relata que ela é um bebê tranquilo e calmo, e conta: *“é uma bebê que eu chamo ela de pro-felicidade, ela acorda de manhã, ela está sempre sorrindo, claro que ela chora, como todo o bebê, mas ela é calminha desde que nasceu”*. A mãe mostra outra qualidade de Amanda: *“Ela é uma criança superboa, tranquila, ela é uma criança assim, não estranha colo, se dá bem com as pessoas.”*

A respeito do seu dia a dia com Amanda, Jaqueline diz que se sente mais à vontade quando está a sós com a filha: *“Quando está só eu e ela, eu gosto de brincar mais com ela, de dar banho nela, quando tem mais pessoas, eu sou mais reservada”*. Conta que, durante o período de licença-maternidade, passava o dia inteiro com a filha, e: *“Eu me sentia muito bem, tinha mais controle, do cocô, do xixi, eu brincava mais com ela, eu cantava muito com ela, a gente conversava, a gente olhava TV junto, a gente dava volta juntas, coisas que eu não*

tenho mais, que eu faço final de semana agora". Esse trecho revela que, para adaptar-se às necessidades do bebê, a continuidade dos cuidados se mostra relevante (Winnicott, 1960/2005). Enquanto a mãe passava o dia com a filha nos primeiros meses de vida, as necessidades sutis eram sentidas e percebidas por ela com mais naturalidade. A fala acima pode ser analisada no sentido de ambas, mãe e bebê, serem um ser só, e tal momento é alcançado por essa mãe quando está só com a filha.

Para Winnicott (1956/2000), a mãe que desenvolve o estado de preocupação materna primária, ou seja, que se adapta às necessidades do bebê, permite à criança desenvolver-se, começar a existir, dominar os instintos e sensações, constituir-se, mesmo diante de dificuldades. Nesse estado, a mãe coloca-se no lugar do bebê, e conseqüentemente, responde às suas necessidades, permitindo a constituição do ego. A adaptação às necessidades do bebê foi ocorrendo aos poucos. Porém a mãe, ainda nos primeiros meses de vida de Amanda, fala sobre as restrições das atividades que realizava antes do nascimento da filha, e relata que uma das mudanças em sua rotina foi em relação às viagens que o casal realizava: *"Aí foi assim, a gente começou a se adaptar a ela, a gente não vai à serra todo final de semana, a gente não pode"*. A diminuição do contato social após o nascimento do filho, nos primeiros seis meses, foi relatado por 78,3% das mães do estudo de Oliveira e Dessen (2012). No entanto, em um determinado final de semana, o casal resolveu fazer uma atividade de lazer a dois, e Jaqueline relata que, ao se darem conta de que já era noite *"a gente foi no cinema e bateu uma culpa de ter deixado ela o dia inteiro, ele levou uma multa, ele veio em 25 minutos de Porto Alegre até aqui"*. Pode-se pensar em uma necessidade da mãe de afastar-se do papel materno, cansada do estreitamento de seu mundo devido as extremas exigências que a dependência absoluta do bebê requer (Dias, 2003), porém a separação é sentida pela mãe com culpa *a posteriori*.

3.1.3 Primeiras Separações

As primeiras separações ocorreram antes da entrada na escola de educação infantil. Jaqueline tem dois empregos, um de carteira assinada, que lhe garantiu a licença-maternidade, e outro que ela retomou quando Amanda tinha dois meses e meio. Nesse caso, o trabalho autônomo fez a mãe retornar ao trabalho quando Amanda era muito bebê e ela percebe que o bebê não está preparado para tal momento. Apesar de serem apenas algumas horas na semana, ela conta: *"a primeira semana me doeu sabe, eu não me esqueci quando o meu marido pegou ela na minha sogra e levou ela para casa, aquilo me doeu, foi difícil, aquilo me deixou [silêncio] aquilo me doeu, mas tem que ser"*. Jaqueline relata que seu esposo não queria que ela voltasse a trabalhar, no entanto, o valor recebido na licença-maternidade não supria as necessidades.

Nesse momento, a mãe expressa que o pai se coloca como rede de apoio e sustentação à díade mãe- bebê, ao sugerir que a mãe não volte a trabalhar. Stern (1997) chama de matriz de apoio, o terceiro tema da constelação da maternidade, ou seja, a necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora para que ela possa realizar suas funções. No entanto, a mãe não permite que o pai realize tal função, ela tem dificuldade em colocar-se no estado de dependência diante da possibilidade de dependência financeira do esposo, a mãe retoma a esfera profissional. Quanto à reação da filha diante dessas primeiras separações, a mãe diz que Amanda ficou chorosa.

Nesse caso, há uma rede de apoio presente, diariamente, a partir dos dois meses e meio de Amanda. A rede de apoio da participante é pequena, são as avós materna e paterna, assim como no estudo de Oliveira e Dessen (2012). No entanto, diferentemente do estudo de Dessen e Braz (2000) e Piccinini, Pereira, Marin e Lopes (2007) o pai não é considerado pela mãe como uma rede de apoio. Apesar de Jaqueline não se sentir confortável com a ajuda da sogra, não abdica do seu trabalho, pois a maternidade para a mãe é sinônimo de dependência, questão central neste caso. Tal situação demonstra o papel preponderante das redes de apoio (Dessen & Braz, 2000) para a experiência da maternidade no dias atuais (Piccinini, *et al.*, 2008) e principalmente para o cuidado e a subjetivação do bebê.

Jaqueline relata que, mesmo tendo o apoio da escola de educação infantil para cuidar de Amanda, conta com as avós materna e paterna como rede de apoio quando, por exemplo, o bebê está doente. Aqui, novamente, a mãe não cogita a opção de ausentar-se do trabalho para cuidar da filha doente, a rede de apoio supre a atenção necessária ao bebê, que exige, nesse momento, cuidados especiais, enquanto a mãe fica na esfera pública.

Apesar de reconhecer a importância do cuidado da avó paterna com Amanda, ela retorna o conflito com a sogra e conta que, apesar de ser mais fácil ficar ela, por uma questão de localização e disponibilidade, já que sua mãe trabalha, ela reveza os cuidados entre ambas as avós. Isso ocorre porque: *“meu marido fica preocupado porque ela não está adquirindo peso, então sabe, ele passa isso para a minha sogra”*. Porém a atitude da sogra a incomoda: *“a minha sogra gosta de dizer, aí eu fiz isso, aí eu fiz aquilo (...) ela fica assim para meu marido, olha só eu consegui dar mamá para a Amanda”*. Nota-se, nesse caso, que, em dois momentos, a mãe se sente julgada por não alimentar sua filha, no hospital e na volta ao trabalho. No capítulo específico a respeito dos problemas de alimentação, Winnicott (1968/1997) diz que a maioria das dificuldades de alimentação está relacionada à dificuldade da mãe de adaptar-se às necessidades do bebê num nível de identificação mais elevado, nível

este que não pode ser traduzido em palavras e vem se apresentando, neste caso, desde a gravidez.

Os motivos que fizeram Jaqueline optar pela escola de educação infantil foram: *“em uma escola, a gente tem um controle maior (...) A primeira coisa que eu levei em consideração ao colocar em uma escolhinha, a confiança, coisa que eu não tenho em uma babá e fica com avó e avô não fica no convívio de outras crianças e esses foram os critérios da minha escolha.”* Jaqueline conta que a confiança pela escolhinha se baseou no fato de que a sua irmã colocou os sobrinhos lá, por isso o local foi *“(...) uma escolha antes de ter a Amanda”*.

A palavra controle é expressa pela mãe às vésperas do parto, assim como no período de licença-maternidade, quando se apropriava dos cuidados, tais como se Amanda fazia, ou não cocô, e novamente quanto ao critério de escolha da escola de educação infantil. Jaqueline sente necessidade de estar no controle tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Dessa forma, a mãe não demonstra incômodo em acessar a rede de apoio para a filha, mas, sim, para ela, tem dificuldade em entregar-se à vulnerabilidade e à dependência necessárias para o estabelecimento da relação mãe-bebê.

Apesar de a mãe ter explicitado que os motivos acima a levaram a optar pela escola de educação infantil como rede de apoio nos cuidados de Amanda, assim mesmo está sendo uma decisão somente sua, pois o esposo gostaria que a avó paterna cuidasse de Amanda. Através do genograma, outras questões referentes à não escolha pelos cuidados dos avós apareceram. Primeiramente, referindo-se ao sogro, ela diz: *“ele tem um traço anti-social bem acentuado, uma coisa forte, por causa desse traço anti-social também a minha escolha”*. Além disso, demonstra uma rivalidade com a sogra quanto aos cuidados de Amanda. A mãe acredita que o marido supervaloriza os cuidados que a sogra dá a Amanda: *“ele chegava em casa e dizia, porque a mãe conseguiu dar de mamá, a mãe conseguiu fazer ela comer, a mãe deu chá de tantas em tantas horas para ela. Tipo assim, tu não consegue o que a minha mãe consegue, tipo assim, sabe, esses foram alguns dos motivos que eu tirei ela de lá e por causa do meu sogro”*.

3.1.4 Retorno ao Trabalho

Jaqueline diz que ela e a filha estão muito tranquilas nesse processo de separação e adaptação à escola. Ela imaginava que seria diferente do que está ocorrendo e descreve: *“Eu achei que, para mim, seria mais dramático, eu achei que eu ia ficar mais sentida, que eu ia chorar, mas não aconteceu tudo isso, ela sentiu muito, eu também sinto”*. A mãe diz que acredita que isso ocorreu, pois já viveu o momento de separação com o retorno ao outro

trabalho. Dessa forma, a ida à escola de educação infantil não é sentida pela mãe como um momento de ruptura dos laços, como trazem Mariotto e Bernardino (2009) sobre tal momento, essa ruptura, neste caso, ocorreu quando Amanda tinha dois meses e meio.

Se Jaqueline se sente segura quanto a tal decisão, o sentimento do pai é distinto. O marido de Jaqueline sugeriu a ela uma redução de carga horária no trabalho, e, diante de tal circunstância, a reação dela foi: *“ele acredita que para ela ir para a creche, ela tem que ter os oito meses (...) ele queria que eu ficasse meio turno em casa, eu disse que não, não vou mesmo, eu tenho que trabalhar”*. A mãe está decidida em não abdicar do investimento na carreira em prol da maternidade. Tal fala corrobora o resultado do estudo de Amazonas, Vieira e Pinto (2011), no qual as mulheres entrevistadas atribuem um significado ao trabalho não somente relacionado ao salário, mas à autonomia e à liberdade. Em nenhum momento da entrevista tal opção se coloca para a mãe como uma possibilidade.

Por tal motivo, o processo de adaptação à escola está sendo vivenciado com mais dificuldade pelo pai: *“ele acha que educação é de avô e avó, quem tem mais dificuldade na adaptação da Amanda é o pai”*. Relata ainda que: *“tudo foi empecilho até eu matricular ela, colocava mil e um defeitos”*. A resolução de tal questão se deu porque a sogra ficou doente, e Jaqueline relata: *“é que ela ficou doente e, aí, ela disse que ela estava muito velha e que ela não podia cuidar mais”*.

A escolha pela escola de educação infantil não é uma decisão do casal, mas da mãe, na impossibilidade de a avó paterna cuidar da filha. Para Dias (2003), em alguns casos, os pais podem ser mais maternos que as mães, são mais aptos a amenizar as falhas ambientais. A aptidão do pai de Amanda não foi abordada aqui, mas ele representa, através da fala da mãe, ser mais sensível nos momentos de transições, seja em seu nascimento, seja em sua ida à escola.

Para a mãe, os últimos dias de licença já estavam estressantes, e conta: *“eu não sou de ficar parada, eu estava muito estressada, ainda mais que eu moro em um apartamento muito pequeno (...) eu queria dormir, a Amanda queria dormir, aí eu andava de um lado para o outro da casa, buscava sair, eu não posso ficar trancada em um único lugar”*. Tal fala corrobora os resultados do estudo de Granato e Aiello-Vaisberg (2003), que apontam mulheres sentindo-se pouco produtivas por cuidarem de seus bebês, tendo em vista comumente vivenciarem o lado ativo do mundo do trabalho.

Ao tratar da carreira hoje, Jaqueline relata que, no momento, ela está em segundo plano: *“A minha carreira para mim é importante, ela é meu sustento, mas, na minha vida, ela ficou em segundo lugar, pois a prioridade é a minha filha. Quando eu engravidei dela, eu*

pretendia voltar este ano para a residência, mas eu pensei, não, ela é muito pequeninha, depende de mim". A fala acima demonstra que a mãe reconhece a dependência da filha em relação a ela, o que a impede de investir em um terceiro projeto, os estudos para o aprimoramento de sua carreira, no entanto, na prática, Jaqueline não deixou de retornar ao trabalho quando a filha tinha dois meses e meio. O reconhecimento da necessidade de sua presença nos primeiros anos de vida de Amanda pode ser analisado nos discursos sociais que valorizam a mãe como principal cuidadora de seu bebê (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007).

Jaqueline está muito satisfeita com o atual emprego, pois, depois da licença, recebeu uma nova proposta de emprego e aceitou. Lá, segundo ela, consegue equilibrar maternidade e carreira: *"depois que ela nasceu, para mim, hoje, o melhor lugar é aqui, em questão de horário, de lugar, ela me deu um ótimo salário"*. Conta que sobre pressão de sua família de origem para continuar a investir na carreira: *"a minha carreira é muito importante para mim, sim, mas a minha formação em psiquiatria ficou em segundo plano, a minha mãe quer porque quer que eu volte, mas não é por isso que eu vou voltar."*

Por fim, esse caso mostra uma mulher que faz tentativas de ser uma mãe suficientemente boa, principalmente nos primeiros meses após o nascimento da filha, no entanto, tem dificuldades em entregar-se aos sentimentos e ao estado de dependência necessário para o mergulho na relação mãe-bebê. Winnicott (1956/2000, p.401) afirma a respeito:

"Muitas mulheres são com certeza boas mães em todos os outros aspectos, e levam uma vida rica e produtiva, mas não têm a capacidade de contrair essa 'doença normal' que lhes possibilitaria a adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos primeiros momentos."

3.2 Caso 2: Daniela e os Sentimentos Ambivalentes

Daniela é mãe de Virgínia, um bebê de cinco meses que está na primeira semana no berçário de uma escola de educação infantil privada. As entrevistas realizadas com Daniela ocorreram em seu local de trabalho. Virgínia ainda estava em adaptação quando Daniela começou a trabalhar. Daniela tem 30 anos, é administradora e trabalha em turno integral. O seu atual emprego iniciou junto com o ingresso de Virgínia na escola de educação infantil. Ela foi chamada para a vaga no fim da licença-maternidade do emprego anterior e, devido a isso, houve a pressa no processo de adaptação.

3.2.1 Construindo a Carreira:

Ao falar sobre a sua carreira, Daniela considera o âmbito profissional relevante em sua vida, “*o trabalho sempre foi muito importante*”. Sua escolha profissional foi pautada pelo salário “*na época, eu vi que a faixa salarial de jornalista é uma coisa ridícula (...) imagina que eu vou investir R\$ 10, 15 mil em uma faculdade e vou ter esse retorno quando? aí foi quando eu li, administração.*”

Daniela descreve de maneira rica cada atividade que realizou em seus empregos. “*O trabalho faz parte da carreira, né, então, para mim, o trabalho sempre foi muito importante, eu sempre vi o trabalho como fundamental na vida de uma pessoa*”. O trabalho como elemento essencial também se evidencia nos resultados da pesquisa de Rocha-Coutinho (2008) com mães trabalhadoras.

Daniela destaca que busca com seu trabalho algo que possa ajudar na vida das pessoas. Ela descreve o que realizou, o que cada estágio e emprego lhe agregou e o que buscava de crescimento profissional para sua vida. Além disso, ela estagiou durante todo o período de sua faculdade e, desde lá até Virgínia nascer, nunca havia parado de trabalhar, como relata: “*Desde que eu comecei a trabalhar, o máximo que eu fiquei fora do ambiente profissional foi 15 dias, e agora eu fiquei praticamente seis meses em casa*”.

Torna-se inviável descrever tamanha riqueza de detalhes e de envolvimento que Daniela expressa em relação à sua profissão. Percebe-se o quanto a valorização das características, tidas em épocas passadas como masculinas, estão consolidadas pelas mulheres. Hoje, valores como autonomia, independência e profissionalização são reconhecidos e exaltados socialmente (Amazonas, Vieira & Pinto, 2011; Heilman & Okimoto, 2008). Na dissertação de Carvalho (2006), as mulheres, casadas e com a mesma faixa etária das participantes desta pesquisa também expressam a necessidade de serem reconhecidas pelo que realizam profissionalmente, sendo o desenvolvimento pessoal e a profissão o destaque em suas vidas, ficando a maternidade em um segundo plano.

3.2.2 A Experiência de Ser Mãe

Daniela descreve de maneira rica e detalhada a sua experiência de maternidade. Antes de decidir ter filhos, ela diz que o desejo de ser mãe não tinha despertado e justifica: “*porque eu vi a minha mãe passar muito trabalho*”. Ela relata que o desejo de ter um filho foi do marido: “*ele queria ter um filho, e, então, eu disse: então tá, vamos ter um bebê.*” Ainda referente ao desejo de ter um filho, a pesquisadora busca explorar a que Daniela se referia ao dizer que a mãe passou muito trabalho. A participante é breve ao falar que sua mãe foi mãe e pai para ela e para sua irmã, enquanto o pai se divertia. Para Brazelton e Cramer (1992), o

desejo de ter um filho é sentido pela mulher como uma possibilidade de reeditar o sonho infantil de tornar-se igual à sua mãe. Os autores afirmam ainda que, durante a gravidez, a mulher pode restaurar a imagem interna que tem de sua mãe e um novo relacionamento surgir entre ambas.

Sobre sua gestação, Daniela, que é uma participante bastante falante, traz muito pouca informação, descrevendo apenas algumas divergências de pensamento seu e do seu marido sobre o cuidado com o bebê. Apesar de os autores falarem da importância da gestação para ativar o senso de maternidade (Stern, 1997), a participante diz apenas que passou bem, sem nenhuma complicação física. Quanto às divergências de opinião com o pai no referente à necessidade de mudanças de hábitos depois do nascimento da filha, Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) sugerem que os pais com poucas aberturas de idéias quanto às adaptações que serão necessárias a partir do nascimento do bebê podem, durante a gestação, não sentir ainda a presença do bebê real, presente na sua vida, sendo esta uma experiência que fica mais voltada à mãe.

Virgínia nasceu de parto normal. A experiência do parto foi complicada, pois o bebê nasceu grande, e tiveram que utilizar o fórceps. Daniela acredita em uma negligência médica por não ter realizado uma ecografia mais próxima ao nascimento da filha. No momento do parto, sentimentos negativos foram expressos por Daniela, assim como no estudo com 28 mães primíparas, que descreveram sentimentos negativos diante de tal experiência, associados à dor e à equipe médica (Lopes *et al.*, 2005). A experiência negativa transcendeu o parto, assim como verificado no estudo de Lopes *et al.* (2005). A mãe relata que sentiu muito desconforto após o parto, e devido a isso, não pôde ter muito contato com a filha. Ela descreve que: *“devido às restrições, foi pouco, eu não conseguia ficar com ela em pé”*, por isso, na primeira noite, quem teve maior contato com a bebê foi o pai. Donelli (2008) considera o parto um evento curto, porém de tamanha significância psicológica que pode ter um efeito devastador, inclusive sobre as experiências da mãe no puerpério, podendo esta ser uma hipótese aplicável neste caso.

Após o nascimento de Virgínia, mãe e filha foram para a casa da avó materna. Daniela comenta que, nesse período, ela teve um início de depressão. Frente ao impasse com o marido que queria que Daniela voltasse para a casa do casal e a vontade da mesma de permanecer na casa da mãe, ela cedeu ao desejo do esposo e colocou uma data para voltar para a sua residência. Ela descreve o dia que voltaria para seu apartamento: *“Quando eu acordei, que eu sabia que era o dia que eu tinha que voltar para a minha casa, eu acordei chorando.”*

Ela conta que, naquele momento, o choro não era em relação à filha, mas, sim, a ela própria, pois tinha a impressão de que não voltaria a ver sua mãe. Conta que não sabe explicar o motivo de tais sentimentos. Relata, ainda, que viveu momentos complicados depois que voltou para a casa e que desenvolveu uma depressão. O diagnóstico da depressão pós-parto é, muitas vezes, impreciso, e sua linha entre o normal e o patológico é tênue (Maldonado, 1997), e aqui não fica claro se a mãe atravessou os limites usuais de uma sensibilidade exagerada que dura algumas semanas após o nascimento do bebê (Winnicott, 1956/2000). Para Maldonado (1997), o puerpério é um período em que a depressão reativa pode ser comum, mas cabe frisar que, no presente estudo, não se realizou uma investigação mais profunda em relação a um diagnóstico clínico.

Para Daniela, sair da casa da mãe naquele momento gerou um sentimento de abandono, corroborando o caso apresentado por Ferrari, Piccinini e Lopes (2006), que apresentam a relação primordial do bebê com a mãe vinculada à constituição do narcisismo. Tal processo psíquico implicado na maternidade foi trazido por Freud em seu texto ‘Introdução ao Narcisismo’ (1914/ 2010), onde o autor coloca as atitudes dos pais com os filhos como o reconhecimento do renascimento do próprio narcisismo abandonado. Dessa forma a maternidade representa aquilo a que os pais tiveram que renunciar na sua própria infância (Sigal, 2002).

As pesquisas demonstram que uma depressão pós-parto pode afetar o bebê, pois o mesmo percebe as mínimas eventualidades do comportamento materno, podendo repercutir negativamente no seu desenvolvimento (Frizzo & Piccinini, 2005; Schwengber & Piccinini, 2003). No entanto, a atitude de *holding* da própria mãe de Daniela permitiu que a mesma se vinculasse com a filha. Ela relata que a sua mãe foi a pessoa que mais a ajudou a passar pela “situação de depressão” [gesto simulando aspas que a própria participante faz no momento da entrevista], considera a mãe uma pessoa positiva, que levantava seu astral, e, além disso, refere: *“comecei a pensar que não podia estar doente, que eu tinha que cuidar dela, que eu tenho uma filha linda, cheia de saúde, tô bem, tenho que me recuperar.”*

Nesse período, um sintoma aparece, diante da angústia de desamparo que Daniela tem em relação à própria mãe, fazendo com que se tornasse bastante possessiva em relação a Virgínia: *“eu não gostava muito que as pessoas chegassem perto, pegasse, eu, realmente, parecia uma leoa defendendo seu filhote”,* e tal sentimento é vivido até hoje pela mãe. Algumas pesquisas apontam que a mãe com depressão pós-parto tende a ser mais intrusiva, como é o caso de Daniela, ou aversiva (Schwengber & Piccinini, 2003). E, apesar de a

mesma reconhecer que sua reação é estranha, afirma que, logo que conseguiu estabelecer uma rotina com sua filha, o choro fácil desapareceu naturalmente.

Como mãe, Daniela diz que Virgínia está em primeiro lugar em sua vida, antes inclusive dela própria. Apresenta falas ambivalentes em relação às práticas de cuidado com a criança, ao mesmo tempo em que diz: *“eu cuidei para não ser aquela mãe super-protetora, que coloca em uma redoma de vidro.”*. Relata que, na prática, evitava que as pessoas a pegassem no colo: *“eu sei que é bebezinho novo, as pessoas gostam de pegar, e todas as pessoas que pediram, eu respeitei e dei para segurar, mas em nenhum momento eu disse toma pega ai um pouco, eu ofereci, isso eu nunca fiz e não faço até hoje”*.

Aqui, a mãe encontra-se num limiar entre proteger o seu bebê das intrusões do mundo externo, ou permitir que ele se relacione com os objetos externos. No estado de preocupação materna primária, a mãe, assim como o bebê, encontra-se dependente e vulnerável (Winnicott, 1963/1983), e qualquer intrusão no mundo do bebê é sentido pela própria mãe. No que se refere *ao holding*, o mesmo autor traz (p. 82): *“ninguém pode segurar um bebê a menos que seja capaz de identificar-se com ele”*, e Daniela parece sentir-se como a única capaz de tal tarefa.

Quando a mãe vivencia a experiência da maternidade como sendo ela a responsável exclusiva pelo filho, a desigualdade entre os afazeres continua, e a sobrecarga é sentida (Cowdery & Knudson, 2005; Rocha-Coutinho, 2008). A mãe toma o cuidado da filha como responsabilidade instituída unicamente a ela, descrevendo, inclusive, um isolamento da dupla mãe e filha. Em consequência, ela via a aproximação dos demais ora como um ataque, ora como inadequado, assim como os comportamentos do pai.

Ao tratar da forma como o pai se relaciona com Virgínia, Daniela relata que as discussões com o esposo giram em torno de tal tema: *“ela [filha] pode não falar, a expressão dela hoje é um choro (...) se ela tem qualquer dorzinha, se ela não gostar, ela vai chorar”*, referindo-se ao fato de que o pai conversa com a filha quando ela chora, ao invés de agir. Bastante envolvida com a filha, a mãe demonstra a sua concepção de cuidado com o bebê ao dizer: *“quando a gente tem um filho, não que a mulher vai abandonar a sua vida, não eu acho que a gente tem que acabar com a carreira profissional e o cuidado com o marido, só que no um ano, dois anos do bebê é muito importante a presença materna e também paterna.”* Nessa fala, Daniela expressa para o esposo, que às vezes quer sair para um bar, que a mãe não admite tal situação. Há, neste caso, uma mãe que fala da necessidade da presença do pai na vida da criança, no entanto, percebe-se que ela não lhe permite a entrada. Para Brazelton e Cramer (1992), algumas mães se sentem ameaçadas como a presença paterna, a

presença do pai ameaça o vínculo mãe-bebê, e, por isso, essas mães tendem à interferir na relação pai-bebê, e a ambivalência quanto a desejar uma ajuda nos cuidados da filha emerge neste caso.

Ao falar sobre a filha, conta que Virgínia é um bebê tranquilo e simpático, “*ela nunca acordou de madrugada chorando de fome*”. Relata com detalhes as aquisições motoras do bebê e as brincadeiras com as cantigas que as duas fazem. Dos cinco meses do período de licença-maternidade, Daniela fala da mudança de rotina que teve em sua vida: “*Tudo mudou, no primeiro e no segundo mês é tudo muita novidade.*” Conta que considerou tal período como “*um momento meu e dela, nosso*”.

Ao comparar a rotina antes e depois da licença declara que “*eu tive que reduzir isso [atividades] praticamente a zero né. Aí a gente não sai de casa*”. Nota-se, na última fala da mãe, que as atividades maternas não são consideradas produtivas, apenas reprodutivas, como afirmam Amazonas, Vieira e Pinto (2011), assunto também abordado pelas autoras Granato e Aiello-Vaisberg (2003), que vivenciam na fala de muitas mulheres e do caso apresentado que, no período de licença-maternidade, as atividades se restringem intensamente.

Além de, no período de licença-maternidade, não realizar atividades que não envolvessem a filha, Daniela conta em detalhes os momentos que vivenciavam no lar: “*eu já colocava ela na minha cama, e a gente deitava e ficava uma de rostinho com a outra, e eu acabava dormindo junto com ela, e, quando ela acordava a gente ficava brincando mais um pouquinho na cama, era uma coisa da gente*”. Aqui, aparece que tal período foi bastante experienciado a dois, como relata a mãe.

3.2.3 Primeiras Separações

Dessa forma, durante os cinco meses de licença-maternidade a rede de apoio foi acessada somente uma única vez, tarde na qual teve que deixar Virgínia com sua mãe: “*foi quando eu precisei sair, mas aí ela já tinha quatro meses*”. Daniela diz: “*jamais deixaria ela com a minha sogra*” e, além disso, não conta com a ajuda do marido, descrevendo o que o pai de Virgínia disse a ela: “*nas férias, eu vou trocar ela, eu vou dar banho, dar mamá e tudo mais e ele não fez*”. A mãe lembra que o marido tirou férias logo que a bebê nasceu e que esse período foi complicado para ela: “*depois que ele voltou a trabalhar que eu criei a minha rotina com a Virgínia*”.

A posição do pai nos dias atuais está na “corda bamba” afirmam Granato e Aiello-Vaisberg (2003). E a fala de Daniela deixa claro o assunto que as autoras estão mencionando, a dupla mensagem passada ao pai, ora de exercer a maternagem, ora o desejo da mãe de que ele cumpra seu papel de sustentar o lar e volte ao trabalho, enquanto ela se ocupa do cuidado

da filha, configurando uma reorientação dos papéis familiares onde nem a própria mulher compreende o que espera do homem como pai e de si própria como mãe.

Quanto a deixar Virgínia com outras pessoas no período de licença-maternidade, Daniela, em determinados momentos das entrevistas, reconhece: *“eu achava que o processo de desapego seria mais fácil, mas não”*. Na pesquisa de Rapoport e Piccinini (2011) a respeito das situações estressantes no primeiro ano de vida do filho, é considerado fundamental o rompimento da mãe com as fantasias de completude e onipotência, para relacionar-se com um filho real e acessar a rede de apoio. É necessário admitir as dificuldades decorrentes da maternidade e da relação com o bebê, o que Daniela não faz.

Apesar de não acessar a rede de apoio durante a licença-maternidade, outras formas de separação foram encontradas pela mãe já pensando no momento de retorno ao trabalho. Daniela fala: *“sempre consegui e cuidava para não mimar muito ela, evitava estar sempre com ela no colo, desde o início ou ela ficava no carrinho me olhando, ou, então, no bercinho, eu coloquei o bercinho bem do lado do sofá, e ela fica deitadinha ali, e a gente fica brincando, junto com ela, já para depois também o processo na escola ser mais fácil, porque senão ela iria sofrer muito mais nesse processo”*. Outra forma de separação já garantida desde o nascimento foi em relação à amamentação, a mãe diz que, *“já no hospital, eles deram Complemento de leite para ela, então, um mamã sempre foi a mamadeira (...) aí ela dormia a noite inteira”*, mas que entrando no terceiro mês, a filha não quis mais mamar no peito.

Ainda em relação à alimentação, Daniela teve o cuidado de organizar a rotina de Virgínia de acordo com a que as escolas de educação infantil fazem. *“Minha melhor amiga é dona de uma escola, ela falou, às 9h é uma fruta, às 11h é a sopinha (...) então eu fiz isso com ela em casa, antes de entrar na escola”*. E continua sobre o tema: *“aí eu fiquei tranquila que não ia alterar muito a rotina dela.”*

A mãe promove a Virgínia e a ela, ainda dentro de um ambiente confiável, o processo de dependência relativa, permitindo-se realizar falhas graduais no cuidado com a filha. Winnicott (1948/2000) destaca ao longo de seus textos a necessidade de uma continuidade nas tarefas da mãe: fornecer a possibilidade ao bebê de fazer a transição entre o estado tranquilo e de excitação; aos poucos ir introduzindo o mundo externo, providenciando, por exemplo, um alimento aceitável no momento adequado, para que o bebê consiga entender suas capacidades, sem apressá-lo no seu desenvolvimento.

Quanto à opção pela escola de educação infantil como rede de apoio no fim do período de licença-maternidade, para Daniela já era uma escolha clara desde que soube que estava grávida. Quem contrariava a sua opinião era o marido, que acredita que a melhor pessoa para

cuidar de Virgínia era a avó paterna. A avó paterna é aposentada, e Daniela fala: *“não quero que ela abra mão da rotina dela para cuidar da minha filha e depois jogue na minha cara”*. A mãe traz no genograma que ela tem uma relação conflituosa com a sogra, pois Daniela não se considera uma pessoa que goste de paparicar, e os princípios pessoais da sogra são que as pessoas devem bajulá-la. Refere-se a uma fala da sogra: *“coloquei dois filhos no mundo, palavras dela, eu perdi a minha vida criando vocês para vocês me cuidarem agora”*. Em contrapartida à pessoa da sogra, Daniela, dando continuidade à fala acima, refere-se à sua mãe, que ainda trabalha, dizendo: *“sempre vi a minha mãe muito independente, fazer as coisas, arrumar a casa, lutar por aquilo que precisa”*. A representação das mães com suas próprias mães foi analisada no estudo de Cabral e Levandowski (2011), através da Entrevista R de Stern. O resultado desse estudo mostra uma forte identificação das mães quanto à descrição da própria mãe, assim como demonstrado por Daniela acima.

A busca por uma escola começou quando Virgínia tinha dois meses. A opção por essa escola ocorreu por indicação, por simpatia com a dona da escola e com a futura professora que disse à mãe, durante a primeira visita à escola: *“deixa ela aqui comigo enquanto vocês conhecem a escola, e eu achei muito bacana isso”*. A fala da mãe demonstra que o sentimento de apego à filha, o qual a impede de acessar a rede de apoio, tampouco deixar alguém pegar Virgínia no colo, não aparece em relação à professora. O *holding* oferecido à Virgínia pela professora foi percebido com confiança pela mãe, que criou uma empatia com a futura cuidadora de sua filha.

Ela também destaca que um dos motivos da escolha dessa escola é que a mesma tem objetivos pedagógicos para com a filha. Isso modifica a concepção acerca das escolas infantis, permanecendo cada vez mais distante o caráter assistencialista que lhes deu origem, tornando-se um local de cuidados especializados aos bebês (Teperman, 2004).

Quanto à adaptação, diz que *“ela foi tranquila, eu me senti segura (...) às vezes ela chorava, às vezes ficava bem”*. Os pensamentos de Daniela eram: *“vai dar tudo certo, tem que dar certo, porque eu tenho que trabalhar (...) senão vou enlouquecer”*. Declara que o mais complicado durante o período da adaptação foi, nos últimos dias, ir para casa e não ter o que fazer enquanto a filha ficava na escola.

3.2.4 Retorno ao Trabalho

Junto com a licença-maternidade, Daniela foi em busca de outro emprego. Conta que, além da insatisfação com o antigo emprego, o local do seu trabalho era muito distante. *“imagina se eu estou lá em A, correndo risco na estrada, ou às vezes, igual aconteceu há anos, que eles estavam colocando a estrutura no viaduto e ficou parado (...) ai tu imagina,*

como eu ia fazer". No trecho acima, Daniela demonstra que não tem medo de buscar novos rumos profissionais mesmo tendo um bebê. A participante busca a satisfação profissional, e essa satisfação é que parece impulsioná-la a retomar o espaço público, assim como nas pesquisas de McBride e Belsky (1988) e de Hock, *et al.* (1989), que confirmam a importância da adequação em nível psicológico entre as aspirações da mulher e sua situação atual, no que diz respeito ao emprego, para separar-se do bebê.

Assim, quando Virgínia tinha três meses, ela foi fazer uma entrevista de emprego. Ao ser questionada sobre ter que iniciar o trabalho naquele momento de sua vida, Daniela disse: *"não me importo de abrir mão da minha licença-maternidade porque eu vou estar sendo um exemplo que busca o crescimento, para ela enxergar no futuro que a vida profissional também é importante"*. Aqui a mãe apresenta sua concepção de futuro à sua filha, uma mulher que valoriza a profissão, uma pessoa que é reconhecida pelo que faz, assim como no estudo de Carvalho (2006). A mãe projeta na filha a possibilidade de ideais próprios e sociais daquilo que ela deseja, do que falta a ela e do que ela tem (Sigal, 2002). Observar-se novamente a ambivalência, pois, ao tratar das primeiras separações, a mãe tem dificuldade em acessar as redes de apoio, no entanto, ao tratar a respeito da carreira, ela refere que abriria mão da licença-maternidade. E é nesse descompasso entre o que um bebê precisa nessa idade e o que a mãe quer oferecer como um exemplo de mulher independente e trabalhadora que, para Jerusalinsky (2009), a angústia aparece.

No entanto, Daniela não precisou ir ao trabalho antes do fim da licença-maternidade. Conta que, nos últimos meses da licença, *"especialmente no quarto e no quinto mês, eu já estava surtando em casa"*. Considera que o início do trabalho foi muito bom, apesar de sentir-se culpada por tal sentimento: *"me sinto uma pessoa monstruosa, (...) porque eu sinto a necessidade de voltar à minha rotina"*. A mãe descreve a mudança em sua vida com o nascimento do bebê, declarando que, antes do nascimento da filha, fazia muitas atividades de lazer depois do trabalho e, depois, *"eu tive que reduzir isso praticamente para o zero"*. Além de retomar a rotina, sente-se satisfeita no seu ambiente de trabalho e com as atividades que lá realiza: *'Então, o trabalho foi um movimento bom, foi uma coisa muito, ham..., que eu precisava, que eu sentia que estava na hora'*.

A maternidade não é sentida como uma atividade intensa. A diminuição do contato social parece ser um dos fatores mais relevantes que impulsionam Daniela a retomar o âmbito profissional. Aqui aparece o medo que Jerusalinsky (2009) aponta em sua tese de a mãe não conseguir reinvestir no seu trabalho e, dessa forma, buscar estratégias próprias para sentir-se mais próxima de sua filha, como é relatado abaixo.

Uma das maneiras que Daniela encontrou para se sentir mais próxima da sua filha foi colocando uma foto dela em sua mesa de trabalho. Apesar de estar consciente de que não acompanhará parte importante do desenvolvimento dela, como revela ao dizer que não verá a filha fazer os primeiros movimentos para sentar-se, ela se sente segura por considerar que a filha está em um local no qual confia.

Conta que a mudança de antes do nascimento de Virgínia para depois é que a filha está em primeiro lugar. Em um momento de extremo cansaço, prioriza a necessidade da filha, *“eu tava com fome, eu tava com um pouco de sede e tal, mas, primeiro, o banho dela. Então, enquanto eu não vejo que ela está bem, que está tudo resolvido com ela, aí depois eu vou fazer as coisas para mim”*.

Também declara que esse momento está sendo mais tranquilo do que havia imaginado, no entanto, a ambivalência entre a maternidade e a vida profissional aparece na seguinte fala: *“fico pensando o que será que ela está fazendo agora (...) mas eu não abro mão dessa minha vida profissional para ser dona de casa”*. Aqui, a angústia de não conseguir acompanhar o desenvolvimento da filha e investir na esfera profissional (Jerusalinsky, 2009) são expressos pela mãe de forma ambivalente, na medida em que traz sua insegurança frente a tal situação, no entanto, fala que esse momento está sendo tranquilo, numa tentativa de demonstrar que a realização de múltiplos papéis é possível e, ao mesmo tempo, desejável.

Daniela, descrita por ela mesma, é uma mãe leoa. Do nascimento ao fim da licença-maternidade, fez importantes manobras para não acessar as redes de apoio e manter uma relação de dependência entre mãe e filha. Somente o retorno à carreira possibilitou essa quebra na díade mãe-bebê. A relação entre o público e o privado, entre a filha e a carreira, entre fazer e o ser, entre proteger Virgínia e apresentá-la ao mundo gera sentimentos ambivalentes em Daniela. Mãe-trabalhadora, ela não concilia os dois papéis, ora faz-se leoa, ora deseja a sua reinserção no mundo profissional.

3.3 Caso 3: Gabriela e a Independência Sem Dependência

Gabriela é uma adulta de 32 anos, casada há dois anos, advogada, pós graduada que trabalha em escritório de advocacia e tem um bebê de cinco meses que aqui será chamado de Letícia. Na semana em que ocorreram as entrevistas, Letícia estava na primeira semana de adaptação na escola de educação infantil particular. Todas as entrevistas foram realizadas na escola, mesmo quando a mãe já havia voltado a trabalhar. Gabriela trabalha 44 horas semanais, e seu esposo tem horários mais flexíveis, pois é autônomo.

3.3.1 Construindo a Carreira

Gabriela é uma pessoa independente, sua família de origem mora em outro estado, e ela veio para o RS aos 17 anos para fazer faculdade, devido a conflitos com a mãe. Refletindo sobre tal momento, diz que *“a saída de casa foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, em todos os sentidos (...) comecei a contar como estavam as coisas até que ela [mãe] se deu conta que eu era uma pessoa independente”*. Em relação à sua escolha profissional pelo Direito, ela relata: *“pensei na questão de remuneração, eu também sempre gostei de lei”*. A importância de ser uma mulher independente aparece desde a adolescência de Gabriela, e é, de acordo com Amazonas, Vieira e Pinto (2011), um discurso fortemente endereçado às mulheres.

Gabriela estagiou durante toda a sua faculdade e, logo que se formou, iniciou sua atuação como advogada em um escritório. Considera que se especializou em uma área em que poucas pessoas atuam bem. Recorda que passou a vida inteira estudando, mas chegou um momento em que se sentiu cansada de provas e trabalhos e o desejo da gravidez emergiu. O adiamento do projeto materno, priorizando o âmbito profissional e a estabilidade financeira, para poder priorizar por um determinado tempo a maternidade também foi constatado como um dos planos das estudantes universitárias na pesquisa de Rocha- Coutinho (2004).

3.3.2 A Experiência de Ser Mãe

A decisão de ter filhos, segundo Gabriela, ocorreu quando conseguiu: *“ter uma estabilidade financeira, estar bem no meu escritório, terminar a minha especialização que eu tanto queria muito fazer, agora posso engravidar (...) agora, depois da minha parte profissional, eu posso dar uma pausa para cuidar da minha filha”*. A fala de Gabriela quanto à decisão de ser mãe após a realização dos projetos relacionados ao âmbito profissional corrobora as pesquisas de Benzies *et al.* (2006) e Lima (2010), que destacam que tais fatores levam ao adiamento da maternidade.

Gabriela descreve-se como uma pessoa que nunca foi apegada à criança. Ela lembra que quando lhe falavam a respeito de amor materno, imaginava que correspondia a uma pessoa, no alto do verão, *“numa piscina de água fria”*, ou seja, antes de ser mãe, via a maternidade como uma atividade prazerosa, assim como tomar banho de piscina. A decisão de ter um filho foi uma escolha do casal, como fala Gabriela: *“chega um ponto que tu precisa de algo mais na tua vida e tu quer ter um filho”*. O algo mais, citado por Gabriela é vivenciado pela mulher atual como mais uma equivalência fálica depois dos estudos, da profissão, do casamento e da independência financeira. A fala acima vem ao encontro do que diz Jerusalinsky (2009), que se refere à maternidade como um deslocamento das realizações

fálicas da mulher, pelo menos enquanto experiência a ser vivida, ou seja, enquanto ainda não foi experienciada pela mãe.

Durante a gestação, Gabriela teve um problema de placenta prévia. Como a diminuição do líquido amniótico ocorreu gradativamente, ela relata que já estava aguardando a chegada de Letícia antes do momento. Ao mesmo tempo em que diz ter se preparado para a chegada prematura da filha, ela acrescenta: *“Aquele prazer de comprar o enxoval dela eu não tive, porque eu pensei, ‘mais um pouquinho adiante vou comprar’. Quando eu tava no hospital, meu marido fotografava as coisas para mim”*. Isso indica pouca participação da mãe na preparação da chegada da filha e um maior envolvimento paterno ao realizar tarefas como comprar o enxoval do bebê, resultado também presente na pesquisa de Piccinini *et al.* (2004) em que a maior parte dos homens demonstram preocupação com o bem-estar do bebê e da gestante no terceiro trimestre da gravidez.

No estudo de Esteves, Anton e Piccinini (2011), os autores buscaram indicadores de preocupação materna primária em mulheres com parto pré-termo. Os resultados da pesquisa indicaram sentimentos ambivalentes das mães em relação aos cuidados que tiveram que ter na gestação, em função do risco do nascimento prematuro do bebê. Entretanto, Gabriela demonstrou encarar tais cuidados de forma tranquila e ainda estar voltada para o trabalho. Ela relata que, em determinada ecografia, já imaginava que o parto poderia ser naquela semana, e: *“eu botei a mala no carro, porque eu sabia que eu iria para o hospital, tudo muito tranquilo, eu já estava com a mala pronta”*. Assim como previa, Letícia nasceu com 34 semanas. Em relação à notícia do nascimento antecipado, Gabriela diz que: *“eu me mantive calma o tempo todo (...) meu marido estava em pânico, mas eu tinha a certeza que ia dar tudo certo”*. Gabriela, em nenhum momento, diz ter-se sentido insegura quanto à sua saúde ou à de sua filha, e repetidas vezes comenta: *“Meu marido estava em pânico, mas eu tinha certeza que ia dar tudo certo, sabe, os primeiros testes dela não foi muito bom, 5 e 7, mas eu tinha certeza que ia dar tudo certo, tanto que deu”*.

Na pesquisa de Pinto, Padovani e Preto (2009), as autoras compararam os relatos de dois grupos de mães, com e sem indicadores clínicos de ansiedade e depressão, sobre seus bebês prematuros. Os resultados apontam que as mães sem indicadores clínicos de ansiedade, com ou sem depressão, possuem sentimentos positivos, expressando verbalizações otimistas frente à adversidade do momento, relacionando tais sentimentos à felicidade de ter o filho. No estudo, quanto maior a idade gestacional e menor o tempo na UTI, mais sentimentos positivos foram expressos pelas mães, podendo estes dar indícios da segurança e do otimismo que

Gabriela tinha no momento do nascimento de Letícia, que, apesar de prematura, não necessitou ir para a UTI.

No entanto, há um episódio traumático que ocorre no segundo dia de vida de Letícia, como Gabriela conta: “*ela se engastou feio (...) engasgou com o vômito e foi meu primeiro instinto de mãe*”. Gabriela descreve a cena com detalhes, correu pelo corredor com o bebê e levou-a ao enfermeiro que não conseguia desengasgar nem mesmo utilizando a perinha. Letícia foi levada à UTI neonatal. Para Gabriela, tal episódio foi “*a minha primeira impressão do lado ruim da maternidade. Porque, até então, eu tinha me preparado para o lado bom*”. E complementa: “*se tu me perguntar o fato mais marcante da minha vida, de pânico e tristeza mesmo, foi esse*”.

Tal episódio é descrito por Gabriela antes mesmo de a entrevista ser iniciada. Ela coloca que é importante contar isso primeiro, pois o acontecimento teve interferência direta no modo pelo qual Letícia foi cuidada posteriormente pela mãe e na opção dos cuidados dados a ela. O engasgamento de Letícia pode ser analisado sob o tema vida e crescimento de Stern (1997). Muitos medos das mães dizem dessa constelação: o que está em jogo nesse tema é se a mãe será capaz de manter seu bebê vivo e se referente ao medo da mãe de fracassar na vitalidade e no crescimento do bebê.

Em um primeiro momento, Gabriela não dormia com medo de que Letícia pudesse engasgar-se novamente. Relata: “*estava em um estado de cansaço extremo, eu nunca tinha vivenciado aquilo (...) eu era um zumbi, eu não tinha força nem para conversar com as pessoas*”. O cansaço físico e o sono devido a uma doença do filho foi verificado, no estudo de Rapoport e Piccinini (2011), como um dos eventos mais estressantes vivenciados pelas mães no primeiro ano do filho. Gabriela dá-se conta de que não poderia permanecer em alerta o tempo todo. “*Eu tô criando uma vida, mas eu também tenho a minha própria vida*”. Assim, tentando pensar positivamente, buscou informações práticas, caso ela se engasgasse em outro momento e encarou tal episódio como um incidente.

O desgaste emocional vivenciado pela mãe de forma intensa parece assustá-la. Mergulhada no sentimento de vulnerabilidade e desamparo, que é tanto do bebê quanto dela, como ela própria se dá conta, Gabriela buscou recursos para sair dessa condição. Winnicott (1962/1983) menciona que a preocupação e a concentração das mães para com seu filho nos momentos iniciais de sua vida pode deixá-las retraídas, instáveis pelo nível de identificação. Mergulhada nesse estado, Gabriela parece assustar-se quando refere “*eu também tenho a minha própria vida*”, e, como traz Winnicott (1957/1999), a mãe que está amedrontada não conseguirá seguir seus instintos naturais, ela busca mecanismos para lidar com tal situação.

Antes do nascimento de Letícia, como descrito acima, Gabriela tinha outra concepção de amor materno. Agora, ela relata: “*tu entende o que é amor incondicional (...) um amor que tu dá a tua própria vida*”. Ao comparar as concepções da mãe de amor antes do nascimento- “Como uma piscina de água fria”- e depois do nascimento: - “tu dá a própria vida”-, demonstra que esse episódio fez Gabriela dar-se conta da vulnerabilidade e do grau de identificação dela com o bebê. No estado inicial, o *self* do bebê está apenas em potencial, a mãe empresta seu ego à filha, que se torna fundida ao *self* da mãe (Winnicott, 1960/2005). Aqui, a mãe demonstra uma tomada de consciência de que a crescente identificação da filha consigo é fundamental para a sua constituição como indivíduo, porém isso parece assustá-la.

Apesar de Gabriela descrever Letícia como um bebê calmo e tranquilo, “*principalmente porque não chora*”, tem grande preocupação em relação aos limites. Para ela, o bebê é um livro em branco, no qual os pais vão escrevendo a história. Gabriela acredita que é ruim para o bebê se os pais forem “*escrevendo a história linda e maravilhosa, daqui a pouco vai degradingolar (...) se ela começar a conviver com fatos reais e conseguir ir para frente, ela vai estar encarando a vida como ela é*”. Observa-se que tal concepção a respeito da criação da filha é reportada a situação do engasgamento, a mãe que passa por uma maternidade tranquila e segura toma um susto na a iminência de morte da filha, experiência considerada por ela a pior de sua vida. Gabriela toma uma experiência sua como de sua filha, no entanto, Dias (2003) destaca que a mãe suficientemente boa é aquela que atende às necessidades do bebê e não à sua própria necessidade, como aparece neste caso.

Nesse sentido, quando questionada sobre como era a sua relação com Letícia, o que faziam, do que brincavam, Gabriela aborda o cuidado que tem para não mimar a filha. A mãe descreve seu medo de criar uma dependência em Letícia. Ela diz: “*quando tu vê ela chorando ou resmungando, a tua tentação é dar colo, mas se tu fizer isso, tu vai ficar com esse vínculo de dependência afetiva até o resto da vida*”. Fala também do momento do jantar em família: “*ela tem que participar disso com uma certa auto-suficiência (...) a adaptação do bebê é muito rápida, e vai dos pais se segurarem e não ceder*”. Segundo Gabriela, a educação da filha tem como objetivo, “*criar ela como um ser humano e não como um brinquedo ou uma boneca, um personagem de história em quadrinho que vive num mundo de fantasias*”.

As falas acima mostram a dificuldade de Gabriela de identificar-se com as necessidades da filha, que, na concepção da mãe, tem que se adaptar às necessidades dos pais ainda nos primeiros meses de vida. Tal percepção vai de encontro com a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Para o autor, a independência é algo que se realiza a partir da dependência, e esta, por sua vez, se estabelece da dupla dependência, ou seja, mãe-

bebê (1960/2005). Dessa forma, o estabelecimento da relação mãe-bebê, neste caso, apresenta-se fragilizado, pois a mãe se demonstra incapaz de mergulhar na condição necessária ao desenvolvimento da criança para que, através da dependência, alcance a independência relativa.

Winnicott (1968/1999) pontua, sem uma explicação maior de tal ideia, que algumas mulheres temem que o estado de preocupação materna primária as transforme em vegetais e voltam a prender-se em ocupações da vida adulta. Aqui, a mãe não aborda a carreira especificadamente, mas traz concepções do mundo público, como a independência, a autonomia, e o sucesso pessoal. Dias (2003) afirma que as mães que têm dificuldade de identificar-se com seus bebês tendem a cuidá-lo pela via intelectual, através de um cuidado impessoal. Gabriela revela que, para a filha não ficar dependente da mãe, é necessário ser educada de maneira independente. Já Winnicott (1945/1990) coloca que é preciso um momento inicial de extrema dependência, para que se possa amadurecer e rumar à independência, mesmo que relativa. A falha da mãe priva o bebê da capacidade de criar, capacidade esta citada acima pela mãe.

Ao relatar sobre as mudanças em sua rotina, conta que ela e o esposo são pessoas bastante caseiras e relata também que o círculo de amizade se modifica. No dia a dia, ao sair de casa, reconhece que não é mais como antes. Seus pensamentos são: *“troquei a fralda dela antes de ir para o almoço, já deu tempo de volta para o carro e trocar. Então, tem que ter todo um planejamento com uma criança que tu não tinha antes. Então a tua vida gira em torno disso, tu não pode fazer as mesmas coisas que tu fazia”*.

3.3.3 Primeiras Separações

Gabriela não se separou de Letícia durante a licença-maternidade, e conta que teve a ajuda do marido nesse período. *“Ele é superapegado às coisas dela, eu nem sabia trocar fralda, porque era ele que trocava, como ele tirou férias, ele pega junto”*. Já em relação a deixar Letícia com a avó paterna, a mãe relata que a relação é de convivência, no entanto, *“eu na casa dela assim, só visita”*. Tais falas e a participação apenas do esposo como rede de apoio poderiam parecer contraditórias com a concepção de independência trazida anteriormente por Gabriela. No entanto, o contato íntimo mãe-bebê se estabelece nas mais íntimas e sutis situações, como ser segurado no colo, mudado de lado, ser acariciado (Winnicott, 1962/1983), e é nesses cuidados mais sutis que Gabriela reconhece a necessidade de estabelecer separações e não no contato físico próximo e constante durante a licença-maternidade.

A mãe relata que a amamentação foi a maior dificuldade que encontrou: *“a parte da gravidez mais difícil, vou te dizer, a amamentação, com certeza, a amamentação, mais do que banho ou qualquer outra coisa, eu via na televisão as mulheres amamentando, as crianças indo para o peito, a coisa mais linda do mundo, é muito difícil, ninguém tinha me dito o quanto era difícil amamentar”*. A dificuldade de amamentar é justificada porque Letícia nasceu prematura e, assim, tinha dificuldade na sucção. *“Aos poucos, eles vão exercitando a mandíbula e foi o que aconteceu (...) desde que nasceu até os três meses foi um processo de amamentação até engrenar”*. Sobre a amamentação, Winnicott (1968/1999) destaca que tal experiência propicia o contato físico íntimo entre a mãe e o bebê, porém adverte que segurar e manipular podem ser uma experiência em si mais rica e que a mãe suficientemente boa é aquela capaz de captar que, se tal experiência é sofrida tanto para a mãe como para o bebê, é preciso substituir o seio pela mamadeira. No entanto, o valor dado aos discursos sociais, como aparece nos meios de comunicação, é, para Gabriela, captado como importante, por isso, Letícia é amamentada até hoje.

Apesar da insistência em amamentar no peito, a mãe organiza outras formas de alimentar a mesma, pensando na separação de Letícia. Assim, o complemento de Leite foi uma das alternativas encontradas ainda na maternidade do hospital, e Gabriela ressalta que tal opção foi uma ótima atitude, porque, *“pensando em minha volta ao trabalho (...) porque eu vou cortar uma coisa que ela vai ter que se acostumar a tomar depois, isso deu muito certo (...) o peito gera uma dependência que só a mãe pode dar aquilo, e tu trabalhando não pode dar mais, é um sofrimento se adaptar a uma nova forma de mamá”*. Quando Letícia chegar aos seis meses, fala: *“eu pretendo desmamar ela, porque estará com dentinho e tudo, e eu tenho que ter a minha vida”*. A amamentação para Gabriela parece ser uma obrigatoriedade, por uma crença de que a Medicina sabe o que é melhor para a sua filha (Winnicott, 1968/1999).

Também em relação à separação, Gabriela destaca que se preocupa muito em *“termos comportamentais”*, como ela própria diz. Refere-se ao grau de dependência que pode gerar no bebê esse período de licença-maternidade e fala dos questionamentos que faz a mesma: *“tô mimando, não tô? Aí, eu posso dar colo para ela agora, tô mimando com meu colo, isso é muito difícil. Até que ponto tu tá mimando a criança com aquilo? Porque tu também quer dar aquilo para ela! E até que ponto isso vai influenciar na vida dela? Então, essa dosagem da educação de comportamento”*.

É a partir desses questionamentos e pela concepção de educação que Gabriela considera a escola de educação infantil como a melhor opção de cuidado para Letícia. Cita os motivos de sua escolha:

socialização - *“Ela começou a chorar quando ela começou a estranhar alguns lugares e algumas pessoas. Também foi um fato determinante para eu colocar na escolinha, porque ela estava muito acostumada comigo e com meu marido. E daí, quando outras pessoas pegavam no colo ou quando ela estava em outro ambiente, ela começava a estranhar muito e chorava”*;

limites - *“Tu está dando atenção para ela, mas nem sempre o excesso de atenção vai ser bom para ela, ela vai ter que aprender, também foi um determinante para a escola, como, por exemplo, esperar, quando ela tiver com a fralda suja ou alguma coisa, ela não vai ter atenção imediata, vai entender, vou ter que esperar, ou até alguma coisa que quer do jeito dela, e a educação imposta aqui vai dizer não, tu não vai fazer isso agora, ela vai ter que aceitar o não, como é a vida!”*;

capacitação profissional - *“A gente tem um estudo mais direcionado para como é a criação da criança. Eu assino aquela revista **Crescer**, eu leio muito artigo na internet, também coisas da área, aí qual é a orientação sobre isso, a orientação é assim, as pesquisas mostram(...), tudo com fundamento científico. (...) e a minha sogra é diferente, né, ela criou os filhos há 30 anos atrás, daquele jeito, onde tu leva no pediatra, e ela discorda do pediatra”*;

evitar conflitos familiares - *“Eu tenho a personalidade forte, a minha sogra também, eu gosto das coisas do meu jeito, ela também, então, como as diferenças são muito grandes, depois de eu dar para ela e ter que tirar para colocar na escolinha, ia ficar um conflito ainda maior, para mim, para a minha sogra e num contexto familiar”. E complementa, “Alguns fatos me levaram a vir para a escolhinha já depois da decisão e de tudo acertado com ela [sogra], (...) vocês têm que acostumar ela no berço, porque meus filhos eu criei no berço, no cercadinho, é só botar os brinquedos lá, e eles ficam lá, a hora que quiserem brincar eles brincam, aquilo me bateu, meu Deus, eu não quero a minha filha dentro do cercadinho, parece bicho”*;

pesquisas científicas - *“Lendo sobre isso, que comprovadamente as crianças que ficam doentes em berçários nos primeiros meses de vida, lá pelos quatro ou cinco anos de idade, elas terão a imunidade alta, as outras vão apresentar menos doenças antes dos quatro, mas, depois, poderão adoecer mais”*.

Como apresentado acima, para Gabriela, a opção pela escola de educação infantil como rede de apoio está clara. Não aparecem aqui questões da adaptação da escola ao bebê, mas, sim, a adaptação de Letícia ao mundo da escola. A mãe, ao citar a socialização e os limites, novamente ressalta a importância do contato com a realidade externa e o estabelecimento da independência, sem levar em consideração que, para a execução das tarefas que deseja que a filha realize, como saber esperar, saber relacionar-se com estranhos, os estágios primitivos são fundamentais para o alicerce da personalidade do indivíduo (Dias, 2003). Além disso, pode-se observar o quanto os discursos científico, médico e pedagógico são reforçadores do que os pais devem fazer para seus filhos.

A mãe tem dificuldade em compreender as necessidades da filha e em estabelecer a fluidez da dependência absoluta à dependência relativa. Em tal dificuldade a escola de educação infantil dá um suporte fazendo menção ao que é correto e incorreto para a educação de Letícia. Tal concepção corrobora o que Mariotto (2003) diz a respeito da necessidade de interlocução entre a psicanálise e a escola de educação infantil. A inserção dos bebês nos meios sociais tão precocemente vem por uma necessidade da família (Bernadino, 2008), mas também aparece, na fala acima, como um desejo da mãe de apresentar ao seu filho a esfera pública. Tal concepção marca as escolas de educação infantil como instituições que participam dos tempos precoces de subjetivação do sujeito (Mariotto, 2003), e é nesses locais que funções vitais são ensinadas (Jerusalinsky, 2005).

Os motivos que levaram à escolha da escola de Letícia foram: localização, ela traz: “*a questão da logística do trabalho*”; estimulação: “*aqui há um diferencial das outras, o estímulo que eles têm, eles brincam (...) já começa a coordenação motora para que eles venham a engatinhar posteriormente*”, questões nutricionais: “*o cardápio é elaborado pela nutricionista*” e, por fim, ela buscou a escola por indicação, o que a deixa mais aliviada.

Quando questionada sobre as reações do bebê ao ficar na escola, na primeira semana, a mãe relata uma crise de choro de sua filha. “*Ela começou a abrir o olho, ao observar, viu que não era, sei lá o que veio ao pensamento, e aí ela chorava de olho fechado, não queria nem olhar para a prof. sabe*”. No entanto, justifica que o choro era de fome. “*Eu acho que ela mamou menos, como foi peito*”. Tal situação retorna ao segundo eixo da função materna trazido pelos autores Kupfer *et al.* (2009), o estabelecimento da demanda, ou seja, Letícia chora, mas Gabriela não reconhece a reação da filha como um pedido dirigido a ela, pelo menos não um pedido subjetivo, referente à separação, a mãe dá uma explicação prática diante do choro da filha.

Apesar de parecer segura e decidida sobre sua opção pela escola de educação infantil como rede de apoio, dizendo, inclusive, que, ao ouvir o choro da filha *“meu coração não dispara porque eu sei que se elas precisarem vão me chamar (...), a professora está fazendo todo o esforço possível para entender o jeito dela e acalmá-la”*. Gabriela reconhece: *“Nenhum lugar que ela fosse ficar seria melhor do que comigo, mas, dentre as possibilidades não só financeiras, mas eu levo a sério a minha profissão e é uma carreira, eu jamais abriria mão da minha carreira para ficar com um filho, jamais. Eu gosto de trabalhar, eu estudei para isso, sabe?”*

3.3.4 Retorno ao Trabalho

Gabriela declara estar feliz por retornar ao trabalho. *“Até na parte física, eu me sinto outra pessoa, parece que está melhor. Eu sou hiperativa e, com a licença-maternidade, tu fica em casa cuidando do filho, entendeu? Nem tem mais aonde ir, só nos primeiros dias, depois, não tem mais. Claro, tu visita a família, mas tu acaba ficando em casa. Eu sou uma pessoa muito comunicativa, eu preciso de contato com as pessoas, eu fico super feliz além de eu estar muito tranquila dela estar aqui, eu não fico pensando se ela está bem ou tá mal, eu sei que ela está bem”*.

Reforça ainda que, durante o período do trabalho, praticamente não pensa na filha. *“Assim, não é como se tu não tivesse nada a fazer, e no teu pensamento vem ela, não. Quando eu tô trabalhando, eu me centro naquilo, claro, às vezes eu penso nela, mas eu sei que ela está bem, então, tô muito tranqüila”*.

A fala acima mostra o quanto o mundo do trabalho permite à mulher vivenciar seu fazer de forma ativa. As autoras Granato e Aiello-Vaisberg (2003), referenciadas na teoria de Winnicott (1966/1975), trazem que a identificação com o bebê somente é possível com base no ser, no entanto, Gabriela sente-se muito apropriada com o “elemento puro do masculino”, o fazer.

Ela demonstra a importância que o trabalho tem na sua vida. *“nunca me imaginei não trabalhando ou ficando em casa, por mais que tu tenha um filho, que tu ame o filho, é a coisa mais linda do mundo, mas eu jamais abriria mão da minha carreira, ela é muito importante para mim, mas eu me sinto muito bem trabalhando, eu gosto do que eu faço, então, é de extrema importância”*. Por trabalhar muitos anos na mesma empresa, relata que, apesar de achar que estaria por fora das decisões, pois durante o período de licença-maternidade não leu nada em relação ao Direito Previdenciário, *“Cheguei lá me sentindo a dona do campinho de novo, não senti que perdi meu posto (...) eu não preciso do título de coordenadora, porque as pessoas se reportam a mim naturalmente”*.

Na fala acima, identifica-se o quanto é satisfatório para ela estar no âmbito profissional. Gabriela, assim como muitas mulheres, reconhecem que a multiplicidade de papéis traz novas concepções sobre si e sobre o mundo (Molina, 2006), e isso é considerado por elas um sucesso (Grant, 2002).

Por fim, ela assinala que houve uma mudança. Quando chega do trabalho, a filha tornou-se prioridade, entretanto ela destaca a importância de sentir-se bem em todas as esferas de sua vida: *“Eu quero conciliar, eu quero ser mãe, mas quero ser profissional também, eu quero ser mulher, eu quero ter todos os aspectos da vida que eu possa ter”*. Aqui, Gabriela expressa o seu desejo de realizar múltiplos papéis, porém não considera a necessidade de uma mudança na forma de ser que cada um deles exige. Ser mãe, ser profissional, ser mulher, são papéis rotineiros e exigem funções diferentes, dessa forma, a sobrecarga pode surgir diante do exercício de todos eles. .

Esse caso chama atenção pela concepção da mãe a respeito do desenvolvimento do indivíduo. Ela reporta à maternidade concepções aprendidas no mundo do trabalho. A dependência de sua filha e a vulnerabilidade imposta a ela no puerpério assustam Gabriela de tal forma que ela cria concepções de mundo para Letícia que tiram a necessidade de um envolvimento mais profundo da mãe com a filha. Limites, socialização, independência são os objetivos de Gabriela na criação de seu bebê e que, no mundo do trabalho, são familiares a ela.

3.4 Caso 4: Vitória, a Busca do Equilíbrio de Papeis

Vitória é mãe de Bruna, um bebê de seis meses que está no berçário de uma escola de educação infantil. Bruna já havia realizado a adaptação à escola, e a mãe havia uma semana estava trabalhando. Vitória é uma mulher de 31 anos, sua profissão é de arquiteta. Ela conjuga o trabalho de turno integral em um banco com seu escritório e a maternidade. É casada há seis anos, e seu esposo possui uma atividade que lhe permite ficar mais tempo em casa.

3.4.1 Construindo a Carreira

Vitória acredita que o interesse pela arquitetura começou em sua infância. Conta que seu pai é pedreiro, e ela o acompanhou na construção da casa da família, feita nas horas livres: *“sempre tive contato com a construção, a casa da minha mãe foi construída com muita dificuldade, e tudo gradativamente, e eu acompanhando. E eu digo que é dali que vem, sabe, porque eu ajudava, fazia as coisas, ajudava o pai”*. O valor dado ao trabalho e a identificação com deste desde a infância, neste caso, tanto pela via paterna quanto pela materna,

corroboram com Soares (2002) que diz que traz que a escolha profissional está associada às memórias infantis.

A mãe é lembrada por Vitória como uma mulher que passou a vida trabalhando. Segundo ela, a mãe ficava em casa apenas no período após o nascimento dos seus irmãos. *“A minha mãe é professora, ela ficava o tempo de licença e voltava a trabalhar, depois disso, quem ficava mais tempo conosco era o meu pai, a minha mãe lecionava e ficava mais tempo fora, passava o dia na escola.”* A escolha profissional é identificada por Vitória, como oriunda da identificação com a profissão do pai. Ela relata que, em suas memórias de infância, a presença do pai é mais constante do que a da mãe diz: *“a maioria de nossas histórias de aprontar, de fugir e se esconder quem sabe é o meu pai, porque a minha mãe não estava, estava trabalhando sempre”*. Já a dedicação de Vitória ao trabalho e o valor dado a ele parecem vir de uma identificação com a mãe.

Ela ingressou no mercado de trabalho aos 16 anos. *“Eu não aproveitei tanto, (...) muitas vezes eu virava a noite fazendo trabalho para depois, no outro dia, trabalhar. Eu não podia parar de trabalhar, se eu parasse de trabalhar eu teria que parar de estudar, porque não tinha como pagar”*. A realidade de jovens que ingressam no mercado de trabalho foi estudada por Guimaraes e Romanelli (2002) e Thomé, Telmo e Koller (2010). O resultado de ambos os estudos identificam que jovens de classe popular se inserem no mercado de trabalho não apenas por necessidade financeira, mas para se sentirem úteis e produtivos. Através do seu trabalho, o jovem pode trazer benefícios a outras áreas de sua vida, como, neste caso, o estudo.

Durante o período de escolha profissional, ela tinha muitas dúvidas entre publicidade e arquitetura, e o critério de escolha de Vitória foi pautado no retorno financeiro. *“Eu tinha que escolher. Aí eu fui para o lado que eu achava que iria me dar um retorno financeiro melhor. Comecei a cursar. De início, assim, tava gostando e depois que eu vi que era uma coisa que afluava muito a criatividade, que tinha vários caminhos que eu poderia seguir, aí eu me apaixonei”*.

Por gostar muito do que faz, Vitória lamenta não ter aproveitado tanto sua faculdade devido ao fato de ter que trabalhar para pagar seus estudos. Conta que seu próximo projeto é realizar um pós-graduação.

3.4.2 A experiência de Ser Mãe

Bruna foi gerada de uma gravidez planejada. Vitória diz que o desejo de ter um filho veio do marido. *“O M [marido] já queria muito ter, eu que estava meio insegura”*. Ela acreditava que demoraria mais para engravidar, inclusive porque havia outros planejamentos

do casal antes do nascimento de Bruna. No entanto, *“a gente estava tentando, e eu não pensei que seria tão rápido, porque eu parei com o método contraceptivo em agosto e em dezembro eu descobri que estava grávida, foi rápido, enfim, eu não me lembro bem as datas. Aí, bom, então tá, vamos lá, foi meio que um susto.”*

A fala acima mostra que a decisão de engravidar vem do marido, e, por isso, mesmo parando de utilizar métodos contraceptivos, Vitória assusta-se com a notícia da gravidez. O estudo de Tachibana, Santos e Duarte (2006) expressa a importância de se analisar o desejo de gestar nesse caso em que a mulher conscientemente tem a vontade, mas inconscientemente apresenta interditos em relação a tal desejo. Para além das questões inconscientes, Amazonas, Vieira e Pinto (2011) destacam que, no discurso feminino, aparece frequentemente a necessidade de que os projetos pessoais e profissionais sejam planejados e programados, ressaltando ainda que, em tais discursos, a mulher não deixa espaço para o imprevisível. Na fala de Vitória, havia um planejamento de que ela iria demorar mais a engravidar, por isso a notícia da concepção a surpreende.

O período gestacional de Vitória foi muito tranquilo, fez acompanhamento nutricional por vontade própria, tomou muito cuidado para não engordar e realizou bastante atividade física com o apoio do marido. Conta como se preparou para a chegada de Bruna: *“Andei bastante de bicicleta, caminhava muito, e ele sempre me acompanhou, isso me ajudou. Aí, quando eu vi, estava na hora de ter a bebê”*.

Conta que seu único medo era o de não voltar às medidas e descreve o que mais a incomodou: *“O inchaço dos últimos três meses. Eu cheguei a ficar deformada até, sabe, e isso mexe com a mulher psicologicamente, porque tu te cuida e mesmo tu te cuidando, cada vez tu aumenta mais o peso, tu incha mais, nada mais fica bonito, nada mais te serve, e isso mexeu comigo um pouquinho”*. Apesar disso, conta que, com três semanas, já havia voltado ao peso anterior à gestação. O sentimento de insatisfação e de preocupação com as modificações corporais também são expressos na pesquisa de Piccinini *et al.* (2008) com mães primíparas. Tais sentimentos podem estar associados à perda do corpo que a mulher atual busca. Junto com a perda desse corpo ideal, vem o sentimento de perda da independência e de ser desejada (Maldonado, 1997).

A mãe mostra-se uma mulher bastante segura de si. Relata que, após o nascimento de Bruna, ela e o esposo foram sozinhos para casa. *“Eu e o M.[esposo] ficamos sozinhos, primeiro porque nós não temos quarto [referindo-se que mora em um apartamento de um dormitório], segundo, porque eu achava que não tinha mistério nenhum nas coisas, que a gente tinha que se virar, se a gente tivesse dificuldade a gente iria pedir a alguém”*. Observa-

se, neste caso, que a figura do pai aparece de maneira representativa em todas as instâncias, desde a decisão de gravidez, na gestação e no puerpério. Há uma nova postura do homem, tanto com relação à mulher, como em relação a seus papéis, até então caracterizado como racional, individualista, provedor da família. Jablonski (1999) destaca que, na pós-modernidade, a relação de poder e de papéis se iguala entre homens e mulheres. Dessa forma, pensar em lugares femininos e masculinos na cultura atual não está necessariamente ligado ao papel de mulher e homem. Na família contemporânea, há uma maior possibilidade de mobilização de papéis (Kehl, 2001), e os homens, cada vez mais, assumem papéis “maternalizantes”, diz Roudinesco (2003).

Além disso, ao descrever a personalidade de Bruna, Vitória declara que a filha é um bebê muito esperto e: “*é muito é muito simpática*”. Ela descreve com detalhes as aquisições da filha, relata que Bruna é atenta, olha para as outras pessoas e locais e se reconhece diante da imagem no espelho.

O reconhecimento da importância de especularidade demonstra que Vitória identifica que o valor do olhar da filha é maior do que o da visão em si propriamente dita (Flach & Sordi, 2007). Winnicott (1975/1967) diz que o bebê que olha para o rosto da mãe vê ele mesmo; no curso normal do desenvolvimento, quando a criança reconhece seu rosto no espelho “ela está adquirindo a tranquilidade de sentir que a imagem materna se encontra ali, que a mãe pode vê-la” (p. 155).

Vitória conta ainda, que, por ser “*mãe de primeira viagem*”, busca informações sobre a forma de cuidar de sua filha. “*Eu sou uma mãe cabeça aberta, escuto muito médicos, psicólogos, professores, vovós*”, no entanto reconhece que “*não adianta tu seguir o que está em um livro. Eu comprei aquele ‘A Vida do Bebê’ para ver como tinha que ser, eu fui em cursinho de gestação, depois, de limites para as crianças, mas não é, sabe, cada criança é uma criança, e na hora do vamos ver, tu te aperta, tu não sabe como agir*”.

Vitória é uma mãe que reconhece o quanto as necessidades de Bruna são únicas, e não podem ser aprendidas em livros. A mãe está identificada com a filha, e sabe como ela se sente (Winnicott, 1966/1999). A mãe saudável não necessita de médicos para lhe dizer como deve agir diante de seu bebê, ela deve agir com naturalidade (Winnicott, 1957/1999).

Seu dia a dia com Bruna durante o período de licença-maternidade é descrito assim: “*no início, quando tu não tem prática, o teu dia passa voando, porque, quando tu vê, a criança acorda tu tem que dar de mamá, aí tu tem que arrumar isso, trocar a fralda, quando tu vê, é de noite*”. No entanto, na medida em que aprende como realizar as suas principais funções, a mãe começa a cansar-se de tal rotina, e a respeito disso, ela descreve: “*Só que, com*

o passar do tempo e das semanas, tu pega a manha das coisas, aí, com um mês e pouquinho, eu já comecei a ficar entediada. Eu fazia as coisas rapidinho, e eu já comecei a passear, aí a gente já saía, já ia dar volta no solzinho, mas, assim, eu passei três meses integralmente com ela, eu me dediquei total e exclusivo a ela, uma ou outra vez que eu passei no meu escritório, mas muito difícil, eu passei em tempo integral com ela.”

Vitória descreve-se como uma pessoa agitada. “*Eu sou uma pessoa que preciso ter meu tempo ocupado, o tempo inteiro de preferência*”. No decorrer do período de licença, além do papel materno, buscou outras atividades para se envolver: “*eu não podia sentar e trabalhar nas minhas coisas de escritório porque ela acordava e precisava de atenção (...) então, eu não conseguia trabalhar nisso direito, então, essa meia horinha ali, 15 minutinhos aqui, eu comecei a inventar algumas coisas para fazer, fazia trabalhinhos, li bastante durante esse período que eu fiquei em casa e trabalhos, assim, tipo patchwork’*. Nos últimos meses de sua licença, quando considerou que Bruna estava “*maiorzinha, que ela não dependia tanto de mim, que eu comecei a sair, comecei a ver obra, aí eu ficava um tempinho no escritório, (...) mas eu nunca deixei de fazer alguma coisa em função dela, eu levava junto*”.

A mãe reconhece que Bruna não dependia tanto dela, ou seja, ela inicia uma desadaptação gradativa (Winnicott, 1963/1983). Dolto (2008), ao ser questionada em um programa de rádio, sobre como a mãe deve agir com o seu bebê de três meses que deverá ir ao berçário com seis meses, respondeu que as mães, independentemente de tal fato, devem sair com seus bebês de casa, conversar com adultos na frente deles, levá-los à casa dos amigos, isso não significa confiar a eles os cuidados do bebê.

A mãe demonstra cuidado na passagem de uma adaptação absoluta à relativa, pois mesmo dizendo que não deixa de realizar outras atividades, coloca as necessidades de Bruna em primeiro lugar. Ela reconhece a mudança na rotina do casal com a chegada da filha, e comenta: “*não é mais a hora que tu quer, quando tu quer, nem aonde que tu quer, né, e tudo tu tem que pensar e ver. E não dá para programar também muita coisa, tipo daqui um mês vamos viajar*”.

3.4.3 Primeiras Separações

No caso de Vitória, há uma peculiaridade se comparado aos demais casos, pois a família de origem de seu esposo e a sua são de outra cidade. Com isso, Vitória conta com uma menor rede de apoio. Ainda assim, as primeiras separações de mãe e filha ocorreram no período de licença-maternidade, com a ajuda do marido. Vitória descreve que seu esposo é bastante companheiro, e relata; “*quando ela [filha] tinha três meses, querendo, ou não, tu enjoa de ficar em casa, aí ele ficava com ela e eu saía, dava uma volta, sempre eu fiquei*

tranquila. Ele ajudou sempre". A participação do pai é expressa de forma significativa neste caso. Fica evidente que o papel da mãe como catalisadora da relação pai-filha permite uma apropriação do pai nos cuidados com o filho. Os resultados das pesquisas referentes ao envolvimento paterno, antes e logo depois do nascimento do primeiro filho (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2009; Jager & Bottoli, 2011), afirmam que a mãe pode facilitar ou dificultar a aproximação entre pai e filho pelas concepções de gênero sobre ao papel materno a ser desempenhado.

Vitória apresenta uma visão de que os cuidados de Bruna podem ser compartilhado com o pai e questiona-se como seria se o pai não a ajudasse nos cuidados com o bebê. *"Eu fico me perguntando assim: se ele não ajudasse, como eu iria me virar? Porque assim, tu trabalha, chega em casa, tem as coisas de casa, não tem como, uma criança te ocupa bastante tempo, e a presença do pai é bem importante, porque a criança tem que entender que tem alguma coisa entre ela e a mãe, né? E o pai estando presente é bem mais fácil, eu acho, isso ajuda a própria mãe"*. Novos direcionamentos da família contemporânea, como neste caso no que se refere à distancia de ambas as famílias de origem, mostram a importância do reconhecimento e do redirecionamento do papel do pai para a ascensão de novos papéis no âmbito familiar (Wendland, 2001).

Além da ajuda do esposo, Vitória contou com a sua cunhada, pessoa na qual confia para tal tarefa: *"Para quem eu entreguei ela tranquila foi para a minha cunhada. Aí, às vezes, ela ficava, eu tinha coisas para fazer de tarde, como visitar uns clientes, né, do escritório, aí tinha aquelas visitas de uma, duas horas em obra, aí eu deixava ela lá para não levar junto, deixava ela com a minha cunhada. Às vezes dava tudo muito certo, às vezes dava tudo muito errado"*. Uma das tentativas que deu errado, segundo a mãe, foi quando *"A gente deixou com a minha cunhada para dormir lá mesmo, ela chorou muito, não deu certo"*. No entanto, ela diz que não pensa em desistir: *"a gente continua, nos vamos tentar de novo e de novo porque ela tem que se acostumar"*.

A mãe expressa a necessidade de uma rede de apoio para além do esposo para que os dois tenham momentos de casal. Na revisão de Rapoport e Piccinini (2006), elas afirmam que as mães que conseguem lidar melhor com a rede de apoio, provavelmente beneficiarão o bebê, que terá mais contato afetivo com outras pessoas, e a si, ao aliviarem a sobrecarga, estando a percepção de rede de apoio relacionada com o bem estar das mães (Oliveira & Dessen, 2007). Além disso, ela faz tal adaptação aos poucos e reconhece que nem sempre a separação é satisfatória, voltando-se nesses momentos, para as necessidades da filha.

Apesar de não deixar Bruna com sua mãe, pois a mesma não mora na cidade, relata que a avó materna é uma pessoa bastante prática, acredita, inclusive, que *“Ela não é daquelas avós que fica paparicando, ela é muito prática. ‘posso ficar? Posso, mas não faço questão, eu tenho as minhas coisas, tenho o meu círculo’, ela não abre mão das coisas dela”*. Nesse momento, reflete que, caso a avó paterna fosse viva, ela provavelmente seria uma possibilidade de rede de apoio e comenta: *“E hoje eu penso que se ela estivesse viva, ela ia quebrar um galhão, a minha sogra ia estar com o colchão atirado aqui, cuidando dela, porque ela estava sempre pronta para tudo”*.

Além da ajuda do marido e da cunhada, outra forma de separação pensada pela mãe para preparar Bruna para a entrada na escola de educação infantil foi realizada através da introdução das frutas. Vitória relata que *“Quando ela completou o terceiro mês eu comecei a pensar em fazer a adaptação devagar, porque, assim, não dá para ti ficar, na minha visão, até os quatro meses só no peito, aí a criança vai ter que se adaptar com comida e com escolinha de uma vez por todas.”*

Dessa forma, a escola de educação infantil tornou-se, nos critérios de Vitória, a única rede de apoio possível. A mãe diz que, *“Logo que ela nasceu, nós já começamos a pensar, eu já sabia que essa seria a possibilidade, essa história de deixar em casa com alguém só se fosse alguém da família, de inteira confiança. Como a gente não tinha alguém disponível, então, logo a gente começou a procurar a escolinha.”*

Vitória busca alguém de confiança para cuidar do seu bebê, mas, como não encontra, a escola de educação infantil foi um substituto, tornando-se um ambiente em que as mães da atualidade passam a, de fato, confiar. Isso reflete a importância do reconhecimento desses ambientes como um espaço intermediário que permite a separação. Winnicott (1953/1975) diz que, onde há confiança e fidedignidade, há um espaço potencial. E é através desse espaço potencial que podem-se dar as primeiras separações, quando o indivíduo é bebê, até a vida adulta.

A mãe relata que muitas pessoas a questionaram sobre a decisão de colocar Bruna na escola de educação infantil. Ela conta o que as pessoas perguntavam e o que ela respondia: *“Como tu vai fazer quando tu voltar a trabalhar? Ela vai para a escola. Aí coitadinha, ela vai para a escola, mas não o dia todo? Sim, o dia todo. Aí Vitória, mas que judiaria, coitada! Aí eu disse, meu Deus, qual que é o problema?”*. Ao questionarem a mãe a respeito da melhor opção de cuidado em relação à sua filha, o tema vida e crescimento proposto por Stern (1997) emerge, pois ele não se refere somente ao temor da mãe de que o bebê não viva, mas também ao que ele não se desenvolva com sucesso.

No entanto, Vitória tem para si argumentos que sustentam a sua decisão. *‘Pelo menos, ela está com outras crianças, está com outras pessoas, está bem cuidada e está aprendendo alguma coisa. Se a gente for pagar para alguém ficar com ela em casa, o que essa pessoa vai fazer? No máximo, brincar com ela um pouquinho. Mas é tão mais tranquilo se ficar alguém com ela em casa! Ai eu disse, não! Desde pequena tem que aprender a dividir as coisas, eu prefiro que vá para a escola’.*

Na fala acima, algumas concepções sobre a importância da escola de educação infantil foram expostas por Vitória, tais como a socialização e a importância do saber científico. A concepção de escola de educação infantil apresentada aqui está fortemente relacionada a um local que inscreve o indivíduo no social e que não é pensado pela família como um local de constituição do sujeito (Flach & Sordi, 2007). Além disso, outros quesitos foram levados em conta na hora da escolha. De acordo com a mãe, *“eu já comecei a fazer pesquisas, valores, localização, e referência. A gente conversou com outros pais.”*

Baseado nos relatos de outras pessoas próximas, Vitória acreditava que o processo de adaptação seria mais complicado. Segundo ela *“muita gente me buzinou, me enlouquecendo, que ela ia chorar, que ela não ia querer ir na escola”.* Conta que, ao contrário do que as pessoas a alertaram, o processo *“foi tranquilo, a profe disse que não tinha aluna melhor. Ai tinha gente que dizia assim, isso foi porque foi o primeiro dia, vai ver quando ela começar a entender o que vocês estão fazendo, que vocês estão deixando ela na escola.”*

Em relação à reação de Bruna no período de adaptação, conta que *‘Bateu saudades nela, tipo uns dias que ela teve que ficar o dia todo, bateu umas crises de choro, só que é assim, eram coisas que tu via, não doía nada nela, saudade, manha que queria a mãe.’* O choro é uma das reações do bebê no período de adaptação (Rapoport & Piccinini, 2001). Além dele, o bebê pode vir a somatizar (Rizzo, 2000), como foi o caso de Bruna. A mãe conta, também, que, após a primeira semana de adaptação, Bruna ficou doente e por tal motivo, no seu primeiro dia de trabalho, teve que justificar a falta com um atestado médico.

A mãe reconhece que, ao ir ao meio-dia amamentar, sua filha se sentia mais relaxada novamente, Vitória relata que *“ai eu chegava lá para dar de mamá, o que ajudava bastante, porque, assim, a minha mãe veio no meio do dia, foi três dias de choro bem brabo, mas agora está bem”.* Tal trecho pode ser entendido pelo que traz Winnicott (1975) a respeito dos fenômenos transicionais. O autor diz que, se a mãe fica longe por um tempo além do limite que o bebê possa suportar, a lembrança dela se apaga e, quando a mãe se ausenta por um tempo suportável ao seu filho, sua imagem mental não se modifica, ficando viva em seu interior por um tempo.

Vitória descreve que Bruna está com “*mecanismo compensatório*”, ou seja: “*a mãe voltou a trabalhar, e ela está com aquela manha de ausência da mãe, aí, de vez em quando, é só mãe que presta, tô com sono, é só a minha mãe, tô com fome, é só minha mãe*”. Chama atenção o nome que a mãe dá à reação de Bruna diante de sua ausência, “*mecanismo compensatório*”. Ela consegue reconhecer que tais atitudes da filha são devidas à separação mãe-bebê e que Bruna quer recompensas pela mãe tê-la deixado na escola. Para Winnicott (1975), o amor de mãe não significa somente compreender as necessidades do bebê, significa também dar oportunidades para ele fazer a passagens da dependência à autonomia, Bruna protesta diante da ausência da mãe, e isso é reconhecido por Vitória. Já quanto à sua própria reação, a mãe conta como se sentiu na separação dela pela ida à escola: “*Eu achei que eu ia chorar, não chorei. Até achei que eu estava meio fria demais, assim, eu tinha consciência de que ela estava super bem cuidada.*”

3.4.4 Retorno ao Trabalho

Vitória relata que seu retorno ao trabalho foi tranquilo: “*Foi tudo tranquilo, eu logo me adaptei de novo, o serviço sempre espera a gente, né, nunca foge*”. A mãe demonstra uma tranquilidade não somente com a adaptação da filha, mas com o retorno ao trabalho. Na pesquisa de Almeida (2007), as mulheres de classe média apresentaram maior dificuldade em conciliar maternidade, cuidados infantis e trabalho. A autora considera que o valor dado ao projeto profissional pode agravar tal dificuldade. Vitória parece encarar o trabalho como significativo, no entanto, como diz acima, “*o serviço espera*”, ela não se sente pressionada no âmbito profissional.

Em relação a ficar longe da filha nos primeiros dias, diz: “*eu morri de saudade né!, no final da tarde, eu não via a hora de ir buscar ela, mas o dia passou, em momento nenhum eu liguei para a escola.*” Vitória relata também que modificou sua forma de encarar as obrigações do dia a dia no trabalho. Antes do nascimento de Bruna, “*Eu sempre fui muito espreitada, meu Deus, tem que fazer tudo, que hoje tem que isso, corre para cá, corre para lá, quando tu vê, o dia passou, e tu não resolveu definitivamente nada*”.

Após o nascimento dela, “*ai com ela, uma coisa que eu aprendi foi me adaptar bem melhor diante disso. Que nem hoje. Eu tenho a minha agenda, eu sei o que fazer, quanto de coisas para ela [Bruna], quanto do trabalho, quanto do escritório, e aquilo é a minha meta para aquele dia, o que eu não consegui, tudo bem, vai para o outro dia, eu não estou nem um pouco preocupada*”. Além disso, Vitória diz que não faz hora extra como fazia antes, pois ela tem horário para buscar Bruna na escola e o respeita. Nesse sentido, a mãe consegue integrar

em seu *self* uma única identidade, ao demarcar bem os limites dos papéis de mãe e trabalhadora (Almeida, 2007).

Neste último caso, a participante integra os papéis de forma clara, demonstrando que, durante o período de licença-maternidade e mesmo depois dele, consegue ocupar-se e investir primeiramente em Bruna. Para que isso ocorra, ela reconhece que as obrigações profissionais têm que ser vistas de forma branda; que as redes de apoio são necessárias e têm que ser acessadas dentro do lar, com o esposo, no dia a dia, com a escola e nos finais de semana, com a cunhada. Porém, Vitória não deixa de identificar que a seu bebê reivindica sua atenção. É uma mãe que fala dos seus sentimentos por vezes ambivalentes, ao trazer que sentiu saudades quando se separou da filha, mas estava resolvida e tranquila quanto à opção da escola. Ela também é a única participante que reconhece que sua mãe não cuidaria de sua filha caso morasse na mesma cidade, parecendo estar bem elaborada a decisão pela escola de educação infantil como rede de apoio.

3.5 Síntese dos Casos Cruzados

A partir do relato e da discussão dos quatro casos acima, pode-se averiguar que a experiência da maternidade frente à separação do bebê no contexto de retorno ao trabalho é um fenômeno complexo, e tal experiência organiza-se de forma singular na história da mãe e do bebê. Abaixo, realizou-se um cruzamento dos dados de cada caso, afim de encontrarem as convergências e de se realizarem apontamentos sobre os novos direcionamentos da maternidade.

Quanto à *construção da carreira*, os resultados mostram que as mães da pesquisa são mulheres práticas quanto às suas escolhas e decisões de vida. Antes mesmos de tratar da relação mãe-bebê, tal observação pode ser constatada na infância e na adolescência das mesmas, no que diz respeito à construção da carreira. Duas delas iniciaram contando de suas infâncias, e Vitória diz que seu interesse pela arquitetura veio da profissão do pai, de pedreiro. Já Jaqueline descreve o consultório de seu pediatra em detalhes e relata o quanto a medicina sempre foi um desejo seu. As outras duas participantes, Daniela e Gabriela, iniciaram contando sobre a escolha da profissão na adolescência. Soares (2002) destaca que a escolha profissional é um processo que se inicia na adolescência, no entanto, está carregado das memórias infantis e da forma como os pais expressam o valor de sua profissão.

Três das participantes, Daniela, Gabriela e Vitória, utilizaram o critério de remuneração na escolha de suas carreiras, e, inclusive, Daniela relata que calculou o investimento da faculdade particular e quanto tempo demoraria a ter seu retorno. A afinidade

com a escolha profissional veio para essas participantes como quesito a ser conquistado ao longo do curso, principalmente através de estágios. Rocha-Coutinho (2004) destaca em sua pesquisa com jovens universitárias que o valor social dado ao trabalho está fortemente demarcado nos seus discursos, assim como nos casos apresentados.

Além disso, essas mesmas participantes se inseriram no mercado de trabalho durante a graduação ou mesmo antes de iniciá-la. Somente uma delas, Jaqueline, envolveu-se mais com o estudo na adolescência. No entanto, todas elas dão relevância significativa ao trabalho e à escolha profissional. Daniela, inclusive, destaca o valor do seu trabalho no sentido de sentir que sua profissão pode gerar algo bom para as pessoas. A concepção de ser produtivo a alguém também foi identificada no estudo de Thomé, Thelma e Koller (2010) e de Guimarães e Romanelli (2002). O valor social atribuído ao trabalho está fortemente arraigado na fala de todas as mães, e, de acordo com Soares (2002) o indivíduo moderno, é, na medida em que faz algo pela sociedade, ou seja, na medida em que trabalha.

Para todas as participantes deste estudo, a carreira é algo bastante relevante. Três delas buscaram o aperfeiçoamento profissional, e Vitória, única participante que parou de estudar após a graduação, lamenta não ter conseguido investir mais tempo em sua faculdade, pois tinha que trabalhar para poder pagá-la. Dessa forma, considera-se que todas as participantes possuem uma carreira. Tal critério é tomado a partir da diferenciação de carreira e trabalho remunerado trazido por Savioli (1991). A mulher com uma carreira busca crescimento, mudança e adaptação ao longo dos empregos que percorreu (Carvalho, 2006).

Quadro 2: Síntese das convergências do eixo construção da carreira

CONSTRUÇÃO DA CARREIRA	JAQUELINE	DANIELA	GABRIELA	VITÓRIA
Escolha profissional: remuneração		X	X	X
Inserção no mercado desde adolescência		X	X	X
Trabalho como elemento central	X	X	X	X
Buscam a construção da carreira	X	X	X	X

A maneira como cada participante descreve a *experiência de ser mãe* e como se sente diante dela aparece neste estudo de forma singular. Ao se descreverem como mães, as

participantes colocaram o desejo de ter um filho, as expectativas quanto à criação dos filhos, os sentimentos após o nascimento e situações diversas que mostraram a visão do papel de mãe como uma pessoa que apresenta o mundo à criança, mundo este pautado nos valores do trabalho. Elas citaram também a forma como vivenciaram a gravidez, o parto e o puerpério.

Dentro da trajetória de vida de cada uma dessas mulheres, Jaqueline, Daniela e Vitória declararam que o desejo de ter um filho foi expresso primeiramente por parte dos esposos. Gabriela é a única que diz que foi uma vontade do casal. Nos estudos a respeito do envolvimento paterno, não foi encontrada relação entre o planejamento da gravidez e o envolvimento do pai na mesma (Borhold, Wagner & Staurt, 2007; Piccinini, Silva & Gonçalves, 2004). Dessa forma, aqui se pode pensar que o desejo dos pais – homens, expressos pelas mães desse estudo, traz algo a respeito da nova visão da maternidade, ela tida como uma opção da mulher e como possibilidade de uma renúncia voluntária por um filho (Jerusalinsky, 2012; Barboza & Rocha-Coutinho, 2007; Rios & Gomes, 2009; Scavone, 2001). Tal questão parece estar em jogo nesses casos em que o pai expressa o desejo de ter um filho mediante a possibilidade de escolha da mulher.

Os motivos pelos quais o desejo de maternidade ainda não havia sido despertado são distintos. Daniela alega que foi pelo trabalho que viu sua mãe passar ao criar as filhas sozinhas. Vitória diz que estava insegura, pois havia outros planos a se concretizarem antes de ter um filho, como construir sua casa. Já Gabriela relata que o desejo da maternidade não havia ocorrido antes em sua vida devido a outros projetos que deveriam ser concretizados, como o pós-graduação. Gabriela e Daniela ainda trouxeram que não eram pessoas apegadas a crianças. Nenhuma das mães falou em uma concepção de maternidade idealizada ou manifestam o desejo de ser mãe anteriormente em suas vidas.

Ainda no aspecto, referente ao planejamento da gravidez, apesar de todas as mães relatarem que planejaram a chegada de um filho, nenhuma delas declarou que a maternidade foi algo esperado e desejado. Três mães descrevem de forma prática a decisão, dizendo que, partindo da vontade do marido, elas aceitaram ser mães. Duas delas, Jaqueline e Vitória, relataram que, apesar de pararem os métodos contraceptivos para engravidar, quando receberam a notícia de que estavam grávidas, se surpreenderam, pois foi mais rápido do que haviam planejado.

A maternidade aqui aparece como parte do ciclo vital a ser cumprido por essas mulheres, inclusive por Gabriela, sem que elas permitam se questionar se querem, ou não, ser mães. Dessa forma, a contradição entre valores antigos e novos fica clara no estudo, assim como apontam as pesquisas de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) e Rocha-Coutinho (2004).

A sociedade, ao mesmo tempo em que incentiva e valoriza a ida da mulher ao mundo profissional, coloca-lhe o papel de mãe como o esperado em determinado momento, o que a leva a não se questionar sobre o próprio desejo de ter um filho. No estudo de Piccinini *et al.* (2008), as gestantes primíparas também declararam que o desejo de se tornarem mães foi manifestado como uma obrigatoriedade social. Os autores retomam o questionamento de Soifer (1980, p.16): “A maternidade é um direito, um dever, uma obrigação?”, buscando refletir sobre a opção pela maternidade nos dias atuais.

A respeito da gravidez, o que chama atenção em três dos casos é a forma breve como é descrita. As quatro participantes, ao falarem sobre esse período, relataram preocupações voltadas para si e para os projetos de suas vidas. Nos nove meses de gestação, transformações são necessárias para a constituição tanto da mulher em mãe como do espaço psíquico do bebê (Piccinini, *et al.*, 2008). As mães não trouxeram o bebê como assunto nesse momento, como, por exemplo, temores em relação à gravidez e ao bebê. Elas demonstraram estar voltadas para si e com um ritmo de atividades bastante intenso, trabalhando e realizando atividades físicas, como conta Vitória. Na pesquisa, os autores chamam atenção para o quanto atualmente pode parecer inadequado a gestante falar sobre o bebê, na medida em que o mundo profissional não abre espaço para tal questão.

Winnicott (1966/1999) destaca que as mulheres antes da concepção, não agem como se tivessem que cuidar de um bebê. Elas realizam diversas atividades no seu dia a dia. Porém, quando descobrem que elas estão grávidas, elas passam a se preparar para transformações importantes, o autor enfatiza a importância dessa preparação onde, nesse período, a mulher: ‘pode então passar de um tipo de egoísmo para outro’ (p.3).

Ao falar sobre o parto, todas as mães descreveram com riqueza de detalhes tal momento. Nota-se que o parto foi sentido pelas mulheres como fundamental para ativar nelas o senso de identidade materna, como traz Stern (1997). Pode-se observar, aqui, a relevância desse momento para as mulheres. Inserida no centro obstétrico, Donelli (2008) realizou sistemáticas observações de tal experiência e pôde constatar a imensidão de emoções que as mulheres vivenciam nesse momento em que a mãe é chamada a desempenhar funções importantes. Três mães, Vitória, Gabriela e Jaqueline, declaram que essa foi uma experiência tranquila e que optaram pela cesárea. Daniela foi a única participante que optou por realizar parto normal e também é a única que o relatou como uma experiência complicada, devido à utilização do fórceps. A mãe sentiu muito desconforto e acusou interferências deste no contato mãe-bebê. A procura da cesárea como forma de controle sobre o nascimento do bebê,

constatada na tese de Donelli (2008), parte da necessidade da mãe de controlar o ambiente, o ritmo e a ordem dos acontecimentos, e foi averiguada neste estudo.

No momento do parto, a figura do pai foi citada por todas as participantes deste estudo. Eles estiveram presentes momentos antes, durante e depois do parto. Elas relatam os seguintes sentimentos paternos: desejo de ter um filho e insegurança diante do nascimento do bebê, os quais foram expressos pelos esposos e não por elas. Vitória falou da importância de seu esposo inclusive na preparação física para a maternidade. A mudança no papel paterno, através de um maior envolvimento na gestação, foi constatado nos estudos de Borholdt, Wagner e Staud (2007) e Piccinini *et al.* (2004). Os autores sugerem que as mudanças de atitudes dos pais estão associadas às mudanças das configurações sociais e econômicas das mulheres. No presente estudo, o papel do pai na gestação em si não aparece de maneira preponderante, no entanto, ele é figura citada por todas as mães no que se refere à decisão de ter um filho, à hora do parto e às decisões quanto à terceirização dos cuidados. Os pais dessa pesquisa, segundo as mães, expressam sentimentos de medo e insegurança, diferentemente dos resultados do estudo acima.

Winnicott (1968/1999) destaca que um dos avanços da época é a participação do pai no nascimento do bebê. Para o autor, o pai é figura importante no enriquecimento da situação de entendimento na relação mãe-bebê. Segundo o mesmo, o papel do pai é, além de compartilhar os sentimentos das mulheres, propiciar a oportunidade de elas ficarem apenas preocupadas com seus bebês. Mas será que, nos dias atuais, o homem consegue “isolar” as preocupações do mundo externo das mulheres/mães que estão extremamente implicadas em tal realidade? E permitem que elas apenas vivenciem as experiências diante do nascimento do bebê?

Apesar de descreverem todo o momento do parto, as dores e as circunstâncias em torno do nascimento do bebê, elas demonstram ser mulheres bastantes práticas e decididas em situações importantes. O momento de maior fragilidade de três entrevistadas aparece no puerpério. Gabriela descreve a situação em que seu bebê se engasga. E este foi, segundo a própria mãe, o momento mais marcante de sua vida. Jaqueline refere-se à insinuação do médico de ter deixado a filha passar fome. Já Daniela relata um momento delicado após chegar na casa de sua mãe, para onde foi quando saiu do hospital com o bebê, frente ao impasse com o marido que queria que ela voltasse para a casa do casal e a vontade da mesma de permanecer na casa da sua mãe.

Tais situações abordadas nos casos de forma específica, foram vivenciadas pelas mães, assim como nos casos discutidos por Granato e Aiello-Vaesberg (2009), como uma

experiência emocional impactante. Essas experiências, em três casos, também levaram a um colapso das defesas que mantinham a estabilidade emocional. Nos nove meses de gravidez e nos momentos que antecederiam o parto, as mães não descreveram uma preparação psicológica, apenas corporal como traz. Divergindo da idéia de Brazelton e Cramer, (1992) da necessidade de uma reorganização da identidade materna, necessárias para adaptar-se ao novo bebê.

Mesmo sendo mães de primeira viagem, as participantes deste estudo mostraram iniciativa nos cuidados com seus filhos. Duas delas, Gabriela e Vitória, buscaram informações com médicos, cursos ou leituras sobre cuidados e como agir mediante determinados comportamentos dos bebês para dar-lhes limites. Daniela e Vitória trouxeram que, no início, realizavam as atividades com mais lentidão, o que fazia o dia passar mais rápido. Todas elas relataram facilidade em realizar os cuidados com o bebê. Adaptaram-se bem às rotinas e aos horários de mamar, dar banho e fazer dormir.

A adaptação das mães às necessidades do bebê não procede de teorias e de livros. O que as orienta nos momentos iniciais é a identificação com o bebê, por já terem sido um dia bebês e terem sido cuidadas (Dias, 2003). Dessa forma, a mãe adapta-se à dependência do bebê através de uma compreensão pessoal (Winnicott, 1970/1999). Observou-se, que as mães entraram na preocupação materna primária pelo menos logo após o nascimento do bebê, algumas com mais dificuldade, e esse estado as assustou (Winnicott, 1966/1999), como ocorre com Jaqueline e Gabriela. O que entra em jogo em todos os casos é o quanto a mãe se permite entrar junto com o bebê na dependência absoluta. Apesar disso, as necessidades dos bebês parecem ser compreendidas pelas mães, mas nem sempre num nível de identificação mais profundo.

Isso pode ocorrer porque todas as mães deste estudo consideraram que suas filhas são bebês tranquilos. A concepção a respeito do temperamento dos bebês nos primeiros meses de vida ainda estão fortemente relacionadas à crenças ambientalistas, ou seja, a crença de que principalmente a figura da mãe pode interferir positivamente ou negativamente no temperamento da criança (Melchiori & Biasoli Alves, 2001; Melchiori, Alves, Souza & Bugliani, 2007). Três delas, ao se referirem à personalidade das filhas, citaram o choro como medida de uma personalidade tranqüila, considerando suas filhas crianças que choram pouco. Nenhuma delas relata qualquer dificuldade em buscar entender a expressão das meninas. Todas reconhecem, em momentos distintos nas entrevistas, a mudança radical nas rotinas após o nascimento do bebê. Elas alegaram que, a partir do nascimento, atividades como almoçar fora, viajar e ir ao cinema passaram a ser organizadas de acordo com as necessidades do bebê naquele momento. Aqui, pode-se considerar que as mães têm a consciência de passar

a organizar o mundo em torno das necessidades do filho, mas, apesar disso, tal momento é vivenciado com desconforto pelas mesmas, como aparece abaixo.

Três das mães deste estudo, Daniela, Gabriela e Vitória, vivenciaram o período de licença-maternidade, como um período de reduzidas tarefas. A única participante que não traz a mudança acima é Jaqueline. Pode-se pensar que para tal participante, a mudança não ficou tão explícita, já que voltou para um de seus trabalhos, apesar de serem poucas horas, quando a filha tinha dois meses e meio. Esse aspecto corrobora o estudo de Granato e Aillo-Vaisberg (2003) que dizem que a vivência da licença é percebida, por algumas mulheres, como um momento de inutilidades. Oliveira e Dessen (2012) destacam que o pouco contato social após o nascimento do filho, nos primeiros seis meses, foi relatado por 78,3% das mães no estudo, e tal isolamento é acentuado na situação em que as mães não retornam ao trabalho.

O tema vida e crescimento da constelação da maternidade proposto por Stern (1997) aparece como central em todos os casos. Ele é despertado, nas mães, nos seguintes momentos: em Jaqueline, quando questionada a respeito da alimentação de sua filha; em Gabriela, quando a filha se engasga; em Daniela, quando supera a depressão pelo receio de não cuidar da filha; e, em Vitória, quando questionada sobre a opção de deixar a filha na escola. Todos esses acontecimentos giram em torno da questão a capacidade das mães de manter seu bebê vivo e de lhe proporcionar um desenvolvimento.

Stern (1997) chama atenção para o fato de que esse tema na constelação da maternidade é único, ou seja, a mãe jamais o enfrentou antes em sua vida. Reportando-se a teoria de Winnicott, pode-se pensar na relação mãe-bebê nos meses iniciais como essencial para que a mãe capte as necessidades mais sutis do bebê (Winnicott 1960/2005). Tal relação faz emergir sentimentos intensos na mãe, que tem a função de proteger seu bebê pela vulnerabilidade em que se encontra.

Quadro 3: Síntese das convergências do eixo a experiência de ser mãe

EXPERIÊNCIA DE SER MÃE	JAQUELINE	DANIELA	GABRIELA	VITÓRIA
Desejo do bebê primeiramente pelo pai	X	X		X
Gestação: Atividades voltadas a profissão e a si	X	X	X	X
Parto: experiência tranquila	X		X	X
Figura do pai citada no parto	X	X	X	X
Puerpério: experiência impactante	X	X	X	
Licença Maternidade: período reduzido de tarefas	X	X	X	X

Três mães deste estudo realizaram *as primeiras separações* de seu bebê antes da licença-maternidade, somente por motivos relacionados ao trabalho. Para Daniela, tal momento ocorreu uma única vez, no dia em que precisou realizar uma entrevista de emprego. Para Jaqueline, foi quando ela retomou um de seus empregos, e Vitória relata que na licença-maternidade solicitava a ajuda do esposo para ficar com a filha enquanto ia rapidamente a seu escritório. Já Gabriela diz que em nenhum momento acessou a rede de apoio, que isso só ocorreu no fim da licença-maternidade, na entrada na escola de educação infantil. As avós, tanto maternas quanto paternas, são raramente acessadas para ajudar nos cuidados dos filhos, apenas Jaqueline recorreu a elas a partir dos dois meses e meio de Amanda. Neste estudo, uma particularidade apresenta-se em relação à ajuda das avós paternas. Através do genograma, três participantes, Jaqueline, Gabriela e Daniela, expressaram uma relação conflituosa com as mães de seus esposos. Tal conflito é implícito, no entanto, aparece como pano de fundo na opção das mães pela escola de educação infantil. Nos três casos, quando questionadas a respeito do motivo da escolha da escola, nenhuma coloca tal conflito, porém, no genograma, isso aparece de forma clara. Elas optaram por apontar para seus esposos os benefícios da escola de educação infantil para não gerarem um problema conjugal ao se oporem-se à avó paterna como cuidadora.

Nos estudos a respeito da maternidade, as funções das avós são amplamente estudadas quando se trata da maternidade com adolescentes (Falção & Salomão, 2005; Silva & Salomão, 2003). A questão que surge neste estudo parece referir-se à possibilidade de cuidado por parte das avós paternas e não das avós maternas. Tal possibilidade, entretanto, não é bem

aceita pelas participantes do estudo, talvez por remetê-las a conteúdos de rivalidade com a avó paterna, mãe do pai da criança. Além disso, a relação de parentesco da avó paterna com a criança é um laço que não pode ser desfeito pelo rompimento de um contrato de prestação de serviços, como é possível com a escola, e, assim, acentuam-se as fantasias de ser comparada ou até mesmo superada pela avó no desempenho das funções de mãe. Rapoport e Piccinini (2011) constataram que as intromissões das avós nos cuidados do bebê são sentidas pelas mães como um dos eventos mais estressantes no primeiro ano de vida do filho, e, nesse sentido, o apoio social é vivenciado como negativo, assim como as mães deste estudo relataram.

Nesse aspecto, há outra similaridade quanto a tal relação: todas as avós maternas das entrevistadas trabalham em profissões como empresária, contadora, professora. E isso aparece de forma comparativa, ora positiva, como na entrevista de Daniela, ora negativa, como relata Vitória a respeito da ausência de sua mãe na sua infância. Por tal motivo, os resultados deste estudo apresentam divergências com os de Oliveira e Dessen (2007) e Dessen e Braz (2000), em que as avós maternas apareceram como uma das principais pessoas que ajudam nos cuidados com a criança.

Apesar de as mães apenas situarem suas próprias mães como mulheres trabalhadoras, Stern (1997) destaca que a maneira como a mãe reflete a sua relação com a própria mãe muda com a maternidade, olhando-a de maneira mais ativa. Pode-se pensar que a impossibilidade das avós maternas de serem redes de apoio mais ativa nesse momento de separação mãe bebê não permite as mães identificarem tal função nas avós paternas.

Observa-se, ainda que a rede de apoio, durante tal período, foi raramente acessada por duas das participantes, Daniela e Gabriela. Já Jaqueline é a única mãe que acessa com frequência semanal as avós porque a licença-maternidade só foi concedida em um local de trabalho. Chama atenção que mesmo as mães que não buscam ajuda de esposos, avós ou babás para realizarem atividades pessoais durante a licença procuraram, na relação diária mãe-bebê desde o nascimento, estabelecer formas de separação, preparando o bebê para a entrada na escola de educação infantil durante os primeiros quatro meses de vida.

A possibilidade de antecipação de determinadas atitudes tomadas pelas mães ocorreu porque a escola de educação infantil como rede de apoio após a licença-maternidade foi uma escolha de três mães antes mesmo de o bebê nascer. Apenas Gabriela coloca que era a avó paterna que iria cuidar antes de mudar de opinião. Esse dado torna-se relevante no sentido de que as mães, sabendo da futura separação na relação mãe-bebê, buscaram formas de cuidado que pudessem preparar os bebês para tal momento. Essa posição de antecipação das decisões

a respeito dos possíveis cuidadores dos filhos foi verificada no estudo de Souza *et al.* (2011), onde se vê que mães levam em considerações as possíveis redes de apoio antes mesmo de optarem por ser mães.

Referente à questão acima, pode-se refletir que a opção da escola de educação infantil como rede de apoio tem influência no modo como as mães experienciaram os primeiros meses com seu bebê. Dentre as formas citadas de antecipação da separação a fim de prepará-los para tal momento, aparecem: introdução da mamadeira de complemento de leite ainda no hospital, cuidado para não mimar muito, evitar estar sempre com ela no colo, aprender a adormecer no berço e a introduzir alimentos como frutas e sopas.

A preocupação da mãe, aqui, aparece no sentido de garantir a continuidade dos cuidados em casa e na escola. Levando em consideração que a experiência de separação é um momento de ruptura do laço mãe-bebê (Mariotto & Bernardino, 2009), as mães buscam realizar aos poucos tal ruptura. Essa questão, ao mesmo tempo em que garante uma continuidade dos cuidados dados ao bebê, relevante, como apontou Winnicott (1962/1983), para a integração da personalidade do indivíduo, também acaba inserindo o bebê na escola antes do tempo.

Dias (2003), na leitura à obra de Winnicott, aponta duas atitudes importantes ao amadurecimento do indivíduo: a existência continuada das condições para a dependência, que podem ser necessárias em determinadas circunstâncias, e a provisão de oportunidades para que o bebê, na medida em que se separa da mãe, se liga a outras instâncias sociais, ressaltando que o processo de separação deve ser gradual. A importância da preparação para a separação pela ida à escola aparece precocemente em alguns dos casos estudados.

O receio de não mimar demasiadamente seus bebês é um dos motivos que levaram três mães, Jaqueline, Gabriela e Vitória, a citar a importância da escola de educação infantil como um ambiente que propicia a socialização com um grupo de iguais. Dessa forma, a escola de educação infantil possibilita, na concepção dessas mães, o que os demais cuidadores, como avó ou babá, não poderiam proporcionar, e que Jaqueline cita como “o convívio com outras crianças”.

Dois dos fatores que se destacam na escolha pela creche são a escolaridade da mãe e a renda familiar. Na pesquisa de Rapoport e Piccinini (2004) observa-se que, quanto maior a escolaridade e a renda, maior a probabilidade dos pais colocarem as crianças nas creches. Além disso, segundo dados aqui encontrados, os pais têm escolhido um cuidado alternativo porque veem a creche como um lugar de socialização da criança.

Em tal concepção, a escola aparece com um terceiro na relação mãe-bebê, assim como demonstrado na dissertação de Gurgel (2011). No entanto, Mariotto (2003) destaca que a discussão entre psicanálise e educação infantil gira em torno da reflexão a respeito da escola de educação infantil como uma instituição que participa dos tempos precoces de subjetivação do sujeito. Nessa mesma linha, Bernardino (2008) aponta que o tipo de cuidado familiar dado às crianças, até o século passado, não é mais o mesmo no mundo contemporâneo. Os bebês são inseridos nos meios sociais cada vez mais intensa e precocemente. E a preocupação das mães deste estudo não questiona se eles estão preparados para tais mudanças, mas, sim, se a escola pode promover essa mudança capaz de prepará-los para a esfera pública.

Ainda quanto à adaptação, todas as mães declararam que o processo foi mais tranquilo do que imaginavam. Vitória descreve o quanto as pessoas a assustaram e argumentaram para ela não deixar Bruna na escola. Todas as mães sentiram-se seguras em relação à adaptação à escola e ao retorno ao trabalho. Primeiramente, porque elas consideram que o retorno ao trabalho era uma necessidade delas. Tal situação diverge dos resultados dos estudos encontrados por Rapoport e Piccinini (2004), que destacam que esse período é difícil quando a escolha estiver relacionada a exigências do trabalho, a um maior espaço para a mãe ou a um maior espaço social e educacional para a criança; e também diverge do estudo de Vanalli e Barham (2008) com professoras que retornaram do período de licença-maternidade. A maioria delas trazem que a volta ao trabalho interfere na amamentação e que o tempo de adaptação com o bebê é muito pequeno.

Todas as mães identificaram que o choro foi a manifestação do bebê no processo de adaptação. E dois bebês ficaram doentes durante esse processo. No entanto, cada uma das mães deu um significado distinto ao choro e não descreveram que essas manifestações pudessem deixá-las 'abaladas'. Gonçalves *et al.* (2010), afirmam que o choro é um sinal de que o bebê quer receber a presença materna e os cuidados necessários para amenizar um desconforto; o que entra em jogo aqui é a presença –ausência estabelecida com o outro. Além disso, é fundamental, para Bernardino e Kamers (2003), que pais e bebês se adaptam a esse novo ambiente. Por isso, é necessário um trabalho junto aos pais com o objetivo de diminuir sua ansiedade, caso contrário, ela poderá provocar efeitos no bebê, como não comer e choro intenso.

Os motivos que fizeram todas as mães optar por uma determinada escola de educação infantil foi o fato de alguém indicar essa escola e por confiarem nas pessoas incumbidas de cuidar do bebê. A palavra confiança é expressa, ao longo da obra de Winnicott, diversas vezes, na medida em que a mãe propicia cuidados constantes e consistentes ao bebê (Dias,

2003). Reportar tal questão à escola de educação infantil vem destacar a sua função de cuidado. Essa questão é bastante debatida pela literatura: poderia a escola realizar a função materna?. Do ponto de vista clínico, os estudos da interação entre o bebê e as pessoas que se ocupam dele apresentam implicações importantes (Wendland, 2001).

Mariotto e Bernardino (2009) dizem que o educador do berçário desempenhará funções exercidas pelas mães, como autonomia, afetividade e segurança emocional. Nos casos apresentados neste estudo, a escola é reconhecida como locais de subjetivação do bebê (Bernardino & Kamers, 2003) mais do que como uma opção para aquelas que não têm a sua família de origem por perto, como apontam Rapoport e Piccinini (2004). As escolas de educação infantil permitem às mães evitar conflitos familiares, na medida em que a figura do professor está desligada da questão da afiliação, implicada na relação entre as mães e as avós.

Quadro 4: Síntese das convergências do eixo primeiras separações

PRIMEIRAS SEPARAÇÕES	JAQUELINE	DANTELA	GABRIELA	VITÓRIA
Motivo: trabalho	X	X		X
Conflito com as avós paternas	X	X	X	
Formas de separação nas rotinas		X	X	X
Escolha da escola antes do nascimento	X	X		X
Escolha da escola por receio de mimar	X		X	X
Sentimento de segurança nas separações na escola	X	X	X	X

Todas as mães entrevistadas se descrevem como pessoas agitadas, dessa forma, **o retorno ao trabalho** era algo aguardado com anseio por elas. Três trouxeram um mal estar por estarem dentro de casa. Ao descreverem o seu dia a dia no trabalho, todas demonstram o quanto se sentem bem, principalmente porque o mundo do trabalho lhe traz contato social, questão mencionada como rara no período de licença-maternidade (Granato & Aiello-Vaisberg, 2003).

O foco apresentado pelas mães em suas falas ambivalentes de que, ao mesmo tempo em que se encontram mergulhadas no mundo do bebê, reconhecem e sentem falta do mundo profissional e do maior contato social, é, para Jerusalinsky (2009), manifestação de angústia. Neste estudo, a explicação sobre o jeito de serem ‘agitadas’ aparece como uma nomeação do mal-estar vivenciado no período de licença-maternidade.

Também se pode pensar que o fato de todas as participantes se sentirem satisfeitas com o emprego contribui para que o processo de separação do bebê seja mais tranquilo. Duas delas, Gabriela e Vitória, relatam ter bom relacionamento com a chefia e flexibilização no horário quando têm que realizar alguma função com seu bebê, como ir ao pediatra. Já Daniela e Jaqueline, após o período de licença-maternidade, buscaram outro emprego. Além da insatisfação, outro motivo que as levou a buscar um novo local para trabalhar foi a conciliação entre a maternidade e carreira, tanto no que se refere à distância do local de trabalho com a escola como aos horários de trabalho. Nesse sentido, os resultados corroboram as pesquisas de Mc Bride e Belsky (1988) e Lutz e Hock (1994), que destacam que a satisfação no trabalho e o ajustamento de interesses gera menos ansiedade de separação.

Todas elas afirmam que, em nenhum momento, pensaram em abdicar da carreira para cuidar de seu filho. O que muda em relação à carreira é que, para todas, o bem-estar de seus bebês está em primeiro lugar, antes da carreira e delas próprias. Para priorizar os bebês, três mães possuem estratégias para equilibrar carreira e maternidade. Uma das citadas por duas delas é não deixar acumular trabalho, para não ter que levar para casa realizar hora-extra. Dessa forma, a maternidade gera uma modificação inevitável na relação da mulher com o mundo profissional, e as mesmas estratégias utilizadas pelas mães deste estudo foram identificadas no estudo de Rocha-Coutinho e Rocha-Coutinho (2011).

Quadro 5: Síntese das convergências do eixo retorno ao trabalho

RETORNO AO TRABALHO	JAQUELINE	DANTELA	GABRIELA	VITÓRIA
Aguardado com anseio	X	X	X	X
Mal estar por estar em casa	X	X	X	X
Buscam locais que tragam satisfação	X	X	X	X
Não pensam em abdicar do trabalho	X	X	X	X
Trazem estratégias para equilibrar maternidade e trabalho		X	X	X

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a respeito da relação mãe-bebê pode parecer, em um primeiro momento, um assunto recorrente e, por muitas vezes, já pesquisado no âmbito científico. Porém, esse tema se renova na medida em que os valores sociais se modificam. A relação mãe-bebê é, nos momentos iniciais da vida, uma unidade, mas, uma unidade organizada em uma sociedade com valores, discursos e expectativas em torno da mãe-mulher e do bebê, e isso foi verificado neste estudo.

A busca das mães participantes desta pesquisa foi ampla: mulheres entre 25 e 35 anos de idade, mães do primeiro filho(a), que residissem com o pai do bebê por pelo menos um ano, moradoras da Região Metropolitana de Porto Alegre, e que matricularam seu bebê entre quatro a seis meses de idade na escola de educação infantil devido ao fim da licença-maternidade. Apesar disso, dificuldades foram encontradas para acessar e conseguir as participantes. Primeiramente, a falta de retorno por parte das escolas de educação infantil particulares sobre a possibilidade de participar da pesquisa, ou por estas não terem turmas de berçário com bebês tão pequenos. Segundo, porque muitas das mães que colocam seus bebês no berçário já não são mães primíparas e/ou o bebê tem mais de seis meses, ou, ainda, a mães têm acima de 35 anos, idade estipulada no estudo.

Dessa forma, apesar de abrangente, o perfil das mães que aceitaram participar deste estudo se mostrou específico. As quatro mães entrevistadas têm acima de 30 anos, todas com

graduação, três delas com pós-graduação completa ou em andamento, e para todas elas, a gravidez foi planejada. Optou-se por esse número de participantes porque, mesmo se levando em conta que cada história tem características específicas, as respostas diante das questões norteadoras da pesquisa se mostraram semelhantes.

Dentre as semelhanças, a importância dada à carreira destacou-se. As mulheres deste estudo dão um valor significativo ao seu trabalho, demonstram se sentir à vontade no âmbito público e valorizam o investimento na carreira, a independência e a autonomia. É pela importância dada a essa esfera que decisões e concepções importantes na relação mãe-bebê são tomadas em cada caso. Por tal motivo, as questões que nortearam este estudo – quais os significados que a mãe fornece para esse momento de separação da díade mãe-bebê? quais são os sentimentos das mães em relação à separação do primeiro filho no período de adaptação deste na escola de educação infantil? E quais motivos levaram a mãe a optar pela escola de educação infantil como rede de apoio nesse momento? – respondem como as mães colocam, ou não, em suspenso as suas vidas profissionais para experienciar a maternidade.

As circunstâncias quanto ao planejamento da gravidez mostram que as mulheres pesquisadas optaram por diminuir suas atividades profissionais para se dedicarem ao filho. A maternidade, para as participantes, mostra-se como um dos projetos de sua vida dentre diversos outros, como a carreira, que lhes exigirão uma parcela de investimento.

Como elas mesmas descreveram, o investimento profissional foi bastante precoce nas suas vidas, pois ingressaram cedo no mercado de trabalho. Com isso, o envolvimento no mundo profissional fez com que elas se dessem conta da irreversibilidade do ser mãe somente no puerpério, diante do próprio bebê. O tema da maternidade não foi refletido por essas mulheres, que se depararam após o parto, com um ser que depende totalmente de seus cuidados. Assim, as dificuldades e os sentimentos descritos nesta pesquisa ocorreram não pela separação mãe-bebê, mas pela dificuldade que a tarefa de ser mãe impõe às mulheres, ou seja, quando as mesmas se dão conta de que o investimento materno exige algo a mais do que outras esferas de suas vidas lhe haviam demandado.

As mães deste estudo falaram sobre a relação mãe bebê, o quanto se sentiram tranquilas e seguras, o quanto as crianças são boas e sociais, não choram, são adaptáveis. No entanto, ao mesmo tempo em que sabem da importância do estabelecimento de uma relação recíproca, nem sempre estavam totalmente mergulhadas em tal função: o universo do trabalho datava um fim à dedicação exclusiva, a qual era tratada pelas participantes como um período de pouca atividade.

A expectativa da pesquisadora ao investigar o momento de separação mãe bebê era encontrar mulheres divididas, mulheres angustiadas, com medo de entregar seu filho a um cuidador com o qual não tinham nenhum laço de parentesco. No entanto, tais expectativas não foram respondidas. As mães revelaram-se seguras diante da decisão de retornar ao trabalho e colocar seu bebê na escola de educação infantil, principalmente porque tal decisão já estava colocada antes mesmo do nascimento, e, nos quatro meses de licença-maternidade, muitos cuidados foram pensados já antecipando esse momento.

A partir dos resultados desta pesquisa, que buscou articular novos direcionamentos da mulher atual com a questão central da separação mãe-bebê, abre-se a possibilidade de novas reflexões a respeito da experiência de ser mãe, da figura do pai e do diálogo entre o casal a respeito da terceirização do cuidado do filho. Dessa forma, este estudo, que buscou a articulação entre os achados teóricos e a prática, suscita novas questões acerca do tema, como a possibilidade de acompanhar longitudinalmente a mãe e o bebê e também de incluir o pai na pesquisa, mesmo nos momentos iniciais da vida do bebê.

Este estudo não tem como finalidade ensinar as mães a serem mães, tampouco culpabilizá-las. Pretende sim fazer uma reflexão a respeito das implicações que estão sendo impostas às mulheres e das formas que as mesmas estão encontrando para manejar o exercício da maternidade diante da multiplicidade de papéis que têm sido assumidos por elas nos dias atuais. Além disso, apesar de não ter abordado aqui, considera-se que o bebê tem um papel ativo nesse processo e, com isso, sugerem-se pesquisas em que ele seja incluído.

Também se destacou ao longo deste estudo a necessidade do papel ativo que o psicólogo clínico pode exercer na maternidade, propiciando espaços que possibilitem às mães identificar e expressar seus sentimentos e sofrimentos frente às demandas tanto maternas quanto profissionais. A pesquisa sugere, ainda, que o papel do psicólogo nas escolas de educação infantil seja de abertura de espaços para o diálogo com professores a respeito da constituição psíquica e da importância da escola como novo espaço de subjetivação do bebê.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. S. (2007). Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19(2), 411-422.
- Amazonas, M.C., Vieira, L.L., & Pinto, V.C. (2011). Modos de Subjetivação Feminismos, Família e Trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (2), 314-327.
- Araújo, C.S.(2003). Winnicott e a etiologia do autismo: considerações a cerca da condição emocional da mãe. *Estilos da Clínica*, VIII (14), 146-163.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 163-185.
- Benzies, K., Tough, S., Tofflemire, K., Frick, C., Faber, A., & Newburn-Cook N. (2006). Factors Influencing Women's Decisions About Timing of Motherhood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, 35 (5), 625–633.
- Bernardino, L. F., & Kamers, M. (2003). A creche e o brincar: alternativas para a educação no primeiro ano de vida. *Estilos da Clínica*, 8 (15), 48-57.
- Bernardino, L. M. F. (2008). Da representação plural do Outro na primeira infância e suas conseqüências. In *Colóquio do LEPSI do IP/EF-USP*. Recuperado em 21 de junho, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line) em: www.scielo.br.
- Bornholdt, E.A., Wagner, A., & Staudt, A. C. (2009). A vivencia da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 75-92.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. (M.B. Cippola, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brown, L.M. (2010). The relationship between motherhood and professional advancement: Perceptions versus reality. *Employee Relations*, 32 (5), 470-494.
- Cabral, S.A., Levandowski, D. (2011). Representações Maternas de Mães Adultas: o relato clínico a partir da Entrevista R. *Psicologia Clínica*, 23 (2), 37-52.
- Carvalho, P. B. (2006). Realização Pessoal, Carreira e Maternidade. In *Enquanto o bebê não vem...A maternidade e a realização pessoal: Significados atribuídos às mulheres de Itajubá* (pp.52-80). Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Castoldi, L. (2002). Instrumentos e materiais. In *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano de vida* (pp.88-94). Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Chin Hsu, H. (2004). Antecedents and consequences of separation anxiety in first-time mothers: infant, mother, and social-contextual characteristics. *Infant Behavior & Development*, 27, 113–133.

- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução n 16/2000 de 20/12/2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos*. Brasília, Brasil: Conselho Federal de Psicologia.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). *Resolução n 196/1996 de 10/10/1996: Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília, Brasil: Conselho Nacional de Saúde.
- Cowdery, R.S., & Knudson, C.M. (2005). The Construction of Motherhood: Tasks, Relational Connection, and Gender Equality. *Family Relations*, 54, 335–345.
- Dessen, M. A., & Braz, M.P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dolto, F. (2008). Quem abandona quem? (C. Berliner., & M. V. Aguiar, Trans.). In *Quanto os filhos precisam dos pais* (pp.22-26). São Paulo: Martins Fontes.
- Donelli, T.M. (2008). *Descortinando a vivência emocional de mulheres em centro obstétrico: uma investigação sobre o parto através da aplicação do método Bick*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Esteves, C.M., Anton, M.C., & Piccinini, C.A. (2011). Indicadores da Preocupação Materna Primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. *Psicologia Clínica*, 23 (2), 75-99.
- Falcão, D. V., & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22, 205-212.
- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., & Lopes, R. S. (2006). O narcisismo no contexto da maternidade: Algumas evidências empíricas. *Estilos da Clínica*, 37(3), 271-278.
- Flach, F. (2009). Educação infantil: a educação e o cuidado enquanto espaços de subjetivação. In *Colóquio do LEPSI do IP/FE- USP*. Recuperado em 10 de dezembro, 2010, da Scielo (Scientific Electronic Library On line) em: www.scielo.br
- Flach, F., & Sordi, R. (2007). A Educação infantil escolar como espaço de subjetivação. *Estilos da Clínica*, 12 (22), 80-99.
- Freud, S. (1976). Feminilidade (J. Salomão, Trans.). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (vol. 22, pp 139- 165). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1932).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo (P. C. Souza, Trans.). In S. Freud, *Obras Completas* (vol. 12, pp 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1914).

- Frizzo, G., & Piccinini, C. (2005). Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudos*, 10 (1), 47-55.
- Garcia, C.A.(2007). O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou espaço potencial?. *Estudos de Psicologia*, 12 (2), 169-175.
- Gianlupi, A. G. F. (2003). *Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Gomes, A., Donelli, T. M., Piccinini, C., & Lopes, R. (2008). A Maternidade em Idade Avançada: Aspectos Teóricos e Empíricos. *Interação em Psicologia*, 12 (1), 99-106.
- Granato, T.M., & Aiello-Vaisberg, T.M. (2003). Ser e Fazer na maternidade Contemporânea. *Revista Estudos de Psicologia*, 20 (2), 71-76.
- Granato, T.M., & Aiello-Vaisberg, T.M. (2009). Maternidade e colapso: consultas terapêuticas na gestação e pós-parto. *Paideia*, 19 (44), 395-401.
- Grant, W. (2002). A maternidade, o trabalho e a mulher. In *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, 3., São Paulo. Recuperado em 27 de setembro, 2010, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Guimarães, R.M., & Romanelli, G. (2002). A inserção de jovens no mercado de trabalho através de uma ONG. *Psicologia Em Estudo*, 7 (2), 117-126.
- Gurgel, K.M.R.(2011). A relação mãe-bebê e a adaptação a um berçário: suas influências mútuas. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Brasília, Brasília.
- Gustafsson, S. (2003). Optimal age at motherhood. Theoretical and empirical considerations on postponement of maternity in Europe. [Resumo]. *Population Economics*, 345-367.
- Heilman, M. E., & Okimoto, T. G. (2008). Motherhood: A Potential Source of Bias in Employment Decisions. *Journal Applied Psychology*, 93 (1), 189-198.
- Hewlett, S.A. (2002). Executive Woman and the Myth of Having it all. *Harvard Business Review*. 1-10.
- Hock, E., & DeMeis, D. (1990). Depression in mothers of infants: the role of maternal employment. *Developmental Psychology*, 26 (2),285-291.
- Hock, E., & Schirtzinger, M.B. (1992). Maternal Separation Anxiety: Its Developmental Course and Relation to Maternal Mental Health [Resumo]. *Child Development*, 63 (1), 93-102.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Recuperado em Janeiro 05, 2011 em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000147.pdf>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011). Recuperado em Março 05, 2012 em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP (2010). Recuperado em Novembro 20, 2010 em http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/escolar/news10_04.htm.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In Feres- Carneiro, T. (Org.). *Casal e Família: Entre a tradição e a transformação* (pp. 55-69). Rio de Janeiro: NAU.
- Jager, M., & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivencias do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (1), 141-153.
- Jerusalinsky, A. (2012). Mãe e Mulher não são sinônimos. *Revista do Instituto Humanista Unisinos*, 359. Recuperado em junho 07, 2012 de: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3802&secao=359.
- Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebê*. Salvador: Ágama.
- _____. (2005). Quem é o Outro do sujeito na primeira infância? Considerações sobre o lugar da família na clínica de bebês. *IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. Recuperado em maio 12, 2010 de: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Julieta_Jerusalinsky.pdf.
- _____. (2009). A maternidade e o Gozo fálico. In *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo* (p. 122-134). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Kehl, M. R. (2001). Lugares do Feminino e do Masculino na Família. In M. C. Comparato., & D. S. Monteiro, (Orgs.). *A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares* (pp.29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kupfer, M. C., Jerusalinsky, A., Bernardino, L., Wanderley, D., Rocha, P. S., & Molina, S. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath*, 6 (1), 48-68.
- Lebovici, D. (1987). A constituição do elo entre a mãe e o recém-nascido. In *O bebê, a mãe e o psicanalista* (pp.115-126). Porto Alegre: Artes Medicas.
- Lima, L.C. (2010). Idade Materna e Mortalidade Infantil: efeitos nulos, biológicos ou socioeconômicos?. *Revista Brasileira de Estatística Popular*, 27 (1), 211-226.
- Lobo, S. (2008). As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42 (4), 67-74.

- Lopes, R., Donelli, T.M., Lima, C.M. & Piccinini, C. (2005). O Antes e O Depois: Expectativas e Experiências de Mães sobre o Parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 247-254.
- Lutz, W., & Hock, E. (1994). Maternal Separation Anxiety: Relations to Adult Attachment Representations in Mothers of Infants. *The Journal of Genetic Psychology*, 156 (1), 57-72.
- Maldonado, M.T. (1997). *Psicologia da Gravidez: Parto e Puerpério*. São Paulo: Saraiva.
- Mariotto, R. M. M. (2003). Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise. *Estilos da Clínica: A Revista sobre a Infância com Problemas*, 8 (15), 34-47.
- Mariotto, R.M., & Bernardino, L.M. (2009). Detecção de riscos psíquicos em bebês de berçários de Centros Municipais de Educação Infantil de Curitiba. In *IX Congresso Nacional de Educação*. Recuperado em Maio, 20 de 2012 em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2821_1318.pdf.
- Martinez, A.L., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia*, 28 (2), 175-185.
- McBride, S., & Belsky, J. (1988). Characteristics, Determinants, and Consequences of Maternal Separation Anxiety. *Developmental Psychology*, 24 (3), 407-414.
- Melchiori, L.E., & Biasoli-Alves, Z.M. (2000). Comportamento de Bebê em Situações de separação e reencontro com os pais, na rotina diária da creche. *Paidéia*, 10 (18), 51-59.
- Melchiori, L.E., & Biasoli-Alves, Z.M. (2001). Crenças de educadoras de creche sobre temperamento e desenvolvimento de bebês. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 285-292.
- Melchiori, L. E., Alves, Z., Souza, D., & Bugliani, M. (2007). Família e creche: crenças a respeito de temperamento e desempenho de bebês. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3), 245-252.
- Molina, M. E. (2006). Transformaciones Histórico Culturales Del Concepto de Maternidad y sus Repercusiones em la Identidad de La Mujer. *Psykhé*, 15 (2), 93-103.
- Oliveira, M.R., & Dessen, M.A. (2012). Alterações na rede social de apoio durante a gestação e o nascimento de filhos. *Estudo de Psicologia*, 29 (1), 81-88.
- Pazzelo, E. T., & Fernandes, R. (2004). A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferenças de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não tem filhos. In *Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Economia, Anais Anpec*. Recuperado em Janeiro 20, 2012 em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A151.pdf>.
- _____. (2006). A maternidade afeta o engajamento da mulher no mercado de trabalho? Um estudo utilizando o nascimento de gêmeos como um experimento natural. *Estudos Econômicos*, 36 (3), 507-538.

- Piccinini, C.A., Lopes, R.C.S., Averbuch, A.R., Castoldi, L., Gianluppi A.G. & Ribeiro, L.S. (1999). *Entrevista sobre a experiência da maternidade (primeiro trimestre do bebê)*. Instrumento não publicado. Instituto de Psicologia, Universidade federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- _____, Gomes.A., Nardi, T., & Lopes, R. S. (2008). Gestação e a Constituição da Maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13 (1), 63-72.
- _____, Pereira, C.R., Marin, A., & Lopes, R.S. (2007). O Nascimento do Segundo Filho e as relações Familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3), 253-261.
- _____, C. A., Silva, M., Gonçalves, T.R., Lopes, R., & Tudge, J.(2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 303-314.
- Pinto, I.D., Padovani, F.H., & Linhares, M.B. (2009). Ansiedade e Depressão Materna e Relatos sobre bebês prematuros. *Psicologia: Teoria & Pesquisa*, 25 (1), 75-83.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2001). O ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 81-95.
- _____. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.
- _____. (2006). O apoio social e a experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 16 (1), 85-96.
- _____. (2011). Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. *Psico-USF*, 16 (2), 215-225.
- Rios, M.G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26 (2), 215-225.
- Rizzo, G. (2000). *Creche: organização, currículo, Montagem e Funcionamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 2-17.
- _____, M.L. (2008). Variations on an old Theme: Maternity for Women with a Very Successful Professional Career. *The Spanish Journal of Psychology*, 11 (1), 66-77.
- _____, M.L., & Rocha-Coutinho, R.R. (2011). Mulheres Brasileiras em posições de liderança: novas perspectivas para antigos desafios. *Revista Economia Global e Gestão*, 16 (1), 61-80.
- Roudisnesco, E. (2003). O poder das mães (A. Telles, Trans.). In *A família em desordem* (pp. 147- 179). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Savioli, N. (1991). *Carreira Manual do Proprietário*. RJ. Quality Mark.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: comunicação, saúde e educação*, 5 (8), 47-60.
- Schwengber, D.S., & Piccinini, C. A. (2005). A experiência da maternidade no contexto da depressão materna no final do primeiro ano de vida do bebê. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 143-156.
- _____, D.S., & Piccinini, C. (2003). O impacto da depressão pós-parto para interação mãe-bebê. *Estudos de Psicologia*, 8 (3), 403-411.
- Sigal, A.M. (2002). Algo mais que um brilho fálico: Considerações acerca da inveja do pênis. In *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. (S.L. Alonso, A.C. Gurfinkel, D.M. Breyton, Orgs.). São Paulo: Escuta.
- Silva, D.V., & Salomão, N. M. R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Revista Estudos de Psicologia*, 8 (1), 135-145.
- Soares, D. H. (2002). A escolha. In *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. (pp.39-44). São Paulo: Summus
- Soifer, R.(1980). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Souza, L. R., Rios-Neto, E.L., & Queiroz, B. L. (2011). A relação entre parturição e trabalho feminino no Brasil. *Revista Brasileira de Estatística Populacional*, 28 (1), 57-79.
- Souza, I.F., Teixeira, K.M., Loreto, M.D. & Bartolomeu, T.G. (2011). "... Não tem jeito de acordar hoje e dizer: hoje eu não vou ser mãe!": Trabalho, Maternidade e Redes de Apoio. *Oikos. Revista de Economia doméstica*, 22 (1), 46-63.
- Stern, D. (1997). *A Constelação da Maternidade: O panorama da psicoterapia pais/bebê*. (M.A. Veronese, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Tachibana, M., Santos, L., & Duarte, C.A. (2006). O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. *Psychê*, X (19), 149-167.
- Teperman, D. W. (2004). A creche atravessada pela Psicanálise. In *Colóquio LEPSI IP/FE-USP*. Recuperado em 30 de agosto, 2010, da Scielo (Scientific Electronic Library On line) em: www.scielo.br.
- Thomé, L.D., Telmo, A.Q., & Koller, S. (2010). Inserção laboral juvenil: contextos e opiniões sobre definição de trabalho. *Paidéia*, 20 (46), 175-185.
- Vanalli, A.C., & Barham, E.J. (2008). A demanda para políticas públicas adicionais para trabalhadores com filhos pequenos: o caso de professoras. *Temas em Psicologia*, 16 (2). 231-241.
- Wednt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A Utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 302-310.

- Wendland, J. (2001). A Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 45-56.
- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. (J. O. Abreu & V. Nobre., Trans.). In *O Brincar & a Realidade*. (pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1966).
- _____. (1975). Objetos Transicionais e os fenômenos transicionais. (J. O. Abreu & V. Nobre., Trans.). In *O Brincar & a Realidade*. (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953).
- _____. (1975). O Brincar: Uma exposição teórica. (J. O. Abreu & V. Nobre., Trans.). In *O Brincar & a Realidade*. (pp. 59-77). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1951).
- _____. (1975). O Lugar em que vivemos. (J. O. Abreu & V. Nobre., Trans.). In *O Brincar & a Realidade*. (pp. 145-152). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. (pp.79-87). Porto Alegre: Artes Medicas. (Original publicado em 1963).
- _____. (1983). Provisão para a criança na saúde e na crise. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. (pp.62-69). Porto Alegre: Artes Medicas. (Original publicado em 1962).
- _____. (1997). A etiologia da esquizofrenia infantil em termos do fracasso adaptativo (M. A. Veronese, Trans.). In *Pensando Sobre Crianças*. (pp. 193-196). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1967).
- _____. (1997). A influência do desenvolvimento emocional sobre os problemas de alimentação (M. A. Veronese, Trans.). In *Pensando Sobre Crianças*. (pp. 59-60). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1968).
- _____. (1999). A comunicação entre o bebê e a mãe entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1968).
- _____. (1999). A contribuição da Psicanálise à Obstetrícia. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp. 61-71). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965).
- _____. (1999). A dependência nos cuidados infantis. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp. 73-79). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1970).
- _____. (1999). A Mãe Dedicada Comum. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp.1-11). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966).
- _____. (1999). Saber e Aprender. In *Os Bebês e suas Mães*. (pp. 13-18). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1957).

- _____. (2000). A Mente e sua relação com o Psicossoma (D. Bogomoletz, Trans.). In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.332-346). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1949).
- _____. (2000). A Preocupação Materna Primária. (D. Bogomoletz, Trans.). In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).
- _____. (2000). Pediatria e Psiquiatria. (D. Bogomoletz, Trans.). In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.233-253). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1948).
- _____. (2000). Psicoses e Cuidados Maternos (D. Bogomoletz, Trans.). In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.305-315). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1952).
- _____. (2005). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. (M. B. Cipolla, Trans.). In *A família e o desenvolvimento individual* (pp.21-28). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1960).
- _____. (2005). O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. (M. B. Cipolla, Trans.). In *A família e o desenvolvimento individual* (pp.3-20). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1958).
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e Método* (A. Thorell, Trad.). Porto Alegre: Bookman.

CONSIDERAÇÕES FINAIS- A experiência do Mestrado

“A psicanálise, além de ser um processo doloroso em si mesmo, não altera o fato de que a vida é difícil. O melhor que pode acontecer é a pessoa que está analisada vir gradualmente a se sentir cada vez menos à mercê de forças desconhecidas tanto internas quanto externas, e cada vez mais capaz de lidar à sua própria maneira com as dificuldades inerentes à natureza humana, ao crescimento pessoal e à gradual obtenção de um relacionamento maduro e construtivo com a sociedade”
(Winnicott, 1945/1997)

Ao abordar o tema maternidade e a separação mãe-bebê o estudo aqui proposto não teve como objetivo olhar para tal fenômeno de maneira idealizada. Pelo contrário, considerase fundamental, em um período de grandes transformações na vida da mulher, aflorar sentimentos estranhos, por vezes ambivalentes, que possibilitem a ela, mesmo que de forma dolorosa, aproximar-se de uma experiência única, o ser mãe.

As histórias dos casos estudados permitiram a autora desta pesquisa compreender a complexidade que é a chegada de um filho na vida de uma mulher. As mães aqui estudadas suscitaram uma desconforto por parte de quem buscou compreendê-las, pois a forma como o projeto estava construído não dava conta da importância e bem estar das mulheres no âmbito profissional. Os resultados da dissertação como um todo, mostram que nem as próprias mulheres imaginam a dimensão de esforços que a experiência da maternidade despande, exigindo das mulheres uma dimensão diferente, do ser, que muitas vezes as assustam, pois elas encontram-se muitas pautadas no fazer.

Por isso, contínuos estudos a respeito da maternidade não esgotarão os temas em torno da relação mãe-bebê, na medida em que este é reinscrito pela forma que a mulher é entendida na sociedade. Dessa forma, uma reflexão frente a tantas modificações é o papel das educadoras diante dos bebês de quatro meses. Se as mães estão certas de que não querem ocupar-se em tempo integral de seus bebês, a comunidade científica que muito favoreceu o entendimento da importância da mãe nos momentos precoces de subjetivação deste, tem a contribuir para aprofundar sob o ponto de vista das próprias professoras, quanto a apropriação das necessidades dos bebês.

Na trajetória de pesquisadora os temas de maternidade e paternidade sempre foram fontes de interesse, ao entrevistar as mães sentiu-se muito por não ter chamado os pais para este estudo. Considero que independente do momento de vida deste bebê, seja na concepção, na gestação, no puerpério ou no momento de separação mãe-bebê, como foi o foco da

dissertação, os homens pais tem algo a dizer, principalmente diante do que lhe é esperado como pai na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 163-185.
- Bernardino, L. F., & Kamers, M. (2003). A creche e o brincar: alternativas para a educação no primeiro ano de vida. *Estilos da Clínica*, 8 (15), 48-57.
- Brazelton, T.B., & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. (M.B. Cippola, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Flach, F., & Sordi, R. (2007). A Educação infantil escolar como espaço de subjetivação. *Estilos da Clínica*, 12 (22), 80-99.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (n.esp), 31-38.
- Granato, T.M., & Aiello-Vaisberg, T.M. (2009). Maternidade e colapso: consultas terapêuticas na gestação e pós-parto. *Paideia*, 19 (44), 395-401.
- Hewlett, S.A. (2002). Executive Woman and the Myth of Having it all. *Harvard Business Review*. 1-10.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Recuperado em Janeiro 05, 2011 em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000147.pdf>
- Jerusalinsky, J. (2009). A maternidade e o Gozo fálico. In *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo* (pp. 122-134). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- _____. (2002). Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebê. Salvador: Ágama.
- Kehl, M.R. (2008). *Deslocamentos do Feminino*. (2.ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Kupfer, M. C., Jerusalinsky, A., Bernardino, L., Wanderley, D., Rocha, P. S., & Molina, S. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath*, 6 (1), 48-68.
- Mariotto, R. M. M. (2003). Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise. *Estilos da Clínica: A Revista sobre a Infância com Problemas*, 8 (15), 34-47.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: comunicação, saúde e educação*, 5 (8), 47-60.

Sigal, A.M. (2002). Algo mais que um brilho fálico: Considerações acerca da inveja do pênis. In *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. (S.L. Alonso, A.C. Gurfinkel, D.M. Breyton, Orgs). São Paulo: Escuta.

Winnicott, D. W. (1975). O Brincar e a Realidade (J. O. Abreu & V. Nobre., Trans.). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. (pp.79-87). Porto Alegre: Artes Medicas. (Original publicado em 1963).

_____. (2000). A Preocupação Materna Primária. (D. Bogomoletz, Trad.). In *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (pp.399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1956).

_____. (1997). Para um estudo objetivo da natureza humana. In *Pensando Sobre Crianças*. (pp.31-41). Porto Alegre: Artmed.(Original publicado em 1945).

ANEXOS**ANEXO A****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Sou a psicóloga Greyce Rocha Beltrame (CRP 07/18664), mestranda vinculada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, e estou realizando uma pesquisa sobre a experiência da maternidade frente a separação do bebê, sob orientação da Prof^a Dr^a. Tagma Marina Schneider Donelli (CRP 07/08743).

Esta pesquisa objetiva investigar a experiência da mãe em relação à separação do primeiro filho, no período de adaptação dele na escola de educação infantil, devido ao fim do período de licença-maternidade. Os resultados desse estudo proporcionarão um maior conhecimento do tema na nossa realidade e poderão ajudar, posteriormente, as mães que matricularem seus bebês na escola de educação infantil e os professores que atenderão os bebês. Caso aceite participar, realizará três entrevistas e o representação gráfica da família do casal que serão realizadas na Escola Infantil onde seu filho (a) está matriculado (a).

Dessa forma, estou a convidando a participar desse estudo, e peço sua autorização através da assinatura desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O termo será assinado em duas vias, ficando uma em sua posse e a outra comigo. Os dados de todos os participantes da pesquisa são confidenciais. É possível que os resultados da pesquisa sejam divulgados em eventos e publicações científicas, no entanto, eles serão apresentados sempre de maneira geral, com informações fictícias sobre os dados dos participantes para evitar identificações.

É importante salientar que a sua participação na pesquisa é totalmente voluntária. A qualquer momento você pode solicitar o esclarecimento das suas dúvidas, relativas ao projeto e à sua metodologia, bem como desistir de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. O telefone para contato é (55) 99772238 com Greyce Rocha Beltrame.

_____, ____ de _____ de 2011.

Assinatura da pesquisadora

Eu _____(nome da participante), declaro que
fui informada dos objetivos da pesquisa e aceito participar do estudo.

Assinatura da participante

ANEXO B*Entrevista de Dados Demográficos da Mãe*

Nome:
Idade:
Escolaridade:
Ocupação:
Horas semanas:
Tempo de Trabalho:
Reside com quantas pessoas? Quem?

Nome:
Idade do esposo:
Escolaridade do esposo:
Ocupação:
Horas semanas:
Tempo de trabalho:

Anos casado/ união estável:
Idade do filho:
Dia do início do processo de adaptação: ___/___/___
Data do retorno ao trabalho: ___/___/___
Recebe algum auxílio educação ou desconto da escola?

ANEXO C

ENTREVISTA ADAPTADA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE (GIDEP-UFRGS) (Primeiro trimestre do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros seis meses.
(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar mais sobre...
 - Como está o desenvolvimento/crescimento do bebê?
 - O que ele já é capaz de fazer que te chama mais atenção (quais as suas habilidades)?
 - Como tu descreverias o jeito do teu bebê?
 - Era como tu imaginavas? (se não era) O que está diferente?
 - Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?
 - O bebê teve cólicas neste período? Como foi? O que tu fazias para acalmá-lo?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe pela primeira vez.
(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...
 - Como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?
 - Como tu estás te sentindo como mãe?
 - Que dificuldades tu tem sentido?
 - Tu imaginavas que seria assim?
 - Como tu te descrevias como mãe?

3. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com teu bebê.
(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...
 - Que tarefas tu tem assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
 - Que coisas tu mais gosta de fazer com ele? Por quê?
 - Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
 - Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
 - Como ele reage a estas brincadeiras?
 - Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu marido/companheiro como pai.(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...
 - Como é o jeito dele lidar com o bebê?
 - Como tu achas que ele está sendo como pai?
 - Era como tu imaginavas?
 - Que tipo de apoio ele tem dado neste período? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê? Como ele reage?

5. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?
(caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...
 - Quantas horas esta pessoa fica?
 - Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
 - O que te agrada? O que te incomoda?

- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage? Como esta pessoa é com ele?
- (caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa) Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc).

6. O bebê está entrando na escola de educação infantil.
(caso não tenha mencionado)

- Com que idade ele está?
- Quantas horas ele ficará na Escola?
- Como imaginas que será o processo de adaptação dele?
- Como estas te sentindo? E em relação a escola?
- O que vocês levaram em conta na escolha pela escola?
- Porque escolheram a escola que ele está?

ANEXO D

Entrevista Semi- Estruturada Sentimentos diante a Separação Mãe e Bebê e o Retorno ao Trabalho

- Qual a importância do trabalho/ carreira na tua vida?
- Como foi a escolha de seu trabalho/carreira?
- Desde que idade você trabalha?
- O que faz, em seu trabalho?
- O que você acha do teu trabalho?
- Como sente-se o realizando?
- E como te sentistes nesses ____meses (período da licença-maternidade) junto com o bebê?
- Como está te sentindo em ficar ____horas distante do bebê?
- Como você imagina que será a volta ao trabalho?
- Quais são as dificuldades que tu imaginas que vais encontrar?

ANEXO E

Genograma familiar do Casal Adaptado à mãe (Adaptado de Carter & McGoldrick, por Castoldi & Sobreira Lopes, 1998) (GIPED- UFRGS-v6/98)

“Eu gostaria que você me ajudasse a fazer um desenho da sua família de origem e da família de seu marido: dos seus pais, irmãos, tios e avós...e os dele. Gostaria que me contasse quem são as pessoas que fazem parte de sua família, quais as idades e ocupações... Eu gostaria de assinalar as pessoas que já morreram, que estão doentes ou que apresentam alguma situação especial... Pode começar por onde quiser...”

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos):

Você poderia me falar um pouco sobre...

1. Como é o relacionamento entre as pessoas da sua família?
2. Existe alguma ligação especial entre os familiares?
3. Existe alguma briga especial entre os familiares?
4. Eu agora vou listar para vocês uma série de dificuldades (eventos estressores) e gostaria que vocês me falassem quando algum deles aconteceu com vocês:
 - Hospitalização
 - Doença grave na família
 - Doença mental
 - Uso constante de medicação
 - Uso constante de álcool ou outras drogas
 - Acidente
 - Nascimento de um filho doente
 - Adoção
 - Aborto
 - Afastamento temporário de filho
 - Entrada ou saída de pessoas na família
 - Mudança de cidade
 - Mudança de endereço
 - Aposentadoria
 - Encarceramento
 - Separação do casal
 - Conflitos graves na família
 - Perda ou mudança de emprego
 - Perda de pessoas da família
 - Perda de amigos
5. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

